

ENCONTROS ENTRE A PEREGRINAÇÃO E O TURISMO

DE CONDEIXA-A-NOVA A CONÍMBRIGA
PROPOSTA DE CAMINHOS E DE UM ALBERGUE



Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada
ao Departamento de Arquitectura , FCTUC em Fevereiro de 2016
Sob a orientação de Professor Doutor Carlos Moura Martins

Lia Raquel Marcedo Teodósio

ENCONTROS ENTRE A PEREGRINAÇÃO E O TURISMO

DE CONDEIXA-A-NOVA A CONÍMBRIGA
PROPOSTA DE CAMINHOS E DE UM ALBERGUE

Nota Prévía

O presente trabalho não segue o novo acordo ortográfico.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Carlos Moura Martins, pela orientação, interesse e disponibilidade.

Aos meus pais, por todos os esforços, apoio e compreensão.

À minha irmã, por nunca dizer que não.

À restante família, pela preocupação.

Ao Mauro, pelo entendimento, presença e suporte.

À Maria, pelo apoio, amizade e disponibilidade incondicionais.

À Alexandra, por tudo e por sempre.

À Micaela e à Diana, por acreditarem.

Aos 'Jorge's, pelo incentivo.

Aos restantes amigos, pelo apoio.

Ao Darq, por tudo o que me deu.

Aos que tornaram possível a conclusão deste trabalho e desta importante etapa.

A todos, o meu sincero agradecimento.

PALAVRAS-CHAVE E RESUMO

Palavras-chave:

Turismo; Património; Condeixa; Conímbriga; Peregrinação; Fátima; Caminhos de Santiago; Santiago de Compostela

Resumo:

A crescente primazia da actividade turística, particularmente a partir do século XX, veio despoletar alterações significativas nos modos de conceber os desenvolvimentos local e regional. O progresso das sociedades, causa e efeito das melhorias ao nível da qualidade de vida, trouxe consigo novos interesses e novas formas de olhar o território. O Turismo, e em particular os Produtos Turísticos, assumem-se hoje como mais-valias em vários âmbitos, dos quais se destacam benefícios culturais, sociais e económicos. No caso particular do Turismo Cultural, uma associação do Património ao Turismo, a procura por lugares emblemáticos e o aprofundamento do seu conhecimento são importantes factores na valorização do território.

Condeixa-a-Nova tem, no seu domínio, aquele que constitui o mais importante exemplar do património arqueológico em Portugal: as ruínas da antiga cidade romana de Conímbriga. Sendo o turismo um factor basilar de desenvolvimento local e regional, este trabalho defende a potenciação da região em causa, por meio de um melhor aproveitamento dos seus recursos patrimoniais, preservando a sua identidade e memória, ao longo das gerações futuras.

As Ruínas de Conímbriga são, assim, o ponto de ancoragem da presente dissertação, já que a afluência anual de turistas àquele lugar (entre 85 a 100 mil pessoas) comprova a sua importância e relevância nos panoramas nacional e internacional. Concomitantemente, Condeixa beneficia da passagem de milhares de peregrinos em direcção a Fátima e a Santiago de Compostela, pelas ruas e trilhos do concelho, que fazem parte dos Caminhos de Santiago.

Reunidos estes pressupostos e analisados alguns conceitos teóricos fundamentais, a presente dissertação propõe uma nova organização do território de Condeixa-a-Nova em termos de circuitos pedonais e cicláveis, de forma a fomentar a interligação de dois elementos que, até agora, se encontram distanciados: a vila e Conímbriga. O elo entre estes dois elementos será também facilitado pelo novo Museu PO.RO.S que serve precisamente esse propósito e, por isso, será central nesta demanda.

Além dos itinerários turísticos e de peregrinação, é ainda proposta a construção de um Albergue destinado ao acolhimento de peregrinos e de turistas, melhorando, desta forma, a capacidade do município para acolher os públicos que o procuram. A escolha do lugar para a implantação do albergue deveu-se à existência neste local de uma estrutura em betão armado de um edifício inacabado e posteriormente abandonado. O novo edifício incorpora a estrutura já existente, repetindo o seu módulo e os seus níveis. Situado defronte do Museu PO.RO.S e junto do Parque Verde da Ribeira de Bruscos, o albergue relaciona-se com o espaço aberto em redor e acolhe os peregrinos num espaço simultaneamente de abrigo e de passagem, o que é facilitado pela sua forma em “U”, com galeria aberta para o pátio central.

KEY WORDS AND ABSTRACT

Key words:

Tourism; Heritage; Condeixa; Conímbriga; Pilgrimage; Fátima; Santiago de Compostela; Way of Saint James

Abstract:

The great improvement of tourism activities throughout the twentieth century, brought significant changes in the way of thinking and implementing local and regional development strategies. The enhancements on quality of life led to the progress of societies, which brought along new interests and new ways on approaching the territory. Tourism and, particularly, its Products, are seen as important assets in several areas, mainly bringing social, cultural and economic benefits. Especially in Cultural Tourism, a Product that combines Tourism and Heritage, the search for iconic places and the deepening of knowledge concerning them, are key factors that convey more value to the territory.

Condeixa-a-Nova has, in its domain, one of the most important examples of archeological heritage in Portugal: the relics of the ancient roman city of Conímbriga. Being Tourism a vital feature of local and regional development, this dissertation supports the enhancement of this region, through a better use of its heritage resources, preserving its identity and memory for future generations.

Thus, the Conímbriga Relics are the anchorage of this work, since its annual inflow of tourists (about 85 to 100 thousand people) proves its importance and relevance in the national and international scene. Concomitantly, Condeixa benefits from the passage of thousands of pilgrims on their way to Fátima and Santiago de Compostela, through the streets and ways of the county, which are part of the Way of Saint James.

After gathering these assumptions and analyzing some basic theoretical concepts, the goal of this work is to achieve a new territorial organization for Condeixa-a-Nova. Concerning its pedestrian and cycling routes, the aims to foster the connection between two elements that are now totally apart from each other: the town of Condeixa and the Conimbriga Relics. The link between them will also be reinforced by the new PO.RO.S Museum, which actually intends to do so and, therefore, is essential to this new territorial organization.

In addition to the rethinking of the routes, it is also suggested the construction of a hostel, accommodating both pilgrims and tourists, boosting the welcoming capacity of the city towards everyone who seeks it. The choice of the place for the hostel was due to the previous existence of a reinforced concrete structure of an unfinished and abandoned building. The new building incorporates the existing structure, repeating its module and its levels. Situated in front of PO.RO.S Museum and along the Green Park of Ribeira de Bruscos, the hostel is related to the open space around and welcomes pilgrims in a space that is simultaneously shelter and passage, which is facilitated by its “U” shape with an open gallery to the central courtyard.

SUMÁRIO

Introdução	15
Parte I – Condeixa-a-Nova – uma perspectiva turística	23
1. Contextualização geográfica e temática do território	25
2. Turismo e Património. O turismo e o património de Condeixa-a-Nova	31
3. Ruínas Romanas de Conimbriga e Museu Monográfico	47
Parte II – Condeixa-a-Nova no panorama da peregrinação	61
4. Caminhos de Santiago. O Caminho Português de Santiago	63
5. Rotas de Peregrinação a Fátima	91
6. Os Caminhos por Condeixa	109
Parte III – HABITANTE – PEREGRINO – TURISTA	125
7. Peregrino, turista ou peregrino-turista?	127
8. Proposta de Caminhos de Peregrinação	133
9. Proposta de Albergue em Condeixa	151
Considerações Finais	159
Parte IV – ANEXOS	163
Referências Bibliográficas	187
Referências em linha	193
Referências de Imagens	195

INTRODUÇÃO

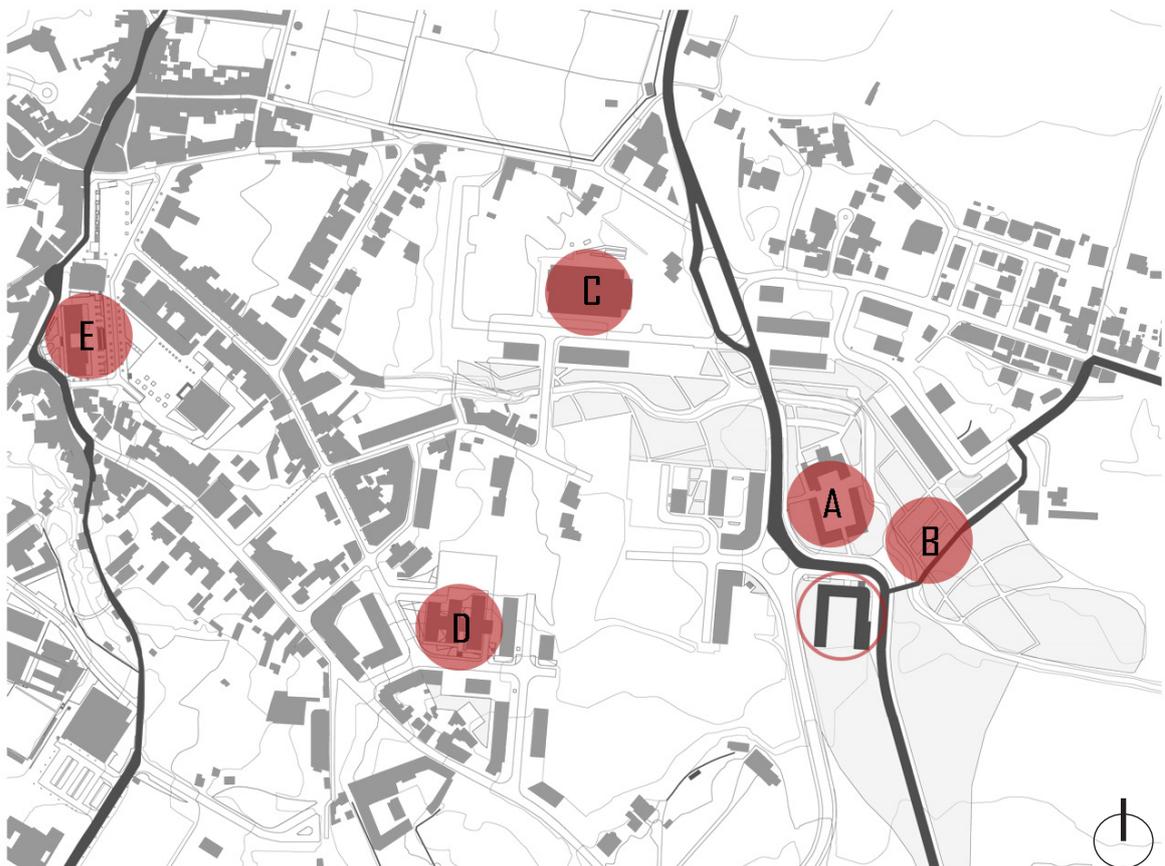
A proximidade com o município de Condeixa-a-Nova e a familiaridade com as suas fragilidades e potencialidades foram as principais razões para a escolha desta matéria como tema da dissertação. O território de Condeixa-a-Nova (ou apenas “Condeixa” como é habitualmente designado) é constituído por grande variedade temática. Desde o património edificado aos recursos naturais, às paisagens e aos costumes, oferece potenciais pontos a explorar, de uma forma sustentável e rentável para o desenvolvimento regional.

É comum ouvir-se dizer que Condeixa-a-Nova é considerada a vila portuguesa com mais casas-palácio, em proporcionalidade com a sua dimensão. Além disso e de outras atracções, é também neste concelho que se ergue o principal núcleo arqueológico em território luso, como é a vetusta cidade romana de Conímbriga. O complexo arqueológico juntamente com o seu Museu Monográfico constituem o principal foco de atracção turística da região. O seu principal público é a comunidade educativa, nas deslocações que faz ao local em visitas de estudo, particularmente entre os meses de Março e Maio. Nos meses de Junho a Agosto são mais comuns as visitas de turistas em viagens organizadas, estrangeiros e nacionais, e ainda famílias em passeios de fim-de-semana.¹

Além da abordagem turística, o outro tema essencial desta dissertação é a peregrinação. Nesta área Condeixa está também em posição favorável. A sua localização geográfica proporciona condições para que as suas estradas e ruas sejam anualmente percorridas por milhares de peregrinos que se dirigem ao Santuário de Fátima. Fátima é de facto uma das grandes causas da movimentação de devoções e fé no nosso país, mas não é única. A peregrinação a Santiago de Compostela, apesar do seu carácter internacional, tem bastante actividade no nosso país. O Caminho Português é o segundo Caminho mais utilizado pelos peregrinos para alcançarem a Catedral de Santiago.

É com base nestas duas matérias, o Turismo e a Peregrinação, que as linhas de estruturação desta dissertação se estabelecem. Há, no entanto, uma linha fundamental que rege todo o processo. O afastamento físico entre a vila de Condeixa-a-Nova e o complexo arqueológico das Ruínas Romanas de Conímbriga é uma barreira física que tem vindo a revelar-se difícil de ultrapassar. Neste sentido, o fundamento da nossa intervenção é exactamente o desenvolvimento de estratégias que visem a ligação efectiva entre os dois pontos referidos. Nos entretantos, recorreremos às potencialidades e características da peregrinação para valorizar o nosso projecto.

1 Segundo dados cedidos pelo Museu Monográfico de Conímbriga, em termos percentuais, 60% do público que visita Conímbriga é nacional e 40% é estrangeiro. De entre os nacionais, cerca de 15% corresponde a público escolar.



- A** Museu PO.RO.S
- B** Parque Verde da Ribeira de Bruscos
- C** Mercado Municipal
- D** Centro de Saúde
- E** Câmara Municipal
- Albergue

1 | Localização do albergue

A proposta que apresentamos reúne duas estruturas: a primeira é a criação e requalificação de uma rede de percursos pedonais e cicláveis que permitam aceder às Ruínas de Conímbriga e a Condeixa-a-Nova, particularmente através do novo Museu PO.RO.S (Portugal Romano em Sicó) e do Museu Monográfico de Conímbriga; a segunda estrutura é um albergue destinado principalmente ao acolhimento de peregrinos mas que também pode ser utilizado por turistas, como forma de valorizar a oferta de alojamento disponível em Condeixa.

A insegurança rodoviária que os peregrinos atravessam, aquando das suas deslocações ao Santuário de Fátima, é sem dúvida uma realidade preocupante. Não obstante os esforços que têm sido efectuados para desviar os itinerários para caminhos mais interiores e rurais, o aumento do número de quilómetros percorridos não tem permitido alcançar a eficiência desejada para esse projecto.

A proposta que apresentamos para a colocação no território de Condeixa de uma rede de percursos pedonais tem como objectivo, não só o vínculo efectivo entre a vila e a cidade romana, como também a utilização destes percursos turísticos como itinerários de peregrinação. Pretendemos, com esta nossa proposta, que a mesma estrutura física - o caminho - possa convergir na utilização por parte de turistas e de peregrinos. A passagem do caminho junto às Ruínas de Conímbriga despertará no peregrino o possível interesse numa futura visita aquele lugar.

No caso da peregrinação a Santiago de Compostela, efectivamente o Caminho Central Português tem já o seu itinerário traçado, sendo que as Ruínas de Conímbriga fazem parte dessa rota. No entanto, e para aqueles que querem passar ali algum tempo, poderão ter a oportunidade de se alojar no albergue que propomos construir. Apesar de não se localizar no Caminho, o desvio para o alcançar não é significativo e permite facilmente que o Caminho seja retomado a partir da sua localização. Propomos a sua implantação junto do Museu PO.RO.S, tomando como base uma estrutura edificada inacabada e posteriormente abandonada que, no momento, não confere a dignidade propícia ao local (*imagem 1*).

A essência e a pertinência desta dissertação é a potenciação do território de Condeixa-a-Nova e, especificamente de Conímbriga, numa abordagem turística, tendo em conta a utilização do lugar por turistas e peregrinos. Deste modo, este trabalho é composto por duas fases: uma teórica e outra prática. Na primeira e segunda partes será feita uma abordagem temática e de contextualização; já a terceira parte remete para a apresentação da proposta. Para se compreender a globalidade dos temas estudados, iniciamos, na primeira parte, com o temática do Turismo. O primeiro capítulo refere-se à caracterização do território em estudo em termos geográficos. A centralidade de Condeixa, a proximidade com a cidade de Coimbra e a sua antiguidade como ponto de passagem entre as duas outras grandes cidades, como são Porto e Lisboa, são alguns dos assuntos tratados. Segue-se um segundo capítulo dedicado exclusivamente ao turismo e, especificamente, ao turismo no concelho de

Condeixa. Desde os seus singulares palácios até ao legado romano, passando pelas paisagens e potencialidades de Sicó, a riqueza do turismo de Condeixa é trabalhada no Capítulo 2. O Capítulo 3 da primeira parte é exclusivamente dedicado ao principal atractivo turístico que é o Complexo Arqueológico das Ruínas Romanas de Conímbriga e o seu Museu Monográfico. A complexidade deste tema não permite uma abordagem minuciosa num só capítulo. Ainda assim, neste último capítulo da primeira parte, referem-se as origens de Conímbriga e a evolução até ao que nos é apresentado hoje, as campanhas de escavação e restauro, e ainda a evolução do Museu Monográfico.

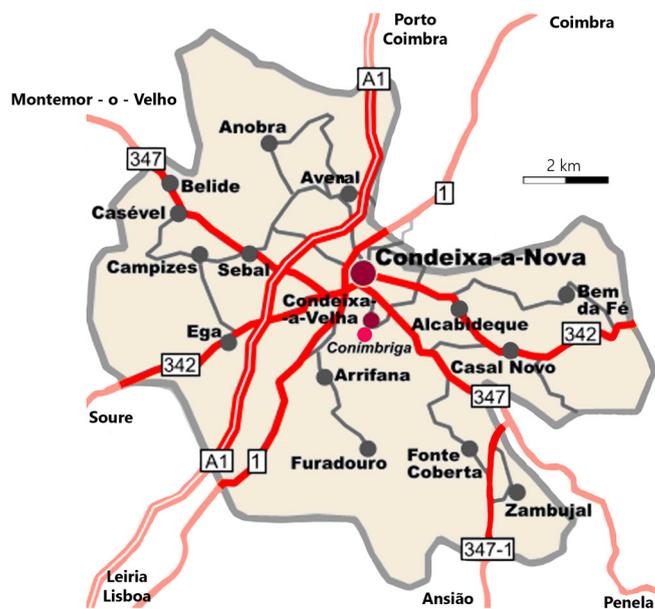
Sendo a Parte I dedicada ao tema do Turismo, a Segunda Parte é exclusivamente dedicada à Peregrinação. Do mesmo modo, esta Parte II encontra-se dividida em três capítulos: os Caminhos de Santiago, os Caminhos de Fátima e o papel de Condeixa no panorama da peregrinação. Numa abordagem superficial, tendo em conta que não se trata do tema essencial desta dissertação, é feita uma contextualização do tema “Caminhos de Santiago” partindo das suas origens e do Apóstolo S. Tiago, passando pela história e evolução das peregrinações, convergindo, finalmente, para o Caminho Central Português. No segundo capítulo expõe-se a história e a evolução das peregrinações a Fátima, desde as aparições à evolução do Santuário. Finalmente, no terceiro capítulo, são explicados os Caminhos que passam por Condeixa e de que forma Condeixa está capacitada para os “receber”.

Igualmente estruturada em três capítulos, a terceira e última parte é onde se revela a proposta de intervenção, tendo em conta os temas apresentados anteriormente. No primeiro capítulo, com o objectivo de consolidar a relação entre o turista e o peregrino, estuda-se os pontos comuns e os pontos de divergência, propondo, conseqüentemente, a existência de um terceiro elemento: o peregrino-turista. É essencialmente com estas entidades que o nosso projecto tem fundamento, pois serão elas o principal público-alvo. É após a análise e caracterização que se revelam as propostas: no Capítulo 2, os Caminhos, e no Capítulo 3, o Albergue. Quanto aos caminhos turísticos e de peregrinação, a nossa proposta refere a existência de quatro possibilidades, sendo que cada uma delas serve um propósito diferente, mas sempre tendo em vista um objectivo comum: a passagem pelas Ruínas de Conímbriga. No último capítulo é apresentada a proposta para a construção do já referido albergue. Este será tido como o principal ponto de ancoragem de peregrinos e de turistas na região para uma estadia mais prolongada.

Para suportar as nossas propostas houve recurso à representação de elementos gráficos, tanto para a apresentação dos percursos definidos como do Albergue. As plantas surgiram depois de feito o levantamento do esqueleto da estrutura que se ergue no local escolhido para a implantação do edifício do Albergue. Posteriormente, foi efectuada a sua modelação em três dimensões assim como do terreno onde este se insere. Esta modelação foi utilizada para apresentar as fotomontagens relativas ao projecto.

PARTE I

Parte I – Condeixa-a-Nova: uma perspectiva turística



2 | *Localização geográfica de Condeixa -a-Nova*

3 | *Principais vias de acesso a Condeixa-a-Nova*

1. Contextualização geográfica e temática do território

Conhecer a realidade sobre a qual se estuda é essencial para a valorização de qualquer intervenção. Especialmente no nosso estudo, é fundamental entender o território, as suas gentes e histórias, o que oferece e o que tem para conhecer, tendo em conta o cariz da intervenção que nos propomos fazer.

Condeixa-a-Nova, pela sua posição e localização geográficas, não só pela proximidade com a cidade de Coimbra como também pelo tipo de ambiente onde se insere, é uma vila bastante privilegiada no panorama nacional. Não tem uma dimensão muito grande quando comparada com outras vilas, mas o crescimento demográfico que tem vindo a registar faz-se notar na sua expansão, talvez pela referida proximidade com uma importante cidade, não só nos nossos dias como em tempos já passados¹. Com uma área de cerca de 141,16 km², é administrativamente dividida em sete freguesias (Anobra, Condeixa-a-Velha e Condeixa-a-Nova, Ega, Furadouro, Sebal e Belide, Vila Seca e Bendafé, e Zambujal). Com uma população de 17 078 pessoas², distribuídas por 88 lugares, o concelho insere-se na faixa litoral da zona Centro, a 192 km a norte de Lisboa, a 120 km a sul do Porto e apenas a 12 km de Coimbra. Os limites do concelho chegam a Montemor-o-Velho (Noroeste), Coimbra (Norte), Miranda do Corvo (Nordeste), Penela (Sudeste) e Soure (Sudoeste) (*imagens 2 e 3*).

Depois do abandono definitivo da velha cidade de Conímbriga, em 878, os poucos habitantes da cidade que ali restavam, fixaram-se na vertente norte do promontório onde se inseria Conímbriga, acabando por ali fundar Condeixa³ (GASPAR, 1983⁴). Já no século XII, no reinado de D. Afonso Henriques, os terrenos da Condeixa actual foram concedidos ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e terá sido então que os seus frades fundaram Condeixa-a-Nova. O nome 'Condeixa-a-Nova' aparece escrito pela primeira vez apenas em 1219, já no reinado de D. Afonso II, terceiro rei de Portugal e neto de D. Afonso Henriques. Nesta época a povoação de Condeixa tinha cerca de 800 m², expandindo-se entre a actual Igreja Matriz e a Rua Nova, limitada pelo Palácio dos Sás (GASPAR, 1983:14).

A expansão demográfica e territorial não foi tão imediata como seria expectável. Elevada à categoria de vila por D. Manuel I em 1514 e com a estrada Lisboa-Porto a passar

1 A cidade de Coimbra foi capital do reinado português, foi a cidade onde nasceram quase todos os reis da primeira dinastia, foi palco de "milagres", é onde está sepultado o primeiro rei de Portugal e foi ainda onde se implantou a mais antiga universidade do mundo.

2 Segundo a informação obtida através dos Censos 2011.

3 Fala-se aqui de Condeixa, mas o local remete para onde actualmente se ergue a aldeia de Condeixa-a-Velha, pois só mais tarde, com o aparecimento de Condeixa-a-Nova se começa a fazer a distinção entre Condeixa (referindo Condeixa-a-Nova) e Condeixa-a-Velha.

4 GASPAR, J. (1983). *Condeixa-a-Nova*, 2^a. ed., pág. 13



4 | Traçado aproximado da Estrada Real, em Condeixa

5 | Serra de Sicó, ao fundo

pela vila⁵ (*imagem 4*), em 1601 Condeixa já registava quase 200 fogos e entre 800 a 1000 habitantes. “E a estrada-real, a mala-posta, os viajantes, os homens de dinheiro e comércio e a proximidade de Coimbra continuaram a rasgar novos horizontes a Condeixa-a-Nova, terra de bom agro e encantadores vergéis.” (GASPAR, 1983:19).

Depois de recuperar dos destroços que a Terceira Invasão Francesa provocou nos seus povoados, é já em meados do século XIX que Condeixa recebe, pela mão da Rainha D. Maria II a elevação a concelho, em 1838, e a vila, definitivamente, em 1845. A expansão que Condeixa registava até ao momento sofreu grande decréscimo com a extinção da mala-posta, aquando da inauguração do caminho-de-ferro (que não passou em Condeixa por oposição de um habitante que não aceitou a possibilidade de as linhas cruzarem as suas propriedades). “Os homens de negócios, os viajantes endinheirados e ainda aqueles que viviam na sombra da mala-posta deixaram de animar a vila e de lhe dar rendimento.”⁶ Assim, se em 1864 se contavam 271 fogos e 1173 habitantes, em 1878 há um decréscimo para 249 fogos mas contam-se 1775 habitantes. A recuperação foi conseguida, aos poucos, com o dinamismo da população e com a riqueza dos seus terrenos agrícolas, de tal forma que em 1900 já se registavam 414 fogos e 1692 habitantes (GASPAR,1983:21).

O território em que se insere a vila de Condeixa é essencialmente caracterizado por ambientes naturais, com paisagens únicas de serra e planaltos de olivais (*imagem 5*). “O aspecto da região, depois de passar Coimbra, sofre grande transformação, particularmente na paisagem. Torna-se repentinamente pedregosa, com terras calcárias, searas de trigo, oliveiras, ciprestes e uma luminosidade límpida no céu.”⁷ Têm grande destaque nas paisagens locais os sistemas montanhosos que se erguem a Sul e a Sudeste (a Serra de Janeanes e do Furadouro, respectivamente) e a abundância de água corrente, como a Ribeira de Bruscos e o Rio dos Mouros. É ainda de registar um franco desenvolvimento urbano nos últimos anos, com a construção de novas zonas habitacionais que conferem a possibilidade do aumento demográfico no concelho. A proximidade com a cidade de Coimbra potencia a utilização das zonas residenciais de Condeixa.

Condeixa é um dos seis municípios que constituem as denominadas “Terras de Sicó”, por integrar o conjunto de territórios tocados pelo grande maciço calcário carsificado, o maciço de Sicó. “(...) rico em geoformas com significado patrimonial e valor turístico, paisagens de grande espetacularidade cénica, patrimónios histórico-arqueológicos de grande relevância regional e nacional, importantes testemunhos da cultura popular nas

5 A estrada Lisboa-Coimbra (primeiro fase da estrada Lisboa-Porto) foi reconstruída e alargada por iniciativa do Estado, já no século XVIII, “para favorecer a economia nacional”. Por aqui “transitou a mala-posta, que partia da capital às 5 horas das 2.^{as}, 4.^{as} e 6.^{as} feiras e, de Coimbra para Lisboa, nos mesmos dias.” (GASPAR, 1983:19)

6 *idem*, pág. 21

7 *idem*, pág. 272



1 Palácio dos Almadas
(Pousada de Santa Cristina)



2 Palácio de Lemos Ramalho
(ou Palácio Sotto Mayor)



3 Palácio dos Sás



4 Palácio dos Figueiredos
(Câmara Municipal de Condeixa)



5 Palácio dos Condes de Podentes
(Quinta do Hospício)



6 Palácio da Quinta de S. Tomé
(Museu PO.RD.S)



6 | Localização dos palácios na vila de Condeixa-a-Nova

suas vertentes materiais e imateriais, memória dos povos que ao longo de muitas gerações ocuparam os cumes das montanhas e os vales calcomargosos.”⁸

A proximidade com a cidade de Coimbra exerce, ainda hoje, grande influência na relevância de Condeixa-a-Nova como vila e sede de Município. Em tempos idos, sendo Coimbra uma das principais cidades do país e com o estabelecimento da estrada Lisboa-(Coimbra)-Porto, Condeixa assume grande destaque. Os nobres e a realeza que se deslocava frequentemente à grande cidade viram em Condeixa condições excelentes para ali fixarem as suas residências e os seus majestosos palácios. Só no interior da vila estão erguidos, ainda hoje, quatro palácios, e dois outros mais distanciados, mas ainda assim relativamente próximos. O Palácio dos Almadás (agora Pousada de Santa Cristina), o Palácio Sotto Mayor ou de Lemos Ramalho, o Palácio dos Sás e o Palácio dos Figueiredos (agora Câmara Municipal) têm uma posição mais central⁹, enquanto o Palácio do Conde de Podentes e o da Quinta de S. Tomé (agora Museu PO.RO.S) estão um pouco mais distantes (*imagem 6*).

Muito próximo da vila de Condeixa-a-Nova localiza-se uma aldeia, tida como ancestral desta que agora se diz “Nova”. A velha aldeia, de seu nome Condeixa-a-Velha, teve a sua origem após o abandono de Conímbriga. Os habitantes desta cidade romana que não partiram para *Aeminium* [Coimbra], fixaram-se na vertente setentrional do planalto de Conímbriga e ali se fundou Condeixa-a-Velha. Este núcleo populacional, agora de reduzidas dimensões face a Condeixa-a-Nova, tem a particularidade de ser uma das aldeias portuguesas que se manteve quase intacta na sua morfologia urbana ao longo do tempo. Na zona mais antiga da aldeia, a que se situa mais próxima de Conímbriga, sabe-se da existência de vestígios importantes das muralhas, de casas, de arruamentos e até do anfiteatro romano¹⁰. Deste último, destruído no início do século IV d.C., ainda são visíveis três das arcadas de sustentação (*imagem 7 - pág. seguinte*) que estão no momento a ser alvo de estudos e projectos no sentido de averiguar a possibilidade de poderem voltar a integrar o perímetro arqueológico das Ruínas de Conímbriga.

No próximo capítulo iremos abordar as questões do turismo e do património, a sua relação e, mais concretamente, de que forma o concelho de Condeixa-a-Nova pode desenvolver-se e transformar os seus recursos em produtos da economia local.

8 SILVA, C. (2011). *Sicó, a dimensão cultural das paisagens. Um estudo de Turismo nas suas vertentes Cultural e Natureza*. Coimbra: Dissertação de Doutoramento em Turismo, Lazer e Cultura, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pág. 19

9 Era junto destes palácios que a estrada real Lisboa-Porto se localizava. Actualmente é a principal rua que leva ao interior da vila, passando pela Praça da República, Igreja Matriz e Câmara Municipal.

10 ALARCÃO, A. (1987). *O sítio de Conímbriga*. Coimbra: Seminário de Musealização de Sítios, Instituto Português do Património Cultural - Centro de Formação e Estudos, pág. 6



7 | *Ruínas das arcadas do anfiteatro romano em Condeixa-a-Velha*

2. Turismo e Património. O turismo/património de Condeixa-a-Nova.

O turismo é tido nos nossos dias como o principal motor de desenvolvimento das sociedades, tanto a nível económico como cultural. Os esforços a aplicar nesse sentido e os investimentos que são levados a cabo pelas autoridades com competências adequadas devem ser pensados e equilibrados de modo a que os objectivos consigam ser alcançados. Quando os outros sectores de desenvolvimento não atingem as metas pretendidas, o turismo é a principal alternativa, sendo uma actividade com grande potencial para gerar lucros e para contrariar as tendências económicas que se mostram negativas. O turismo é uma ferramenta extremamente importante em vários aspectos específicos da economia: contribui para a competitividade e para o crescimento do PIB, facilita a criação de novos empregos, incentiva a formação e especialização na área, desenvolve a região em causa de forma sustentável e equilibrada, e ainda aumenta a qualidade de vida e a prosperidade das populações (NADAIS, 2010¹¹).

Já que falamos em termos económicos, importa referir que o *“turismo é um sector estratégico para a economia nacional pelas receitas directas e indirectas que gera, contribuindo com cerca de 46 % das exportações dos serviços, e mais de 14 % das exportações totais e 10 % do PIB”*. As medidas previstas do Plano Estratégico Nacional de Turismo (PENT), no sentido de uma reorientação do turismo português para um novo paradigma, agora mais realista, vão ao encontro da tendência global da expansão da actividade turística. Estimativas da Organização Mundial de Turismo (OMT) apontam para que o turismo cresça, até 2030, a nível mundial, a um ritmo de cerca de 3,3 % ao ano, o que representa um fluxo de mais 40 a 43 milhões de turistas e traduz um ciclo de oportunidades para os negócios do turismo em Portugal¹².

O PENT é uma ferramenta criada pelo governo, sob responsabilidade do Ministério da Economia e da Inovação, no sentido de orientar e sustentabilizar as acções tomadas para desenvolver o crescimento do Turismo Nacional. Esta orientação foi regida tendo em conta 5 eixos guia, geridos em 11 projectos de cooperação. No PENT estabelecido para o horizonte 2010-2015, os 5 eixos de actuação são: I – Qualidade turística sustentável; II – Enriquecimento da oferta; III – Produtos e destinos; IV – Mercados e Acessibilidades; V – Promoção e distribuição. As 11 linhas estruturadoras dessa actuação são: 1 – Sustentabilidade como modelo de desenvolvimento; 2 – Mercados emissores; 3 – Acessibilidades aéreas; 4

11 NADAIS, C. (2010). *O Turismo e os Territórios da Espiritualidade. Os Caminhos de Santiago em Portugal*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em Lazer, Património e Desenvolvimento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

12 Revista Portugal Global nº. 61, Janeiro de 2014, retirada de <http://www.revista.portugalglobal.pt/AICEP/PortugalGlobal/Revista61/>, acedido em Setembro de 2015.

– Estratégia de produtos; 5 – Regiões e Pólos; 6 – Promoção e distribuição; 7 – Experiências e conteúdos; 8 – Eventos; 9 – Qualidade urbana, ambiental e paisagística; 10 – Qualidade de serviço e dos recursos humanos; 11 – Eficácia e modernização da actuação dos agentes públicos e privados. Fortalecido por estas linhas de actuação, o turismo revela-se um dos principais sectores da economia em Portugal. Muito impulsionado pelas mais-valias que caracterizam o nosso país em termos de “matérias-primas” – clima, recursos naturais e culturais – o peso do turismo na economia tem vindo a crescer nos últimos anos. Em 2015, por exemplo, os produtos turísticos sofreram um acréscimo de 10,8%, o que corresponde a 6 879,7 milhões de euros¹³.

Tendo em conta o que cada região tem para oferecer, é fundamental que se estruture a intervenção para que o enriquecimento dessas ofertas seja permanente. Estimular o desenvolvimento dos produtos existentes é primordial, ao invés de introduzir novos produtos. Utilizar os recursos existentes dando primazia aos produtos e saberes locais, é a base de toda a intervenção ao nível do desenvolvimento turístico. Segundo Pedro Reis, presidente da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP), *“A intervenção ao nível da melhoria da qualidade urbana, ambiental e paisagística deverá ser reforçada como forma de melhorar a atratividade e toda a envolvente dos principais destinos turísticos. Deverão ser promovidos, em conjunto com os municípios e outras entidades públicas relevantes, programas de recuperação e preservação nas zonas com interesse para o Turismo, através do apoio ao investimento (...)”* (PENT 2010-2015)¹⁴

Como vimos até agora, além de se tratar de um importante motor económico, o turismo e as actividades que a ele se associam são ferramentas cruciais para criar as imagens de marca dos lugares, transformando-os em verdadeiros destinos turísticos. O desenvolvimento do turismo enquanto ferramenta de desenvolvimento económico é uma estratégia de identidade cultural que coloca as regiões em patamares específicos no panorama nacional e até, nalguns casos, internacional.

O desenvolvimento sustentável de um destino turístico, qualquer que seja o tipo de turismo que nele se pratica, passa pela identificação da situação com que se depara e pela identificação dos produtos turísticos que tem para oferecer, assim como do seu público-alvo. A importância da opinião de amigos e pessoas que tenham visitado os locais previamente ajuda a formar a primeira opinião que se tem sobre o destino. Desta forma se criam as primeiras “imagens-de-marca”. O fenómeno *passa-a-palavra*¹⁵ é o principal meio

13 De acordo com os dados disponíveis no Turismo de Portugal retirados de <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ProTurismo/estat%C3%ADsticas/Pages/Estat%C3%ADsticas.aspx>, acessido em Janeiro de 2016.

14 Versão 2.0 (revisão de 2011), retirado de http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/Documents/PENT_Revis%C3%A3o.pdf, acessido em Setembro de 2015.

15 Este fenómeno acontece quando parentes ou amigos contam experiências das suas viagens, mostram imagens e vídeos do local, relembram os melhores sabores, acabando por transmitir ao outro uma imagem do local e despertar a curiosidade para uma futura visita.

publicitário e o que mais ajuda na criação do impacto das imagens de marca nas pessoas e nas comunidades. É o modo como os outros nos descrevem os lugares que nos atraem ou não a uma possível visita. “O consumidor associa a imagem com o destino de acordo com as características do local ou até mesmo em função das características da sua população” (PIMENTEL, PINHO, VIEIRA, 2006: 290).¹⁶

O papel da população local, particularmente a sua receptividade, tem também bastante influência no modo como o destino é assimilado pelo público exterior. A hospitalidade e a cultura, o acolhimento e a partilha são considerados factores positivos na percepção do local como destino turístico. A função da imagem é atrair e seduzir logo nos primeiros olhares quem se desloca para o visitar, quer se trate de turistas, peregrinos ou investigadores, provocando neles o desejo de voltar, eventualmente para uma estadia mais prolongada. Este campo de actuação prevê incutir no residente motivações para a preservação e manutenção do “seu” património, valorizando os “seus” recursos.

A estimulação dos componentes turísticos específicos de cada lugar são o primeiro passo para o seu sucesso como destino de viagem. O desenvolvimento destas políticas é tarefa do que se denomina *marketing* turístico. As estratégias de actuação não devem ter como principal meta a atracção de mais visitantes aos locais, mas sim criar mecanismos para “facilitar o desenvolvimento de objectos regionais e para fundamentar a provisão do turismo, assegurando que as estratégias do destino serão alcançadas” (PIMENTEL et. al, 2006: 289). O advento de fenómenos como o Turismo Cultural tem vindo a revelar-se uma oportunidade única para a manutenção do património local, possibilitando o facto de este deixar de “(...) ter apenas a função de memória cultural e de herança histórica e passa também a ter uma dimensão produtiva e económica.” (VAQUERO, HERNANDÉZ, 1998:251)¹⁷

O património é, de facto, o elemento chave para o desenvolvimento do turismo como actividade empreendedora capaz de fortalecer o desenvolvimento regional. Tem vindo a ser, desde muito cedo, objecto de estudos reveladores da importância e da profundidade deste tema. É tido como a herança individual ou colectiva, que comporta um sentimento afectivo de reconhecimento pelas gerações passadas, que incute a necessidade e a preocupação com a preservação do mesmo para as gerações futuras. (GOMES, 2012:2)¹⁸

Especificamente o aproveitamento do património urbano local como recurso de exploração turística é uma oportunidade única para o restabelecimento físico e socioeconómico da sociedade em causa. Temos vindo a assistir, nos últimos anos, ao

16 PIMENTEL, E., PINHO, T., VIEIRA, A. (2006). *Imagem da Marca de um Destino Turístico*, Turismo - Visão e Acção, vol.8, n.2, pp. 283-298

17 VAQUERO, M., HERNANDÉZ, M. (1998). *Ciudades históricas: patrimonio cultural y recurso turístico*, Éria, 47, pp. 249-266

18 GOMES, L. (2012). *Olhares Sobre o Património - Uma Etnografia do Caminho de Santiago Português*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social e Cultural, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

crescimento do consumo a nível cultural, havendo uma clara fusão entre o património e o turismo.

Vulgarmente entendemos património como referência a alguma relíquia ou algo valioso que nos é deixado pelas gerações passadas, quer se trate de bens materiais ou imateriais. Património deriva, etimologicamente, do vocábulo latino “*pater*”, que significa “pai”. A preocupação com a sua preservação e a necessidade de manter no tempo o que nos é deixado pelos antecessores são valores inculcados no próprio testemunho de passagem, com a intenção de prolongar a sua existência para as gerações futuras. A cultura, no seu todo, pode ser entendida como um recurso estratégico para gerar riqueza e para o desenvolvimento local. Ela engloba tanto as heranças materializadas como os próprios conhecimentos conservados na sociedade, constituindo um recurso turístico por excelência. O património deixa cada vez mais de residir apenas na ideia de memória e de pertencer ao mundo histórico para ser parte também de um mundo mais economizador quando é trabalhado como elemento base para a exploração económica das regiões ou quando é, por exemplo, transformado num bem identitário dessa região.

Há, no entanto, que ter em conta um determinado grau de risco para a preservação do património, quando se fala na sua utilização como recurso de desenvolvimento. *“O grande desafio é valorizar o passado sem cair na sua mistificação, utilizando o património como recurso de desenvolvimento sustentável, assegurar a sua transmissão pelas gerações futuras, mesmo que convertido numa ferramenta de desenvolvimento no presente. Atingir estes objectivos implica alterações nas medidas de actuação das administrações locais na gestão do património, superar planeamentos exclusivamente proteccionistas e conservadores, englobando critérios de valorização funcional do património.”*¹⁹

A existência de entidades como a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) é fundamental para a consolidação das medidas reguladoras de gestão e preservação do que é considerado património, constituinte dos alicerces das sociedades. Na Conferência Geral, em 1972, o conceito de património-cultural foi discutido e no seu conjunto englobam-se: *“monumentos – obras arquitectónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos ou estruturas de natureza arqueológica, inscrições, cavernas e grupos de elementos que tenham valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; conjuntos – grupos de construções isoladas ou reunidas que, em virtude da sua arquitectura, unidade ou integração na paisagem, tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; lugares notáveis - obras do homem ou obras conjugadas do homem e da natureza, bem como as zonas, até mesmo lugares arqueológicos, que tenham valor universal excepcional do ponto de vista*

19 VAQUERO et al, 1998



8 | *Castellum de Alcabideque - reservatório e mãe d'água de onde era extraída a água para Conímbriga, transportada através de um aqueduto*

histórico, estético, etnológico ou antropológico.” (SILVA, 2003:184)²⁰

Além da definição do conceito, é também em 1972 que a UNESCO decreta algumas medidas de salvaguarda do património como forma de zelar pela sua conservação e manutenção, pois constatou que tanto o património cultural como o natural se encontravam cada vez mais seriamente ameaçados, não só por fenómenos naturais como pelo desenvolvimento socioeconómico acelerado. Em 2003, na Convenção para a Salvaguarda do Património, realizada em Paris a 17 de Outubro, ficou definida a importância da preservação dos elementos que constituem o património cultural e imaterial e reconhecida a sua simbiose com o património natural²¹.

Actualmente estão reconhecidos como Património Mundial pela UNESCO 1087 sítios, sendo 802 referentes a sítios culturais, 197 naturais e 32 mistos. Portugal conta com 15 bens reconhecidos (14 culturais e 1 natural), sendo que há ainda 11 candidatos a reconhecimento.

Os procedimentos de preservação, protecção, conservação, intervenção e apresentação do que é património e diversidade cultural de cada lugar assumem um enorme contributo para a valorização e desenvolvimento de cada região. É importante que qualquer acção que seja levada a cabo com o objectivo de valorizar o sítio e a sua utilização como recurso turístico deve ter em conta, impreterivelmente, as suas circunstâncias, contextualizações e todos os aspectos urbanísticos e paisagísticos que o envolvem.

No caso de estudo a que nos reportamos, Condeixa-a-Nova, as suas valências e fragilidades há muito que são conhecidas. No entanto, mesmo havendo várias intervenções com o intuito de valorizar e gerar riqueza, as metas alcançadas não têm sido as idealizadas. Nas nossas pesquisas encontramos alguns registos escritos que nos dão conta da preocupação e da necessidade que as pessoas vinham sentindo no que respeita a melhoramentos que poderiam ser feitos nas ruas e nos espaços da vila para que se tornassem lugares aprazíveis e que despertassem o interesse dos turistas que se deslocavam a Conímbriga. Um exemplo disso é o que escreve Augusto Santos Conceição (1983:100), na monografia “Condeixa-a-Nova”: “*Condeixa-a-Nova era, até anos atrás, muito visitada por nacionais e estrangeiros. (...) era um verdadeiro centro de turismo. Hoje não; poucos aqui vêm a não ser de passagem para Conímbriga e isto por falta de iniciativa das autarquias locais.*”

Condeixa é uma vila com grandes fortunas, fundamentalmente aos níveis do património natural/paisagístico e cultural/edificado. Podemos enumerar casas-palácio, museus, biblioteca, igrejas, jardins, serras, ribeiras, rios, sem esquecer nunca a maior potencialidade do concelho como é o conjunto arqueológico composto pelas Ruínas de Conímbriga, o seu Museu Monográfico e o *Castellum* de Alcabideque (*imagem 8*).

²⁰ Cf. GOMES, 2012:10

²¹ UNESCO (2003). *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural e Imaterial*, retirado de <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>, acedido em Setembro de 2015.



9 | *Vista aérea das Ruínas Romanas de Conímbriga*

De modo a entendermos de que forma a nossa intervenção pretende impulsionar o progresso do turismo e dos produtos locais no território de Condeixa, procedemos à realização de uma análise S.W.O.T²², permitindo-nos avaliar as valências e as fragilidades do território sobre o qual intervimos, o que fortalece a nossa proposta e o que poderá desfavorecê-la.

A localização geográfica do território em estudo é um factor favorável. Como já tivemos oportunidade de mencionar, Condeixa-a-Nova tem uma localização estratégica no panorama nacional, uma vez que tem acessos facilitados provenientes das mais importantes cidades portuguesas, como são Lisboa e Porto, e é muito próxima da cidade de Coimbra. As redes viárias que servem o território são a Autoestrada nº.1 (A1) e a Autoestrada nº.13 (A13), os Itinerários Complementares 2 e 3 (IC2 e IC3), e ainda as Estradas Nacionais 342, 347 e 566 (N342, N347 e N566), além de várias Estradas Municipais. A proximidade com a cidade de Coimbra também permite facilmente o acesso através da rede ferroviária.

Além da vasta rede de acessos, Condeixa é uma localidade pautada por grande variedade paisagística, com bastantes ambientes naturais que contrastam com áreas mais urbanizadas e industrializadas que, na sua maioria, não criam grandes impactos. A vila localiza-se numa das bases da Serra de Sicó, dispondo por isso de paisagens serranas verdejantes, que constituem uma grande atracção para exploradores da natureza, que partem em busca de novas descobertas, desbravando caminhos e trilhos pedestres.

A existência de um valioso atractivo turístico na área do município de Condeixa, como é o complexo arqueológico da antiga cidade romana de Conímbriga (*imagem 9*), é a principal força não só do território como da proposta que apresentamos. A quantidade de turistas e curiosos que se desloca ao Museu e às Ruínas, anualmente, justifica as intervenções que nos propomos realizar. Pretende-se uma melhoria das condições que são apresentadas aos visitantes e, conseqüentemente, uma maior procura não só por Conímbriga como por Condeixa.

Esta grande procura pelas Ruínas de Conímbriga, por muito significativa que seja, fica aquém das suas potencialidades, uma vez que o local não é devidamente publicitado, segundo a nossa opinião. Além das várias deslocações de escolas e grupos organizados, que chegam a Conímbriga ao início da manhã e a abandonam ainda antes de almoço, poucas são as pessoas que se dirigem a Conímbriga com o intuito de ali passar algum tempo e descobrir a região²³. A publicidade condigna ao local não tem tido, de facto, grande investimento, o que se revela uma fraqueza. No entanto, não podemos deixar de referir que com o avanço

22 S.W.O.T. é a sigla composta pelos termos ingleses *Strengths* (Forças), *Weaknesses* (Fraquezas), *Opportunities* (Oportunidades) e *Threats* (Ameaças). Recorre-se a este tipo de estudo quando se pretende avaliar o impacto e a importância que determinado projecto ou iniciativa pode ter num determinado meio ou acção.

23 Segundo dados do Posto de Turismo de Condeixa, Conímbriga recebeu, em 2015, 87 075 visitantes. Em 2014 registaram-se 85 074 pessoas. Por outro lado, Condeixa (vila) registou 942 turistas, em 2014, dos quais 403 eram portugueses; e já em 2015 registaram-se 822 turistas dos quais 396 são nacionais.

PR1 CDN ROTA DE CONIMBRIGA

CASTELLUM DE ALCABIDEQUE
 Alcabideque significa mão-d'água. A nascente de Alcabideque é uma nascente de grande volume, típica do sistema hídrico subterrâneo da região litoral alentejana. Os romanos aproveitaram esta nascente como origem do aqueduto que alimentava a cidade de Conímbriga, a cerca de 4 quilómetros de distância e a uma altitude superior do planalto desta cidade. O aqueduto foi construído nos finais do séc. I d.C. que é datado de construção através de fontes, como o balneário. Sem esta água, Conímbriga nunca terá prosperado. Os romanos aproveitaram este local como caput aquae, sendo o actual topónimo Alcabideque uma abreviação do nome latino de todo. Do período romano são visíveis restos do tanque monumental que permitia a circulação de água. Sob o nome de captação e nível o ponto de decantação das águas de onde parte o aqueduto que alimentava Conímbriga. Apesar de não a época, ser considerado pequeno, este aqueduto impressiona pela capacidade técnica que revela, uma vez que grande parte do seu traçado é subterrâneo atingindo uma profundidade de 7 m, emergindo depois em alguns trechos ao aproximarem-se da cidade.

Alcabideque, an arch fountain derived from the Latin name "Caput Aquae", literally "Headwater". Alcabideque's spring releases regular volumes of water coming from the neighbouring underground network of a karst system. At the end of the first century the Romans built a 4 km long aqueduct to deliver to Conímbriga water from this spring. What we nowadays call the "Castellum" was actually a pumping station's tower alongside its supporting network. Although it was considered small for the time, the technical capacity that this structure reveals is impressive, much of its route is underground, reaching a depth of 7 m, emerging only in some special sections when approaching the city.

SINALÉTICA USADA, SIGNS USED

CODIGO DE CONDUTA, CODE OF CONDUCT

Seguir apenas pelo trilho sinalizado. Evitar fazer ruídos desnecessários. Observar a fauna sem perturbar. Não danificar a flora. Não fazer furos. Não deixar lixo ou outros vestígios de sua passagem. Não colher amostras de plantas ou rochas. Ser afável com as pessoas que encontrar no local.

Follow sign-posted trails only. Avoid making unnecessary noise. Beaver alert the animals. Do not damage any vegetation. Do not light fire. Do not litter and leave no trace of your visit. Do not collect or damage plants or rocks. Be kind to people you find along the way.

INFORMAÇÕES ÚTEIS / USEFUL INFORMATION

• PATRIMÓNIO ESPECÍFICO HERITAGE
 PATRIMÓNIO CLASSIFICADO PELO ICOMOS
 Monumento Nacional: Ruínas de Conímbriga, Conjunto dos restos do aqueduto romano de Conímbriga e do Castellum de Alcabideque, abrangendo todo o sistema de captação de água.

• INTERIORES MONUMENTAIS
 Quinta de S. Tomé - Edifício do PO 03

• GASTRONOMIA GASTRONOMY
 Cozinha assada em forno de lenha: Chafarna de cabra, Queijo do Rabanal, Lado de Lenha Escarapada

• ARTESANATO HANDICRAFT
 Cerâmica artística

CONTACTOS ÚTEIS / USEFUL INFORMATION

120 Emergência: 112 220 Haveria: 117
 Centro de Saúde: 239 940 100
 Hospitalidade: 239 940 100
 S. N. R.: 239 940 250 Bombeiros Voluntários: 239 941 503
 Rede de Saúde: 239 940 100
 Câmara Municipal de Conímbriga: 239 945 125
 Museu Monográfico de Conímbriga: 239 941 177

PONTOS DE INTERESSE / PLACES OF INTEREST

- RUÍNAS E MUSEU MONOGRÁFICO DE CONIMBRIGA;
- VALLE DO RIO DOS INDIOS;
- ALDEIA DO POÇO DAS CASAS;
- MATA DA ALFARDA;
- CASTELLUM DE ALCABIDEQUE E OUTROS VESTÍGIOS DO AQUEDUTO ROMANO DE CONIMBRIGA;
- PO 03 S;
- CONDEIXA-A-VELHA.



10 | Painel informativo da Rota de Conímbriga e suas sinalizações

das novas tecnologias e com o crescimento das “redes sociais” a acção do *passa-a-palavra* é cada vez mais relevante como tarefa de *marketing*.

A autarquia tem vindo, ao longo dos últimos anos, a mostrar cada vez mais preocupação com o tema “Ruínas de Conímbriga” e tem, de facto, levado a cabo alguns eventos que se propõem ser impactantes. No entanto, talvez devido à falta de atractivos, o número de população atingido por eles não é a que se esperava para um monumento de tal envergadura. A falta de informação sobre a importância do sítio, particularmente perante as populações próximas ao local, é deveras evidente. O facto de o local se encontrar fisicamente afastado do centro da vila é, talvez, uma das maiores fraquezas do território. As barreiras físicas e a distância são quase sempre um factor desmotivante para qualquer deslocação. Esta fraqueza pode revelar-se uma oportunidade, uma vez que a intenção principal da nossa intervenção é a aproximação de Conímbriga à vila e levar a população e os turistas a frequentarem ambos os lugares com mais regularidade, conforto e gosto.

A existência de circuitos pedestres delineados na região, pertencentes ao grupo de “Pequenas e Grandes Rotas” que se estabelecem em território nacional, são um ponto de partida para a exploração do local. No entanto, essa existência não é suficiente para os potenciais objectivos a nível de desempenho turístico. Refiro, por exemplo, a Rota de Conímbriga²⁴ (imagem 10).

Há, de facto, uma oportunidade que se revela bastante relevante para a valorização do território que avaliamos. A candidatura das Ruínas de Conímbriga e do seu Museu Monográfico a Património Mundial da Humanidade da UNESCO, é um passo extremamente importante que irá decerto revolucionar a história do monumento, do município e até do país. É uma oportunidade que implica várias mudanças e investimentos, não só na preparação dessa candidatura como após a concretização (caso venha a suceder). Os investimentos já têm sido feitos nos últimos anos, não só em termos de dinamização do Museu como das suas estruturas. Eventos como representações cénicas, feiras, corridas, trails e caminhadas, tem servido para divulgar o nome de Conímbriga e de Sicó e “colocar estas regiões no mapa”.

No que respeita ao outro tema desta dissertação, Condeixa encontra-se bem posicionada nos itinerários de peregrinação, particularmente com destino ao Santuário de Fátima. Anualmente são milhares os peregrinos que se deslocam de Norte para Sul, passando pelas estradas e ruas da vila. As gentes de Condeixa são bastante hospitaleiras e prestam serviços de apoio aos peregrinos sempre que estão disponíveis.

24 A Rota de Conímbriga é um itinerário existente em Condeixa-a-Nova, é um dos muitos trilhos pedonais existentes em Portugal que constituem as redes de Pequenas e Grandes Rotas. Neste caso trata-se de uma Pequena Rota, com cerca de 16 km na sua totalidade, dividida em duas secções de 8 km cada: a primeira segue para Sudeste, percorrendo o vale do Rio dos Mouros, a aldeia de Poço das Casas e a Mata da Bufarda (ou Alfarda); a segunda, a Nordeste de Conímbriga segue de encontro ao *Castellum* de Alcabideque e outros vestígios do Aqueduto Romano de Conímbriga, continuando depois pelos campos de cultivo até Condeixa-a-Nova e passando por Condeixa-a-Velha para logo a seguir reencontrar as Ruínas de Conímbriga.



11 | Fenda do Rio dos Mouros, vista das Grandes Termas do Sul, em Conímbriga

Além das rotas de peregrinação para Fátima, Condeixa está também posicionada no itinerário do Caminho Central para Santiago de Compostela, sendo frequente ver-se passar caminheiros de mochila e bastão em punho, com a vieira pendurada, seguindo em direcção ao Norte.

É certo que nem tudo são pontos positivos. Há algumas questões que nos preocupam, tidas como “ameaças” no território e na proposta que apresentamos. Por exemplo, em relação à peregrinação, há a possibilidade de os caminhos que os peregrinos utilizam para alcançar o objectivo da sua deslocação sejam alterados e Condeixa deixar de constar nas rotas de peregrinação. Contudo esta parece-nos uma hipótese muito pouco provável de ocorrer, uma vez que a peregrinação a Fátima por Condeixa é já uma tradição e deverá manter-se por muitos anos.

Sob o ponto de vista do turismo, a proximidade com Coimbra pode ser vista como uma ameaça, pois a sua relevância no panorama nacional é bastante valorizada e sobrepõe-se claramente aos municípios que lhe estão próximos em termos da sua procura como principal destino de viagem, como é o caso de Condeixa. É, por esta razão, que a nossa intenção é também superar este obstáculo.

A proposta concreta sobre a qual aborda esta dissertação vem no sentido de colmatar as falhas que as iniciativas até agora tomadas foram deixando por resolver. Durante o nosso estudo demos conta de algumas propostas que já vêm sendo pensadas que vão ao encontro da nossa intenção. Falamos, por exemplo, do Museu PO.RO.S, que explicaremos mais adiante. No entanto, essas propostas abordam outros temas mais específicos, centrando-se cada uma delas numa parte singular do património que Condeixa oferece. Neste caso, refiro os trabalhos de João Pedro Relvas e do Professor Pedro Bingre do Amaral.

O primeiro trabalho aproxima-se da ideia base da proposta que agora apresentamos, pois nele é abordada a temática da mobilidade lenta e ciclável, através da criação de uma rede de percursos pelo território de Condeixa, versando em particular o que o autor denominou por Percurso da Romanização. Trata-se de um percurso que aproxima os principais pontos do legado Romano em Condeixa (PO.RO.S, Conímbriga e Alcabideque) que vai depois integrar uma rede de maior escala pelos caminhos do Mondego até chegar à Figueira da Foz. Tendo em comum o objectivo principal (desenvolver turisticamente o território), a nossa proposta, tomando esta como exemplo, apresenta outras valências e outros objectivos que se relacionam com a peregrinação e com a dinamização de pessoas, a pé e de bicicleta, pelo território.

Já a proposta do Professor Pedro Bingre do Amaral, denominada pelo autor de Parque Arqueológico e Geobotânico do Canhão do Rio dos Mouros, tem que ver com a exploração do Canhão do Rio dos Mouros como recurso turístico (*imagem 11*). O autor apresenta a possibilidade de o curso do rio ser utilizado como leito para percursos pedestres e de exploração dos terrenos de Sicó, relacionando-os simultaneamente com os terrenos de



12 | *Vestígio de um arco do aqueduto que transportava a água para Conímbriga, vinda de Alcabideque*

Conímbriga, como incremento dos valores geológico, botânico e arqueológico daqueles terrenos. *“O canhão fluvio cárstico do rio dos Mouros estende-se ao longo de três quilómetros e meio, entre as aldeias do Poço e do Salgueiro, mas, por um feliz acaso do destino, o seu troço com maior interesse turístico estende-se ao longo de aproximadamente um quilómetro no sentido Leste-Oeste, correndo em paralelo aos limites Sul da antiga cidade romana.”* Numa breve descrição, a sua proposta revela as principais preocupações: *“Se, contudo, houvesse um trilho seguro, equipado com passadiços nos segmentos menos transitáveis, e dotado de painéis informativos junto dos pontos de maior interesse, os visitantes sentir-se-iam confortáveis o suficiente para admirar a rara conjugação de três categorias de valores patrimoniais que nem sempre se alinham em áreas tão pequenas: os geológicos, os botânicos e os arqueológicos”.* (AMARAL, 2014:38)²⁵

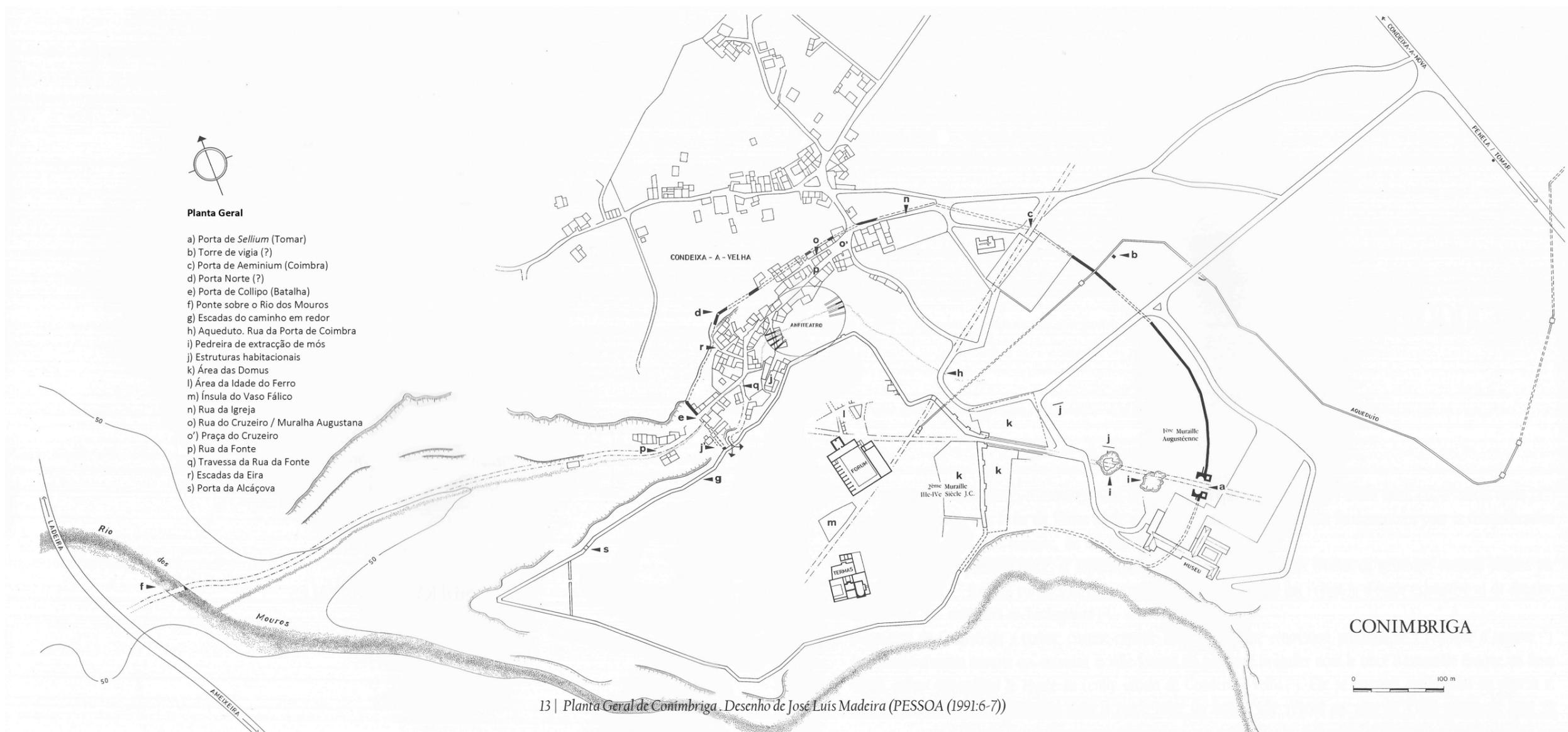
De facto, não é por falta de gente com espírito de mudança que Condeixa não é um grande pólo turístico, uma vez que tem na sua “posse” o maior núcleo arqueológico existente em Portugal, e dele apenas ainda há conhecimento de cerca de 15% da totalidade do território. No nosso ponto de vista a distância física que separa Condeixa-a-Nova, vila, do complexo arqueológico de Conímbriga é de facto a maior barreira que a nossa proposta vem tentar ultrapassar. No próximo capítulo abordaremos especificamente a cidade romana para que se possa ter noção da escala e da importância que a sua existência tem no território em estudo.

3. Ruínas Romanas e Museu Monográfico de Conímbriga

Falar sobre Conímbriga numa dissertação académica, apesar de ser uma temática interessante, não é tarefa fácil. A complexidade do tema, como objecto de estudo, permite várias abordagens e torna-se difícil tratá-lo com superficialidade. No entanto, faremos uma breve apresentação histórica e explicação do tema numa contextualização turística.

As Ruínas de Conímbriga e o seu Museu Monográfico são um dos mais eloquentes lugares de história no nosso país (*imagem 12*). A apresentação que o Professor Pedro Bingre do Amaral faz na sua intervenção nas I Jornadas de Valorização do Património de Condeixa-a-Velha, realizadas em Março de 2015 em Condeixa-a-Velha, é elucidativa o suficiente para se perceber a dimensão da realidade que tratamos. Por esta razão citamos um excerto dessa exposição: *“As ruínas de Conímbriga podem ser consideradas, sem qualquer favor, um dos mais célebres monumentos de Portugal: a prová-lo estão as referências abonatórias em*

²⁵ AMARAL, P. (2014). *O canhão do Rio de Mouros: uma área protegida esperando visitas?*, Actas das I Jornadas de Valorização do Património Cultural, Material, Imaterial e Natural de Condeixa-a-Velha, 37-40



13 | Planta Geral de Conimbriga. Desenho de José Luís Madeira (PESSOA (1991:6-7))

praticamente todos os livros-guias turísticos acerca do país, tanto de edição nacional como estrangeira. O seu museu monográfico acolhe anualmente cerca de 85 mil visitantes, número que o torna no núcleo museológico mais visitado da região centro.” (AMARAL, 2014:37)

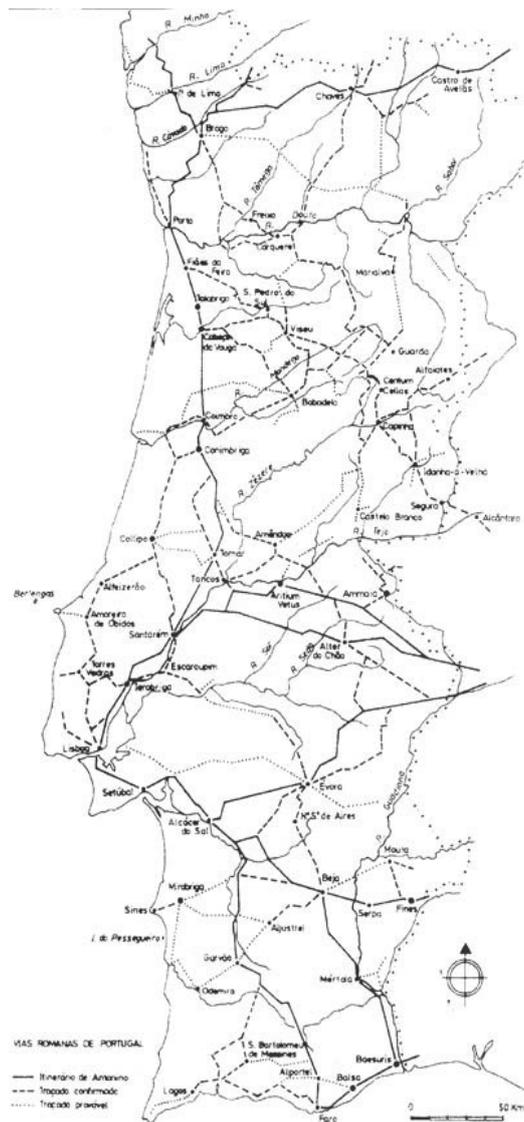
Conímbriga é, de facto, o principal foco turístico do município. A sua existência remota faz-nos recuar vários séculos até à sua origem. Remonta ao III Milénio a.C., antes da existência de vestígios romanos²⁶. A base da sua estrutura urbana manteve-se, sendo particularmente marcada pela presença de elementos naturais como são a profunda fenda por onde corre o Rio dos Mouros, junto da qual se construiu a cidade no planalto de formato triangular que hoje conhecemos, a Norte. O vértice principal deste terreno triangular, ainda que irregular, direcciona-se para Oeste e constitui o denominado Bico da Muralha (*imagem 13*). Apesar de apresentar uma forma irregular é possível indicar-se as suas dimensões base. Longitudinalmente, desde a porta da muralha do Baixo Império, a Este (correspondente à Porta de *Sellium*), até ao Bico da Muralha, a Oeste, apresenta uma extensão de cerca de 560 metros. Transversalmente, no sentido Norte – Sul, tem uma extensão de 410 metros. É possível ainda indicar a cota média do planalto como sendo “*pouco acima dos 100 metros*” (SILVA, 2011:235). A cidade atingiu a sua máxima extensão em meados do século I d.C.²⁷ (os romanos chegaram a Conímbriga em 138 a.C.).

O nome “Conímbriga” é de origem pré-latina. Havendo várias discussões sobre a sua raiz, a mais credível parece ser a explicação de que o vocábulo “*kon*”, significando “sítio alto e pedregoso”, se juntou ao étimo celta “*briga*”, que designa “povoado fortificado”. Esta explicação parece-nos credível quando analisamos os terrenos onde Conímbriga está implantada: um planalto no cimo de duas vertentes íngremes e calcárias. Esta sua situação geográfica potenciou os seus alicerces defensivos, transformando-a numa importante base militar romana. “*A Leste, serras, montanhas e planaltos rochosos e secos que obrigaram a um serpentear das vias de comunicação terrestres pelos vales e depressões; para ocidente, planuras, fertilidade e o mar como limite...Estas duas realidades geográficas contrastantes definiram modos de vida e as potencialidades e limitações da urbe, reflectidas na leitura que a história faz das evidências arqueológicas.*” (SILVA, 2011:237)

Crê-se que a cidade romana se tenha erguido sobre as ruínas de um povoado anterior que já ali existira e, por este motivo, a estrutura urbana da cidade não segue com clareza a estruturação a eixo, em forma de cruz, do cardo e decumano, como é comum nas cidades originalmente romanas. Não só a implantação como os acessos que a serviam colocavam Conímbriga num importante patamar do Império Romano na Lusitânia. A rede viária que chegava à cidade antiga desenvolvia-se num sistema triangular irregular, baseado na própria

26 Crê-se, através dos estudos arqueológicos provenientes das escavações, que Conímbriga existia já como castro pré-histórico e manteve-se “*fixado numa área reduzida.*” GASPAR, J. (1983). *Condeixa-a-Nova*, 2ª. ed.

27 CORREIA, V. H. (2009), *CONIMBRIGA: Roteiro Breve das Ruínas e Museu*, Coimbra, 1ª edição



14 | Principais vias romanas no actual território português, segundo Vasco Mantas
 15 | Reconstituição da cidade romana de Conímbriga, no século II d.C.. Desenho de J. C. Golvin

topografia do lugar e pelos eixos que estruturavam o território. Apesar de não ter uma estrutura urbana ortogonal como a maioria das cidades romanas da época, Conímbriga tinha um eixo principal mais marcado, que assinalava a entrada pela Porta do Sol (de *Sellium*), com uma pavimentação de grandes lajes. Como escrevia A. Santos Conceição na sua monografia, em 1983, Conímbriga situa-se numa posição privilegiada devido à grande depressão de terreno que a cerca. A Via Imperial Olisipo-Bracara, XVI Via do Itinerário de Antonino (*imagem 14*), que ligava Braga - Coimbra - Tomar - Lisboa, ou *Bracara Augusta - Aeminium - Sellium - Olisipo*, chegava a Conímbriga através da porta de *Aeminium* e seguia em direcção a *Olisipo* pela Porta de *Sellium*. Era por isso “*uma forte e importante base militar romana, servida pela via imperial que vinha de Olisipo (Lisboa) por Scallabis (Santarém) e prosseguia para norte, passando por Aeminium em direcção a Bracara (Braga)*”. Há ainda referência a outra via que seguia para Lisboa, mas por *Collipo*²⁸, para Poente. De Conímbriga partiam estradas menores mas de grande trânsito, “*como a da Beira, que seguia para Arganil, Seia e Guarda*”. (GASPAR, 1983:273)

Além da existência de acessos favoráveis por rede viária, a proximidade com outra importante via de circulação que era o Mondego, colocava Conímbriga numa localização estratégica²⁹.

A cidade muralhada, do tempo do Imperador Augusto, apresentava quatro portas que levavam e traziam as gentes a Conímbriga (*imagem 15*). A mais importante, por marcar o eixo de entrada na cidade e por ser de maiores dimensões, era designada por Porta do Sol e assinalava a passagem da grande Via Imperial, apontada a Tomar. Rodeando a muralha, pela direita, logo se alcançava a segunda porta, de menores dimensões, depois de passar por baixo do Aqueduto. Era esta a porta que dava saída para *Aeminium*. Mais adiante, já dentro da povoação de Condeixa-a-Velha, crê-se (por ainda não ter sido alvo de exploração) na existência de um outro viaduto que leva para outra porta da muralha de onde, provavelmente, sairia a estrada para *Collipo*.

Transformada na maior e mais bela cidade romana da Lusitânia, não conseguiu resistir muito tempo depois da “Queda do Império”. Com as constantes ameaças de terror pelos povos invasores, os habitantes daquele pequeno “império” entenderam ser urgente e necessário o reforço das suas barreiras defensivas, dando início à construção de uma nova muralha, interior à já existente, que circunda toda a cidade protegendo-a das entradas indesejáveis. Conímbriga possuía um dispositivo de defesa natural pela topografia e posição

28 *Collipo* refere-se, actualmente, a São Sebastião do Freixo. Uma referência que pode ajudar a confirmar a passagem da estrada é a existência de três pias de pedra próprias para bebedouro de animais, junto a uma fonte, em Condeixa-a-Velha. Outra referência é a existência de restos de uma ponte romana, de três arcos, sobre os Rio dos Mouros, a cerca de 100 metros a jusante da Fonte da Sancha.

29 SILVA, C. (2011). *Sicó, a dimensão cultural das paisagens. Um estudo de Turismo nas suas vertentes Cultural e Natureza*. Coimbra: Dissertação de Doutoramento em Turismo, Lazer e Cultura. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.



16 | Reconstituição da Muralha Augustana (PESSOA, 1991:39)

17 | Aspecto das escavações de Conimbriga, em 1935, antes da descoberta das casas extra-muros

18 | Campanhas de escavação em 1964

geográfica, mas era ainda reforçado pelo conjunto de muros altos que circunscreviam a área da cidade a cerca de 130 000 m². Ainda hoje é possível encontrar vestígios desta muralha entre a Igreja de Condeixa-a-Velha e o Museu Monográfico.

A nova muralha, com cerca de 1 500 metros de extensão e 4 metros de espessura, viria a ser construída entre os séculos I e IV, e é denominada por Muralha Baixo-Imperial ou Muralha do Baixo Império. Reduziu consideravelmente a área da cidade, deixando do lado de fora dos seus muros importantes edifícios da cidade (*imagem 16*). As primeiras invasões suevas ocorreram no ano de 465 e depois em 468. Ainda em 710 ocorreram invasões pelos árabes, quando a cidade era já uma sombra do que tinha sido. “*A uma cidade populosa, com bons arruamentos, sucedeu-se uma povoação de casas desalinhadas incapaz de aguentar o cerco por não ter água.*” (ALARCÃO, 1974: 85)³⁰

Sem meios de sustento para se manterem na cidade³¹, os habitantes que nela ficaram aquando das últimas invasões acabaram por fugir e procurar novos refúgios: uns deslocaram-se para *Aeminium*, entretanto convertida em sede de bispado, e outros fixaram-se na vertente norte do planalto de Conímbriga dando origem à localidade de Condeixa-a-Velha. A antiga cidade romana ficava assim entregue ao abandono, à mercê da natureza que a foi transformando e cobrindo de floresta. Conímbriga teve, nos seus tempos de maior desenvolvimento, uma população que rondava os 10 000 e os 15 000 habitantes (ALARCÃO, 1999:95)³².

“**O século XX ressuscitou Conímbriga.**” Passados que estavam quase dez séculos após as últimas pessoas a terem habitado, a cidade romana começava de novo a despertar interesse, e novas pessoas voltaram aquela povoação, agora com outras motivações e outros objectivos. Conímbriga passou a ser a principal matéria de investigação do passado da civilização romana em Portugal. As campanhas de escavações e a procura incessante por saber mais daquela história começava no início do século XX e, até hoje, não terminou (*imagens 17 e 18*).

Curiosamente, ainda em 1905, aparece uma referência a Conímbriga no Guia Ilustrado do Viajante em Portugal, onde a antiga cidade romana é descrita como “*castro romano de Condeixa-a-Velha*” (FERREIRA, 2013:108)³³. O sítio de Conímbriga está classificado desde 1910 como Monumento Nacional pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

30 ALARCÃO, J. (1974). *Portugal Romano*. Lisboa: Editorial Verbo

31 Conímbriga, cidade, não dispõe de nenhuma nascente de água e, por isso, não era autosuficiente nesse abastecimento. A água era levada à cidade através de um aqueduto, vindo da nascente de Alcabideque, ao longo de cerca de 3,5 km. Uma vez destruído o aqueduto num dos ataques dos suevos a cidade sem água não se conseguia sustentar. Calcula-se que pelo aqueduto passavam, em média diária, cerca de 19 000 m³ de água. Esta água era extraída a cerca de 118 metros de altitude.

32 Cf. SILVA, 2011: 246

33 FERREIRA, A. (2013). *Património e Cidadania: dos vestígios arqueológicos à acção pedagógica*. Coimbra: Dissertação de Doutoramento em Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra



19 | Peristilo central da Casa dos Repuxos durante os primeiros restauros, entre 1939 e 1948

20 | Casa da Cruz Suástica, uma das casas que se encontra fora da muralha

21 | Museu Monográfico de Conímbriga no ano da sua fundação, 1962

(DGEMN). E ainda as escavações não se tinham iniciado. Já em 1930, no decorrer do XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica, realizado em Coimbra e no Porto, Conímbriga aparece como parte do roteiro de visitas para os participantes, o que, forçosamente, motivou e acelerou o processo de restauro e requalificação das Ruínas (FERREIRA, 2013:88).

Dirigidas pelo Dr. Vergílio Correia³⁴, as primeiras campanhas de desaterro ocorreram entre os anos de 1930 e 1944. O objectivo era limpar o terreno, retirando as camadas de terra que se acumularam, e guardar todos os objectos que fossem encontrados. Estas escavações foram o primeiro passo para o que hoje podemos contemplar quando visitamos Conímbriga. Foi nesta época que se iniciou o processo de reconstrução das estruturas, através da utilização de material do próprio lugar fazendo-nos acreditar que as Ruínas chegaram até aos nossos dias como hoje as vemos. É ainda no decorrer destas escavações que, em 1939, se descobre o que hoje é tido como principal bilhete-postal de Conímbriga: a Casa dos Repuxos (*imagem 19*). Foi quando se ia dar início à construção de um parque de estacionamento que se descobriu a presença de importantes edifícios situados fora da área da muralha, como são a Casa dos Repuxos, a Casa dos Esqueletos e a Casa da Cruz Suástica (*imagem 20*).

O objectivo era agora a conservação e restauro dos mosaicos, peças valiosas que se encontraram depois de desenterradas e descobertas as *domus* extra-muros. Este processo iniciou-se com a parceria da DGEMN. Entre 1951 e 55 ocorreu sob liderança do Dr. J. M. Bairrão Oleiro³⁵ e, em 1955, por empenho pessoal do Eng. Arantes e Oliveira, à época Ministro das Obras Públicas. O processo de restauro e conservação dos mosaicos estendeu-se até 1975.

Com a quantidade de objectos que foram sendo encontrados nas escavações, a possibilidade de construção de um local para os albergar e expor era inevitável. A inauguração do primeiro corpo do Museu Monográfico dá-se a 10 de Junho de 1962, um projecto do Arq^o. Amoroso Lopes (*imagem 21*). “*Todos os materiais expostos são provenientes de Conímbriga e, por outro lado, razões históricas conduziram a que pouco material de Conímbriga tenha sido deslocado para outros Museus. É este carácter unitário que justifica o título do Museu ser “monográfico” (do grego ‘mono’ = um + ‘graphikos’ = representação)*”.³⁶ O Museu Monográfico de Conímbriga era agora o primeiro museu dedicado exclusivamente a um sítio arqueológico em Portugal. Além das salas expositivas dos objectos exumados, dispunha de

34 Dr. Vergílio Correia (1888-1944), professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e director do Museu Machado de Castro desde 1929. É nesta data que a Universidade de Coimbra compra uma porção de terreno (2 500m²) para escavação, de Conímbriga, com o intuito de ali criar um espaço de trabalho complementar ao ensino da Arqueologia, na Faculdade de Letras.

35 Dr. João Manuel Bairrão Oleiro (1923-2000) é considerado um “vulto” da arqueologia portuguesa do século XX. Licenciado em Ciências Históricas e Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A si se deve a fundação da revista Conímbriga e do Museu Monográfico. Teve um papel preponderante na defesa do Património Cultural, Artístico e Arqueológico em Portugal.

36 CORREIA, V. H. (2009), *CONIMBRIGA: Roteiro Breve das Ruínas e Museu*, Coimbra, 1^a edição, pág. 17



22 | *Uma das salas de exposição do Museu*

23 | *Vista exterior do Museu Monográfico de Conímbriga, em 2015*

“uma casa de chá, a dominar o planalto em que assenta o velho povoado de Conímbriga” (GASPAR, 1983:39).

Entre os anos 1964 e 1972 parece haver um impulso na projecção de Conímbriga para o exterior, originado pelas campanhas de escavação luso-francesas. Este crescimento foi de tal modo mediático que houve a necessidade de aumentar o espaço do Museu Monográfico (entre 1971 e 1984). Procedeu-se à instalação de uma área administrativa, uma biblioteca especializada, um laboratório de conservação de metais e de análise cerâmica, uma oficina de restauro de cerâmica, mosaico e pintura mural, gabinetes de desenho e fotografia, arquivos e reservas de colecções³⁷. A parte do Museu dedicada à exposição de objectos da romanização está dividida em quatro salas: uma delas de maior dimensão destinada ao tema “Vida Quotidiana” e três outras mais pequenas (“Arquitectura Pública”, “Arquitectura Privada” e, finalmente, “Religião”) (*imagem 22*). Além das salas de exposição, da biblioteca e de um peristilo, o Museu dispõe ainda de auditório e restaurante. O posto de turismo e bilheteira são obras mais recentes (2004), intervenções da autoria do arquitecto Pedro Alarcão, assim como outras intervenções feitas nas próprias estruturas do Forum e das Grandes Termas do Sul (ver anexo 1).

O complexo do Museu e das Ruínas tem anualmente uma média de 85 000 a 105 000 visitantes, sendo que um terço deste volume é constituído por estudantes de diversos graus de ensino. Este número faz dele o terceiro museu mais visitado a nível nacional, depois do Museu dos Coches e do Museu Nacional de Arqueologia, em termos de público escolar. Conímbriga é, a nível nacional, a opção anual “obrigatória” das visitas de estudo.³⁸ De referir ainda que o Museu Monográfico de Conímbriga é o único dos museus em Portugal aberto ao público diariamente, de segunda a domingo, das 10h até as 19h (exceptuando-se os dias de Natal, Ano Novo, Páscoa e 1.º de Maio) (*imagem 23*).

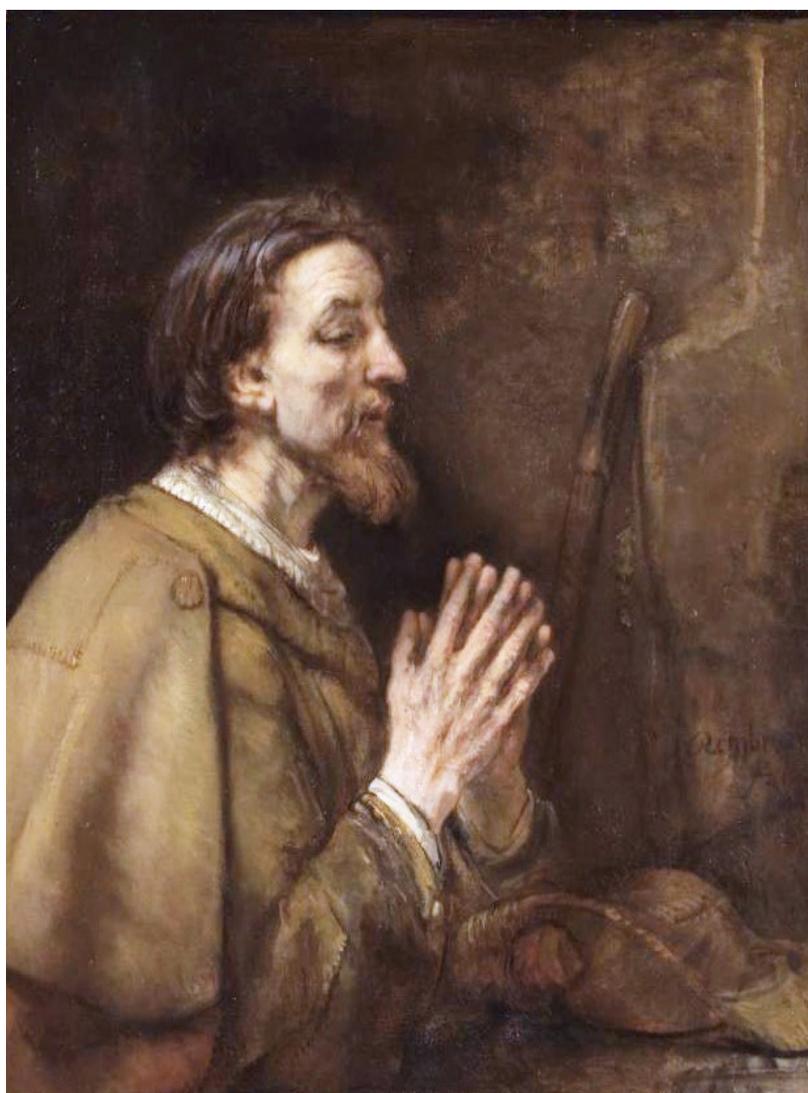
Feita a apresentação deste tema, seguimos, na Parte II, com a explanação da temática referente à peregrinação.

37 GASPAR, 1983:39

38 FERREIRA, 2013:121

PARTE II

Parte II – Condeixa-a-Nova no panorama da peregrinação



24 | *Apóstolo São Tiago Maior, de 1661, por Rembrandt*

4. Caminhos de Santiago. O Caminho Português

“*Não passes pelo caminho, deixa que o Caminho passe por ti*”. Esta é uma das frases mais dita e ouvida entre os peregrinos que se cruzam ao longo dos caminhos que percorrem até Santiago de Compostela. O seu significado é, em parte, o que iremos tentar abordar neste capítulo.

No contexto desta dissertação, as temáticas que se apresentam poderão estar, aparentemente, desligadas uma da outra. O nosso objectivo essencial é levar a um entendimento particular de cada um dos temas para que se possa facilmente direccionar para uma paridade entre eles, ou seja, ao “Encontro entre a peregrinação e o turismo”. Tendo feito uma abordagem à temática do *turismo* e, particularmente, ao turismo no concelho de Condeixa-a-Nova, iremos agora abordar a temática da *peregrinação*.

A peregrinação é tida como um processo de busca por soluções, de procura de estabilidade emocional e espiritual. É um processo de revitalização e estruturação pessoais, que pode ser feito individualmente ou em comunidade. As motivações são o que distingue cada pessoa e a define como peregrino ou não. “*A complexidade de factores históricos, culturais, sociais e religiosos, externos e internos ao ser humano, e o modo como se relacionam, são necessários para compreender a construção das motivações de peregrinar.*” (GOMES, 2012:20)

As peregrinações são facilmente associadas à religião, o que não deixa de ser verdade. Contudo, não é impraticável que o indivíduo se faça ao caminho por motivações apenas pessoais. As peregrinações mais reconhecidas, pelo menos no seio das comunidades católicas portuguesas, são a Fátima e a Santiago de Compostela, sendo estes os dois lugares de fé que aqui abordaremos. Começamos por dar a conhecer os Caminhos de Santiago, numa breve aproximação histórica do tema, as suas origens e a sua dispersão pelo Mundo (MENDES, 2009)³⁹.

O nome “Santiago”, na verdade, diz respeito a um dos doze apóstolos de Jesus Cristo. Tiago (*imagem 24*)⁴⁰ é o Santo venerado na cidade de Compostela⁴¹ há mais de 12 séculos, cidade onde se encontram sepultados os restos mortais do apóstolo. Segundo a tradição cristã, após a morte de Jesus Cristo, foi S.Tiago quem deu continuidade às pregações pelos povos,

39 MENDES, C. (2009). *Peregrinos a Santiago de Compostela: Uma Etnografia do Caminho Português*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

40 “Tiago, o Maior” para poder ser distinguido de um outro apóstolo de igual nome. Tiago sentou-se à direita de Jesus, na Última Ceia, e foi o primeiro a servir-se de pão e de vinho. Filho de Zebedeu e Salomé, irmão de João, um dos quatro evangelistas.

41 Santiago de Compostela é considerada a terceira cidade mais sagrada do cristianismo logo depois de Jerusalém e Roma.



25 | *Catedral de Santiago de Compostela*

espalhando a Sua Mensagem. Crê-se que tendo andado por terras europeias e passando pela Península Hispânica, chegou a Jerusalém nos anos 43 e 44 do início da era cristã. Depois de um período de grande turbulência e provações, após a sua decapitação, o corpo acabou por chegar à cidade que hoje é Santiago de Compostela⁴². Apesar de haver várias versões sobre a história de S. Tiago⁴³, esta parece ser uma das mais credíveis. Após o seu reconhecimento como Santo, rapidamente se disseminou a fé por toda a Europa (GOMES, 2012). S. Tiago é conhecido e venerado em vários países: *Saint Jacques* em França, *Saint James* em Inglaterra, Escócia e Irlanda, *San Giacomo, Iago* e *Jacob* nas repúblicas italianas.

Após um período de esquecimento e mesmo de abandono, até ao século VII, o Rei Afonso II, reconsiderando a importância do local, ordenou que sobre as ruínas do sepulcro fossem construídos uma catedral e um mosteiro, em torno dos quais se ergueu a cidade de Santiago de Compostela. Contudo, só em 1884 a Igreja Católica reconheceu a Catedral como contendo os restos mortais do Apóstolo Tiago (CARDOSO, 2005)⁴⁴ (*imagem 23*).

A crença e a fé em Santiago foi-se propagando ao longo dos anos e dos lugares, particularmente pela Europa. Uma prova disso é a existência dos chamados “Caminhos de Santiago” em vários países e com vários trajectos, tendo todos eles o mesmo objectivo final que é a chegada à Catedral de Santiago de Compostela, em Espanha. A chegada à meta após uma longa caminhada é essencial para a compreensão geral da peregrinação. E quando falamos de peregrinações de carácter religioso, o ritual de entrada no local sagrado é deveras valorizado. É o atingir de um objectivo, é o culminar de uma caminhada com obstáculos ultrapassados. “No caso específico da peregrinação cristã, a porta da igreja é o limite, a fronteira que distingue e opõe dois mundos e ao mesmo tempo é o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde é possível efectuar a passagem do mundo profano para o sagrado”. (SILVA, 2004:340)

Já na Idade Média, particularmente nos séculos XI/XII, as pessoas que seguiam a sua devoção por Santiago e rumavam ao seu túmulo foram traçando uma rede de caminhos pela Europa que tinha o seu culminar em Compostela. Mesmo sem essa intenção previamente determinada, foram estas pessoas os pioneiros nas passadas pelos Caminhos de Santiago que hoje conhecemos.⁴⁵

Os “primeiros” peregrinos faziam-se ao Caminho vindos de França, por *Tours*, *Limoges* e *Le Puy*. Talvez por esta razão o Caminho Francês seja considerado o de maior tradição e

42 A origem do nome “Compostela” é curiosa. Crê-se que no local onde foi sepultado o apóstolo se formou, no céu, um aglomerado intenso de estrelas, como que assinalando o local. Começou então a ser comum denominar a cidade como Santiago do Campo das Estrelas. Com o passar do tempo a povoação foi crescendo e a denominação foi-se alterando para “Santiago de Compostela”. (GOMES, 2012)

43 Autores como CHARPENTIER (1975), MARTINS (1992), CARDOSO e ALMEIDA (2005) apresentaram as suas versões. Cf. NADAIS, 2010

44 Cf. GOMES, 2012:25

45 SILVA, 2004: 335

Capitulum huius Almae
Apostolicae et Metro-
politanae Ecclesiae Compostellanae
sigilli Alearis Beati Jacobi Apostoli
custos, ut omnibus Fidelibus et Pere-
grinis ex toto terrarum Orbe, devotionis affectu vel voti
causa, ad limina Apostoli Nostri Hispaniarum Patroni
ae Titularis SANCTI JACOBI convenientibus, authen-
ticas visitationis litteras expediat, omnibus et singulis
praesentes inspecturis, notum facit:

hec sacratissimum Templum perfecto utique pedibus
sive equitando itinere posterem centum millia metro-
rum, litata vero ducentorum pietatis causa, devote
visitasse. In quorum fidem praesentes litteras, sigillo
ejusdem Sanctae Ecclesiae munitas, et confere.

Datum Compostellae die mensis anno Dni

Segundo Pérez
Segundo L. Pérez López
Dean de la S.A.M. Catedral de Santiago

Reproducción de la Colección "España 1474"

história e o mais reconhecido internacionalmente.⁴⁶ Um século mais tarde, a atractividade dos Caminhos era cada vez maior. Em 1139 foi criado o Livro V do *Codex Calixtine*, um guia disponibilizado para ajudar os peregrinos, com os locais históricos, os pontos mais importantes e até os serviços disponíveis ao longo do Caminho. Neste livro apareciam já identificados claramente três Caminhos: o Francês, o Português e a Via de Prata (pelo sul de Espanha), apesar de o Caminho Francês ser o mais relevante.

O século XX foi sem dúvida o auge dos Caminhos, registando-se cada vez mais procura. Em 1954 havia um registo de 700 mil pessoas recebidas em Santiago, tendo este número subido para 2,5 milhões em 1965. Este aumento de interesse despoletou a necessidade de criar mais e novas infraestruturas de apoio aos caminhantes em Santiago, o que gerou grandes consequências na sua urbanidade. As novas medidas foram implementadas até 1971, data em que se celebrou o Ano Santo⁴⁷. Foi também neste ano que a “Compostela”⁴⁸ se implementou em definitivo permitindo o início de um estudo estatístico de controlo dos peregrinos (*imagem 26*).

Os Caminhos que efectivamente chegaram aos nossos dias são aqueles que tinham junto de si estruturas de apoio aos peregrinos, como são os albergues, os hospitais ou mesmo mosteiros e outros espaços de oração. Também a presença de pontes, consideradas obras sagradas pela personificação do acto de passagem para outro lado, é considerada um factor de valorização de um caminho em detrimento de outro (NADAIS, 2010:44).

Só no ano de 1987 os Caminhos de Santiago de Compostela são considerados como o Primeiro Itinerário Cultural Europeu, e em 1980, antes desse passo, “*as questões relacionadas com a gestão da indústria turística eram deixadas em segundo plano. Só no final da década o turismo ganha algum destaque e é sugerido como alternativa à crise que se fazia sentir.*” (NADAIS, 2010:38) O reconhecimento como Património da Humanidade, pela UNESCO, ocorreu em 1993 e 1998, respectivamente os Caminhos Espanhol e Francês. Foi esse reconhecimento, em 1993, que despoletou o aumento da procura pelos Caminhos e, conseqüentemente, o aumento dos investimentos, quer em acessibilidades quer em alojamentos. A par disto, a deslocação do Papa João Paulo II a Compostela aquando da realização da IV Jornada Mundial da Juventude, em 1989, incrementou a curiosidade pela peregrinação a Santiago (SILVA, 2004:331)⁴⁹. Em 2004 os Caminhos de Santiago, na generalidade, foram também reconhecidos como Grande Itinerário Europeu. Em 2010 a

46 GOMES 2012:25

47 O Ano Santo celebra-se nos anos em que o dia de comemoração de São Tiago (25 de Julho) coincide com um domingo. O último Ano Santo foi celebrado em 2010 e o próximo será em 2021.

48 A “Compostela” é o documento que o peregrino pode solicitar à Oficina do Peregrino, na sua chegada a Santiago de Compostela. Pode obter esta certidão se comprovar ter percorrido 100 km a pé ou 200 km de bicicleta. (NADAIS, 2010:14)

49 SILVA, J. (2004) *Caminhos de Santiago: uma Europa peregrina*. THEOLOGICA, 2.ª Série, 39, 2, 331-357



27 | *Peregrino a Santiago de Compostela, identificado pelo bastão e pela vieira*
28 | *Vieira, símbolo da peregrinação, e é utilizada para assinalar o trajecto do Caminho*

Associação Espaço Jacobeu iniciou esforços para que possa ser apresentada a candidatura do Caminho Português a Património da UNESCO. Pretende-se que, em 2021, o Caminho tenha já esse reconhecimento para a comemoração do próximo Ano Santo (GOMES, 2012:3).

Desde as primeiras Caminhadas até aos nossos dias, com o mesmo objectivo, os peregrinos foram-se modificando (*imagem 27*). O que continua a ser comum são os bordões, a cabaça e a vieira. Contudo, os bordões de outrora, na sua maioria paus de madeira bastante resistentes⁵⁰, são agora bastões adaptáveis às dimensões da pessoa e ao terreno em questão, assim como a cabaça, que é agora substituída por cantis e garrafas de água. Os bastões, além de se relacionarem, obviamente, com o apoio físico, possuem um sentido também “ideológico representando as dificuldades e o sofrimento intrínseco e extrínseco do ser, do corpo e da alma.” (LIMA, 1994)⁵¹

A vieira é um dos símbolos mais importantes na definição de um peregrino a Santiago; é um símbolo identitário da peregrinação (*imagem 28*). Além de ser um objecto com utilidade prática durante o Caminho (servia para beber a água das fontes, por exemplo), a vieira tem também um significado bíblico e religioso tido em conta pelos peregrinos. Está relacionada com o renascer da vida, com o mistério e com a beleza, e talvez seja por esse facto que é ainda hoje utilizada nos rituais de Batismo⁵².

Não só o modo como se apresentam para caminhar sofreu alterações com o passar do tempo. As próprias ideologias e necessidades foram-se alterando. O peregrino da era medieval partia em busca da paz eterna. Já o peregrino actual inicia o seu percurso para cumprir outros objectivo: a procura da paz interior e espiritual, o reencontro consigo mesmo e/ou com outros e o autoconhecimento (SECALL, 2009)⁵³. Parece haver agora um maior afastamento da religião em detrimento das dimensões espirituais.

Este afastamento das questões da religião e, conseqüentemente, da Igreja, remete a peregrinação a Santiago para uma liberdade tal que a própria Igreja deixou de ter o controlo exclusivo dos Caminhos e dos peregrinos. A comprovar este facto está a quantidade de indivíduos que realiza o Caminho por motivações pessoais e desportivas, pela vontade de conhecer outros locais e outras experiências, afastados das rotinas diárias da vida. É neste contexto que os temas associados ao turismo e ao consumo fazem cada vez mais sentido quando se fala em peregrinações. “Cada vez mais surgem associados à peregrinação temas como a viagem, o uso de transportes e serviços de hotelaria/restauração, o que aproxima o

50 O *Codex Calixtine* revela a proximidade dos trajectos dos Caminhos com o traçado da Via Láctea e, por esta razão, os peregrinos da Idade Média orientavam-se segundo a posição relativa das estrelas fazendo, por isso, o Caminho durante a noite. Esta será também uma das razões para o uso de bastões resistentes, para protecção e segurança dos peregrinos perante eventuais perigos. (NADAIS, 2010:40)

51 Cf. GOMES, 2012:20

52 NADAIS, 2010:48

53 Cf. NADAIS, 2010: 7-8



29 | Rede de Caminhos de Santiago na Europa

conceito de turismo” (NADAIS, 2010:10). Estas alterações no modo de vivenciar a experiência da peregrinação e dos próprios Caminhos fez com que todo o envolvimento turístico e de *marketing* fosse evoluindo e sendo repensado ao longo dos tempos.

Uma outra questão interessante é a definição do que é ou não um Caminho de Santiago, tendo em conta as questões da pluralidade de caminhos para atingir um único local que é Santiago de Compostela. Efectivamente, torna-se uma tarefa difícil, se não mesmo impossível, a identificação exacta dos itinerários tomados pelo apóstolo S. Tiago nas suas pregações. O que de facto acontece é a identificação de vários caminhos que levam a Santiago e não os caminhos por onde São Tiago passou. É por esta razão que se denominam por “Caminhos de Santiago”, plural, e não somente “Caminho de Santiago”. Cada peregrino inicia a sua caminhada a partir do momento em que sai da sua residência com o objectivo final de chegar a Compostela. Contudo, e por uma questão de delimitação do próprio conceito, foram definidos uma série de itinerários que constituem os tais “Caminhos”. Segundo CUEVAS (s/d)⁵⁴ são oito os caminhos que chegam à Catedral. São eles o Caminho Francês, o Caminho Primitivo, o Caminho do Norte, o Caminho Inglês, o Caminho de Finisterra- Múxia, a Rota Marítima de Arasa, o Caminho Português e a Via de Prata (*imagem 29*).

Mais do que caminhos para atingir uma meta, os Caminhos de Santiago são também uma rede cultural. A par do intercâmbio de crenças e de fé, estes caminhos funcionam como rede de partilha de culturas, de ideias, de pessoas e de bens. “*Através dos Caminhos de Santiago difundiram-se ideias políticas, movimentos estéticos, estilos arquitectónicos, doutrinas teológicas, sistemas filosóficos, devoções e produtos.*” (SILVA, 2004:337)

Os Caminhos tornaram-se plataformas de discussão a todos os níveis devido à grande diversidade identitária de quem se põe ao Caminho. Independentemente das características sociais, económicas, políticas ou culturais de quem os percorre, os Caminhos de Santiago são tidos como locais de encontro e de partilha de fé e de ideologias. Cada peregrino traz consigo as suas vivências, as suas experiências afectivas e religiosas, e estão dispostos a dar a conhecer e a receber conhecimento. Mesmo as questões da nacionalidade e da língua são ultrapassadas facilmente. Além de se poder tratar os Caminhos como plataforma cultural, de diálogo e reconciliação, é possível percebê-los também como uma oportunidade única para a valorização dos recursos naturais e territoriais. O caminhar a pé cria uma grande proximidade com a natureza, através dos cheiros, do ar, do contacto com o próprio chão. “*O caminho a pé cria uma espécie de cumplicidade com a terra que se pisa, a água das fontes que sacia a sede, a chuva que encharca o corpo, o vento que ameniza as tardes quentes e o calor do Sol que queima o rosto e enxuga as roupas molhadas pela chuva.*” (SILVA, 2004:353)

Os contrastes paisagísticos entre ambientes rurais e ambientes urbanos, os pontos de

54 Cf NADAIS, 2010:45



30 | Caminho Português a Santiago de Compostela: Caminho pela Costa, Caminho Central e Caminho Interior

interesse culturais e patrimoniais conferem aos Caminhos e aos territórios por onde passam uma enorme valorização e atractividade. A realização do Caminho é muitas vezes para testar e ultrapassar barreiras quer físicas quer espirituais e psicológicas. Há ainda quem se ponha ao Caminho por mera curiosidade.

A importância da cultura e do conhecimento na realização do Caminho era já relevante na Idade Média, uma vez que há relatos de peregrinos dos séculos XV e XVIII que nos dão conta da dificuldade em definir traçados de percursos, pois cada peregrino traça a sua rota de acordo com os seus próprios interesses culturais.⁵⁵

Os peregrinos revelam grande interesse em conhecer e explorar os locais por onde passam e as localidades onde pernoitam. Procuram conhecer templos, igrejas, centros históricos, museus, pratos típicos, etc.. É aqui que a hospitalidade das populações é fundamental. Particularmente nas localidades mais pequenas e até rurais, as pessoas funcionam um pouco como guias-turísticos. Cada vez mais aparecem nos Caminhos pessoas que peregrinam como forma de turismo. Mais uma vez peregrinar não é apenas chegar à meta. A meta é o objectivo. O mais importante é o caminho que se percorre, as experiências e as reflexões ao longo do percurso. (DUQUE, 2005)⁵⁶.

Os Caminhos em Portugal. O Caminho Central Português.

Em Portugal, desde o século XI que há registo da passagem de peregrinos com destino a Santiago de Compostela. O contínuo fluxo destes peregrinos, com diferentes pontos de origem ao longo do país, foi cimentando os caminhos que nos chegaram, se bem que grande parte convergia por pontos junto ao litoral, seguindo depois em direcção à Galiza. Tanto nessa época como actualmente, o Caminho mais utilizado é aquele que parte de Lisboa, passando por Santarém, Tomar, Coimbra e Porto, de onde se dirige para Rates e Barcelos, Ponte de Lima, Valença e *Tui, Pontevedra* e, depois de *Padrón*, Santiago de Compostela (*imagem 28*).

Foi nas imediações deste Caminho que se construíram ao longo dos tempos, mas sobretudo na Idade Média, igrejas, conventos, hospitais, albergues e outros equipamentos para prestar assistência a quem o percorria. A importância da existência destas estruturas fez com que os Caminhos que as continham prevalescessem perante os outros. Por exemplo, a existência de locais de pernoita, mesmo que uns mais confortáveis do que outros, é um factor bastante considerado para se optar por “este” ou “aquele” trajecto. O simples acto de partilha de refeições e de convivência à mesa entre peregrinos de diferentes culturas e nacionalidades é uma acção bastante valorizada. Quem faz o Caminho está disposto a ultrapassar obstáculos e a descobrir nas pequenas tarefas a essência do ser humano. “(...) o

55 GOMES, 2012:29

56 Cf. GOMES, 2012:69-72

Caminho de Santiago é um espaço e um tempo para o diálogo, a reconciliação e a paz, e um itinerário de fraternidade espiritual.” (SILVA, 2004:351)

Como agora vimos, a existência de estruturas de apoio à peregrinação é uma necessidade para a manutenção dos Caminhos de Santiago. A par disso, e para que haja funcionalidade, é fundamental uma sinalização adequada, com uma linguagem universal e de fácil leitura para qualquer peregrino de uma qualquer nacionalidade. A preservação dos Caminhos de Santiago é vista como uma oportunidade de desenvolvimento local e regional, e é este o mote para a nossa intervenção. Segundo CUNHA (s/d)⁵⁷ cabe aos responsáveis proteger e legislar para a defesa dos interesses e preservação dos Caminhos, vendo neles grande potencialidade económica e turística.

Em Portugal, os Caminhos já definidos e sinalizados concentram-se particularmente na zona norte do país, não só pela proximidade geográfica com a Galiza mas também pela maior devoção ao Santo. Ainda assim, há efectivamente uma rede criada a partir de Lisboa, que passa por Santarém, Coimbra, Porto e Braga para depois chegar à Galiza.

No território nacional existem algumas associações cujo papel fundamental é apoiar as peregrinações e defender os Caminhos. Algumas delas, no entanto, encontram-se actualmente sem actividade⁵⁸. Assim, em estado activo temos a ‘Associação Cultural Transmontana dos Amigos dos Caminhos de Santiago’ (Bragança, fundada em 1984); os ‘Amigos do Caminho e Santiago da Via Lusitanea’ (Lisboa, fundada em 2002); a ‘Associação Espaço Jacobeus’ (Braga, fundada em 2004); a ‘Associação do Caminho de Santiago de Viana do Castelo’ (Viana do Castelo, fundada em 2004), a ‘Associação Via Veteris’ (Esposende, fundada em 2010), a ‘Associação de Peregrinos Via Lusitânia’ (Lisboa, fundada em 2010); a ‘Associação Albergue Cidade de Barcelos’ (Barcelos, fundada em 2011); e ainda a ‘Associação Portuguesa dos Amigos do Apóstolo Santiago’ (Lisboa, fundada em 2014). Como podemos verificar a grande maioria destas associações fixam-se no norte do país e, também por esta razão ou como consequência dela, o maior desenvolvimento e preocupação com o Caminho dá-se na zona norte.

A existência destas associações permitiu que se começasse a olhar para o Caminho Português de uma forma mais efectiva. Na zona centro a falta de preocupação era mais evidente. A pouca união dos órgãos com responsabilidade nas áreas de actuação dificultou desde logo a definição de estratégias para a valorização dos Caminhos. Parece não haver uma consciência colectiva e acabam por criar entraves desnecessários (NADAIS, 2010:67).

A criação da “Carta de Grijó”⁵⁹, em Dezembro de 2009, veio colmatar algumas

57 Cf. NADAIS, 2010:48

58 Segundo se verifica em <http://www.caminhosantigoviana.pt/associacoes.html>, acedido em Janeiro de 2016, são sete as associações em estado inactivo.

59 A Carta de Grijó foi um documento assinado em 13 de Dezembro de 2009 (no Mosteiro de Grijó), com

falhas que até então existiam. Com a colaboração de entidades como Câmaras Municipais, comerciantes e a Associação Espaço Jacobeus, depois de definido o Caminho, estabeleceu-se como objectivo principal a sinalização adequada das peregrinações a Fátima e a Santiago de Compostela. O processo de candidatura do Caminho Português a património da UNESCO, iniciou também um processo de inventariação tanto dos Caminhos como de todo o património edificado e artístico que se encontra ao longo desses caminhos.

Segundo CUNHA (s/d)⁶⁰, as peregrinações em Portugal podem dividir-se, em termos históricos, em quatro épocas: antes e depois da criação da nacionalidade, a idade moderna e a actualidade. Outro autor, MORENO⁶¹, define os Caminhos portugueses através de troços, da seguinte maneira:

A) ENTRE-DOURO-E-MINHO

1: Porto- Braga- Ponte de Lima – Valença – Tui ; 2: Porto – Ponte do Ave – Rates – Barcelos – Ponte de Lima – Valença – Tui ; 3: Porto – Guimarães – Braga ; 4: Porto – Matosinhos – Mindelo – Azurara – Póvoa do Varzim – Esposende – Viana da Foz do Lima – Caminha – Vila Nova de Cerveira – Valença ; 5: Foz do Lima: Porto de Via Marítima do centro e sul do país, bem como da Europa Mediterrânea (não consta no mapa) ; 6: Braga – Portela do Homem

B) TRÁS-OS-MONTES

1: Caminha – Viseu – Lamego – Poiares – Vila Real – Vila Pouca de Aguiar- Chaves ; 2: Guarda – Trancoso – Sernancelhe – Lamego ; 3: Penamacor – Almeida – Escalhão – Santa Maria – Freixo de Espada à Cinta – Bragança. NOTA: estes caminhos, além dos peregrinos portugueses também eram percorridos por peregrinos da região leonesa e de outras partes do reino de Castela.

C) CENTRO E SUL

1: Coimbra – Avelãs de Caminha – Águeda – Aveiro – Grijó – Pedroso- Porto ; 2: Coimbra – Viseu – Lamego ; 3: Évora – Evoramonte – Estremoz – Fronteira – Alter do Chão – Crato – Alpalhão – Nisa – Castelo Branco – Covilhã – Viseu ; 4: Coimbra – Figueiró dos Vinhos – Castelo Branco ; 5: Lisboa – Sintra – Torres Vedras – Caldas da Rainha – Alcobaça – Batalha – Leiria – Coimbra ; 6: Lisboa – Santarém – Tomar – Ansião – Coimbra ; 7: Santarém – Motemor-o-Novo – Évora ; 8: Lisboa – Setúbal ; 9: Beja – Tavira ; 10: Faro – Loulé – Amodôvar – Beja ; 11: Lagos – Évora – Ferreira do Alentejo ; 12: Lagos – Alcácer do Sal – Setúbal – Ferreira do Alentejo.

o objectivo de classificar os Caminhos Portugueses de Santiago como bem de interesse cultural e natural, e a conseqüente integração na lista do património da humanidade da UNESCO. Nesta assinatura estavam representadas associações jacobéias, câmaras municipais, entidades de turismo e direcções regionais de cultura. (Carta de Grijó em Anexos)

60 Cf NADAIS, 2010:46

61 *idem*, pp. 49-50

No caso desta dissertação iremos debruçar a nossa abordagem temática apenas sobre o **Caminho Central Português**, mais especificamente sobre o seu troço que passa por Condeixa. Tendo em conta o estudo levado a cabo por Catarina Nadais (2010) facilmente nos apercebemos que as questões do turismo religioso e da peregrinação não são tão simples como podemos pensar à partida. A autora, numa tentativa de definir estratégias de valorização dos Caminhos de Santiago, no norte do país, como caminhos para o desenvolvimento local e regional, desenvolve um proposta que denominou por *Touring Cultural por Caminhos Portugueses a Santiago*, tendo como ponto de partida o desenvolvimento que já havia sido feito com os Caminhos em França e Espanha.

O principal objectivo do estudo de Catarina Nadais foi “*promover momentos de reflexão individual religiosa, ou não, numa forma de turismo*”, e simultaneamente “*estimular o turismo local, tendo em conta considerações ecológicas e de protecção de património. Não se pretende a massificação do Caminho, somente criar estruturas para que seja possível percorrer o Caminho Português com condições suficientes para um peregrino/turista.*” (NADAIS, 2010:86) O campo de intervenção nesta proposta foi o troço do Caminho Braga - Ponte de Lima. Houve particular cuidado com o aproveitamento dos recursos endógenos e com a participação da população local, numa preocupação justificada de manter a autenticidade do local. A autora destaca ainda outras características que devem ser enaltecidas e que a nossa intervenção toma como exemplo: “*O caminho deve ser tratado e organizado de forma a descrever cenários ideais para a prática de meditação, enaltecer a paisagem e a aventura. Organizar e tratar a envolvente, desde a paisagem, a arquitectura, as actividades religiosas, o tratamento cultural, como os mitos, as histórias locais, ou os santos padroeiros. Sinalização da totalidade do caminho, construção de albergues, emissão de certificados de peregrinação, criação de um site, estatísticas e bases de dados. Além disso, estes melhoramentos devem contribuir para que se prolonguem as estadias dos peregrinos e turistas (...)*” (NADAIS, 2010:87).

As questões da sinalização e identificação do Caminho Português de Santiago tem sido o principal exemplo da desvalorização em termos do próprio Caminho . Na preparação do arranque dos Caminhos de Santiago, no Ano Santo de 1993, o Caminho Português revelava grandes fragilidades no que respeita a manutenção e sinalização. Foi com vista ao aumento do número de peregrinos que iriam passar pelos antigos caminhos medievais, atravessando os campos e caminhos rurais, que se procedeu a uma campanha de sensibilização e sinalização do Caminho Português através das setas amarelas⁶², realizada

62 As setas amarelas começaram a ser pintadas em 1980 pelo Padre Elías Valiña Sanpedro, Pároco do Cebreiro, a primeira localidade galega do Caminho Francês. Desde então foram-se espalhando por todos os caminhos e actualmente são o meio mais seguro de seguir o Caminho de Santiago. É uma forma simples e de fácil identificação: uma seta amarela pintada em elementos construídos, como muros, paredes, pavimentos ou postes, ou até nas árvores. Ou seja, por definição, pinta-se uma seta amarela com a direcção correcta a seguir em todos os locais onde possam ocorrer dúvidas, como são os cruzamentos, as bifurcações ou estradas muito



31 | Exemplos da sinalização presente no Caminho

em 1992⁶³, por iniciativa da Associação de Amigos do Caminho de Portugal, de Valença do Minho. Mais tarde, e em algumas zonas do Caminho, essas setas foram sendo substituídas por outro tipo de sinalização mais definitiva. Foram colocados marcos de pedra, onde se insere um azulejo com o símbolo da Vieira e uma seta amarela, indicando a direcção a seguir (nalguns casos apenas o azulejo era colocado em paredes ou muros, em vez da seta) (*imagem 31*). No entanto, nalguns locais ainda se verifica a existência dos dois tipos de sinalização.

É comum encontrar-se ainda setas azuis junto das setas amarelas, mas estas apontam na direcção contrária. As azuis são as setas identificativas do caminho para o Santuário de Fátima. Em adição existe ainda a sinalização dos percursos de Grande e Pequena Rotas⁶⁴; são usados dois traços para assinalar a direcção: um branco e outro vermelho para as Grandes Rotas, e um amarelo e outro vermelho para as Pequenas Rotas. Para quem não está familiarizado com esta quantidade de sinalização poderá tornar-se confuso. A falta de acertividade de quem faz a sinalização dos Caminhos é uma fragilidade.

O primeiro troço a obter sinalização completa foi, de facto, a ligação Ponte de Lima-Valença do Minho. Aos poucos, ano após ano, os vários troços vão sendo sinalizados, sendo que desde 2006 todo o Caminho, de Lisboa a Santiago, está sinalizado: assinalava-se assim o Caminho Central Português. A partir deste ano até 2008, os registos são de que o número de peregrinos que efectuou o Caminho com início em Lisboa foi cinco vezes maior do que em anos anteriores (MENDES, 2009:20).

Para a marcação do traçado foram tidas em conta várias fontes: relatos de peregrinações antigas; “Transporte e Comunicações em Portugal”, de Artur Teodoro de Matos; “A Rede viária romana na faixa atlântica entre Lisboa e Braga”, de Vasco Gil Mantas; “As Grandes Vias da Lusitânia”, de Mário Sá; e ainda a Carta Geral do Reino, de 1856, mandada executar por D. Maria II. O traçado dos Caminhos não nasceu por si só. Foi um reavivar das antigas rotas comerciais como eram as vias romanas⁶⁵, de calçada, através das quais “*foram partilhadas ideologias, contactos entre culturas e manifestações artísticas*” (NADAIS, 2010:43). Ainda que tenham tido estas bases de suporte, o Caminho sofreu algumas variações e alterações não só por ter em conta o desenvolvimento viário e urbano mas também por dar primazia à segurança dos peregrinos.

próximas.

63 Foi ainda em 1992 que se editou, na Galiza, o primeiro guia do Caminho Português.

64 Trata-se de um percurso pedestre definido no nosso país pela Federação Portuguesa de Campismo. Também designado Caminho de Santiago, não corresponde integralmente ao traçado do Caminho Português. É a indicação da GR11-E9, um itinerário que tem origem em S. Petersburgo, na Rússia, atravessa toda a Europa e termina em Portugal na casa de S. Vicente. Encontra-se, pelo menos, entre Rates e Barcelos e entre Ponte de Lima e Valença. Nesta sinalização dois traços paralelos indicam a direcção certa, dois em aspa a direcção errada e quando o vermelho se apresenta em ângulo recto significa a mudança de direcção para a direita ou para a esquerda.

65 Segundo GOETHE, citado por NADAIS, 2010:43.

Camino de Santiago
ARCS
Asociación Aragonesa de Peregrinos

Nombre del peregrino: _____
 DNI y Pasaporte: _____
 Dirección: _____
 Lugar de inicio de la peregrinación: _____
 ir en bicicleta a caballo

Cumplió la peregrinación
señal

Santiago, a ____ de ____ de 20__

Bendición del Peregrino

En la calle donde figure el sello de cada bendición, el peregrino debe poner su nombre y apellidos.

Fecha							
-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------

Certificación de paso

Fecha							
Fecha							

Importante antes de comenzar el Camino de Santiago

- El camino de Santiago es un camino de peregrinos, no de turistas. Quien quiera hacer el camino debe tener una actitud de respeto y humildad.
- El camino de Santiago es un camino de fe y de amor. Quien quiera hacer el camino debe tener una actitud de fe y de amor.
- El camino de Santiago es un camino de servicio. Quien quiera hacer el camino debe tener una actitud de servicio.
- El camino de Santiago es un camino de fraternidad. Quien quiera hacer el camino debe tener una actitud de fraternidad.
- El camino de Santiago es un camino de paz. Quien quiera hacer el camino debe tener una actitud de paz.

Por tudo isto que referimos, salientamos mais uma vez a importância que os Caminhos de Santiago têm como potencial recurso a explorar. Não só pelo objectivo espiritual e religioso que lhe está associado como pelo simples facto de exponenciar ao máximo o contacto com os recursos mais naturais e endógenos que o nosso país apresenta, como são os meios rurais, dos campos de cultivo, das paisagens arbóreas, das fontes, dos rios, dos ribeiros. A quantidade de pessoas que cruza o país anualmente é merecedora de uma maior dedicação.

O Caminho Português, segundo as estatísticas que nos são apresentadas pela “*Oficina del Peregrino*”⁶⁶, é o segundo mais utilizado em toda a Europa. Por exemplo, no mês de Agosto⁶⁷, que é o auge das peregrinações, chegaram a Compostela vindos do Caminho Português 9 206 peregrinos, de um total de 54 796 (o que corresponde a 16,8%). Interessante é também o número de peregrinos que iniciou o seu trajecto em Lisboa (336 - 0,61%), em Ponte de Lima (343 - 0,63%) ou em Coimbra (32 - 0,06%)⁶⁸. De entre um total de 25 724 (46,95%) mulheres e 29 072 (53,05%) homens, chegaram a Santiago a pé 49 111 (89,63%), de bicicleta 5 498 (10,03%), a cavalo 171 (0,31%) e ainda 16 (0,03%) em cadeira de rodas.

A preferência pelo Caminho Português em detrimento de outros prende-se com factores como o número reduzido de peregrinos que passam no caminho, quando comparado, por exemplo, com o Caminho Francês, e particularmente nos meses com temperaturas pouco elevadas. O Caminho Português é descrito pelos peregrinos como um dos mais interessantes, não só pelas paisagens e pelo interesse cultural mas também por permitir uma experiência que os outros caminhos não têm: o cruzamento com outros peregrinos que circulam no sentido oposto, em direcção a Fátima.⁶⁹ No entanto, também são apontadas algumas falhas, como são a falta de apoio e grandes dificuldades na obtenção da credencial de peregrino⁷⁰ (*imagem 32*), um documento essencial para a realização da peregrinação a Santiago e para aprovar a estadia nos albergues como peregrino. A ausência de sinalização adequada e a escassez de locais de pernoita destinados a peregrinos são apontadas como factores de desfavorecimento do Caminho Português, particularmente sentidos por peregrinos estrangeiros com pouco conhecimento da língua portuguesa.

O Caminho Central Português está organizado em 24 etapas que totalizam 632 km,

66 Dados contabilizados a partir do número de credenciais de peregrino recebidas em Santiago de Compostela.

67 Dados referentes a Agosto de 2015. No mesmo mês do último Ano Santo, 2010, o total de peregrinos foi de 61 543.

68 De Janeiro a Agosto de 2015 chegaram a Compostela vindos de Lisboa 1212 peregrinos, isto é, realizaram o Caminho Central Português na sua totalidade.

69 MENDES, 2009:21

70 A Credencial, para além de permitir o acesso aos albergues, é a prova da realização do Caminho para poder solicitar a “Compostela”. A Credencial deve ser carimbada pelo menos duas vezes por dia, obrigatoriamente nos últimos 100 Km no caso dos peregrinos a pé ou a cavalo, ou 200 Km para os peregrinos em bicicleta. Em Portugal é possível obter a Credencial na Sé Catedral de Lisboa, na Basílica dos Mártires em Lisboa, na Sé Catedral do Porto ou ainda nos albergues de S. Pedro de Rates e Ponte de Lima. A sua distribuição está a cargo da Associação Espaço Jacobeus.

CAMINHO CENTRAL (PORTUGUES) A SANTIAGO



33 | Caminho Central Português a Santiago de Compostela

de Lisboa a Santiago de Compostela, pressupondo-se que o caminho seja percorrido em 25 dias se forem percorridos 25 km por dia. Esta divisão por etapas está organizada de acordo com o número de quilómetros que se sugerem adequados para uma jornada diária e ainda a localização de albergues.

1 – Lisboa-Alhandra (33 km)

2 – Alhandra – Azambuja (24 km)

3 – Azambuja – Santarém (32 km)

4 – Santarém – Golegã (30 km)

5 – Golegã – Tomar (22 km)

6 – Tomar – Alvaiázere (32 km)

7 – Alvaiázere – Rabaçal (33 km)

8 – Rabaçal – Cernache (19 km)

9 – Cernache – Coimbra (14 km)

10 – Coimbra – Mealhada (26 km)

11 – Mealhada – Águeda (31 km)

12 – Águeda – Albergaria-a-Velha (20 km)

13 – Albergaria-a-Velha – Oliveira de Azeméis (23 km)

14 – Oliveira de Azeméis – Grijó (34 km)

15 – Grijó – Porto (23 km)

16 – Porto – Vilarinho (26 km)

17 – Vilarinho – Barcelos (28 km)

18 – Barcelos – Ponte de Lima (34 km)

19 – Ponte de Lima – Valença do Minho (39 km)

20 – Valença do Minho – Redondela (32 km)

21 – Redondela – Pontevedra (19 km)

22 – Pontevedra – Caldas de Reis (23 km)

23 – Caldas de Reis – Padrón (20 km)

24 – Padrón – Santiago de Compostela (24 km)

Os albergues, sejam municipais ou privados, são estruturas colocadas à disposição dos peregrinos que se identificam como tal, mediante a apresentação da credencial de peregrino⁷¹, para ali poderem pernoitar, com acesso a alimentação e banhos quentes. Nos

⁷¹ A Credencial é obtida através de um pedido de uma Associação de Amigos do Caminho de Santiago, onde deve ser mencionada a principal motivação da peregrinação. Este pedido segue posteriormente para aprovação da Associação Espaço Jacobeus, responsável pelas credenciações.



34 | *Albergue de São Pedro de Rates*

35 | *Albergue de Ponte de Lima*

albergues municipais, na sua maioria, a pernoita é sujeita ao pagamento de um valor monetário simbólico ou, nalguns casos, a um donativo sem valor fixo. Regra geral os albergues dispõem de local para a realização de refeições, normalmente uma cozinha partilhada, e de sala de convívio. Grande parte dos albergues que se encontram em território português surgem de cedências de casas inabitadas, por parte das Câmaras Municipais, que são transformadas em albergue. Actualmente existem em Portugal 20 albergues destinados ao acolhimento de peregrinos.

O primeiro albergue instituído em território português surge em 2004, em São Pedro de Rates⁷², com capacidade para 45 peregrinos. Funciona com base nos donativos que os peregrinos deixam. Até 2009 tinha registo de acolhimento de 5 665 peregrinos (*imagem 34*).

A 18 de Fevereiro de 2005 Valença do Minho inaugurou outro albergue, proveniente da reabilitação de uma antiga casa senhorial. Com cerca de 80 camas, a exploração deste albergue fica a cargo do Agrupamento de Escuteiros de Valença do Minho. Segue-se Rubiães, em Maio de 2006, com a reocupação da antiga escola primária. Tem à disposição dos peregrinos 27 camas e 20 colchões, e serviços de cozinha e lavandaria. Seguiu-se depois o Albergue de Ponte de Lima, com data de abertura a 17 de Julho de 2009, fruto de uma cedência da Câmara Municipal de Ponte de Lima (*imagem 35*).

O Albergue de Ponte de Lima é um dos mais procurados em território nacional, uma vez que grande parte dos peregrinos iniciam o seu Caminho a norte. Tem capacidade para albergar 50 peregrinos, e dispõe de cozinha, sala de refeições, lavandaria, sala de convívio e instalações sanitárias. Com apenas 3 semanas de funções registava já 330 peregrinos e no primeiro semestre de 2010 contava já com 2 397⁷³. Note-se que 2010 foi Ano Santo, e em Agosto, o mês de maior movimento nas peregrinações, o Albergue de Ponte de Lima registou 830 pernoitas e 155 transições. No ano seguinte, no mesmo mês em 2011, contou com um aumento de 34,09%: 1 113 pernoitaram em Ponte de Lima e 190 transitaram. No mês de Agosto de 2012 foi registado o peregrino número 16 000 e apenas passado um mês esse número aumentou para 17 000. Este crescimento nunca abrandou. Em Agosto de 2013 eram já 24 000 os peregrinos que passavam pelo albergue de Ponte de Lima e em Outubro de 2015 contam-se já 41 000 peregrinos.

A rede de albergues disponíveis em território nacional, aos poucos começa a compor-se, se bem que o número de estruturas é mais favorecido na região Norte do que a Sul. Os albergues⁷⁴ registados até ao Porto têm uma capacidade média de 12 lugares para

72 Proveniente de uma cedência de uma antiga exploração agrícola por parte da Câmara Municipal da Póvoa do Varzim, foi inaugurado em 25 de Julho de 2004. É o primeiro albergue a norte do Porto.

73 De entre esse número, 68% (1 637 pessoas) diz respeito aos peregrinos que pernoitaram no Albergue e 32% (760) apenas transitaram, ou seja, carimbaram a credencial de peregrino (segundo os dados publicados pela gestão do Albergue na respectiva página do Facebook, a 7 de Julho de 2010).

74 Quando falamos em albergues referimos as estruturas instituídas com o principal objectivo de acolher

peregrinos e uma frequência média de 1 albergue por concelho. A norte do Porto, como por exemplo, Viana do Castelo, São Pedro de Rates, Barcelinhos, Barcelos, Ponte de Lima, Rubiães ou Valença do Minho, os lugares disponíveis para peregrinos estão na média dos 34 lugares por albergue, sendo que a frequência com que se encontra um lugar para pernoita é superior. Em Coimbra há um albergue desde o dia 15 de Março de 2014, localizado no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, com capacidade para alojar 20 peregrinos. Albergues como o de Cernache (distrito de Coimbra) ou de Albergaria-a-Velha (distrito de Aveiro) são instituições recentes. A sua fundação data de Março e de Abril de 2015, respectivamente, e contam já com a pernoita de 473 peregrinos no caso de Cernache e de 1004 no caso de Albergaria-a-Velha⁷⁵. A norte, além do caso de Ponte de Lima que já referimos, temos ainda registo de cerca de 3000 peregrinos que já pernoitaram em Viana do Castelo, Vairão, desde 25 de Julho de 2013. Escusado será dizer que depois de passada a fronteira de Espanha o número de albergues disponíveis no Caminho aumenta consideravelmente⁷⁶.

Os albergues são o que se pode aproximar mais à ideia de casa, quando se está num período de afastamento das rotinas diárias que a peregrinação exige. Por isso mesmo o ambiente que muitas vezes é relatado pelos peregrinos que ficam nos albergues é um ambiente familiar. As salas de convívio colocadas à disposição dos peregrinos e as cozinhas partilhadas permitem que haja grande interação entre as pessoas, muitas vezes desconhecidas e de nacionalidades e culturas bastante diferentes. *“Existe uma grande camaradagem e espírito de entreaajuda e é constante a partilha de histórias, comida e medicamentos”* (MENDES, 2009:27). Um outro dado interessante relativamente aos albergues é a simplicidade da decoração. Muitos peregrinos preferem não ter determinadas “mordomias” e modernices, como a electricidade ou a água quente, de modo a aproximarem a sua experiência de realização do Caminho aos peregrinos de antigamente (MENDES, 2009:33).

Como vimos até aqui, as peregrinações a Santiago de Compostela são uma realidade em toda a Europa, sendo que em Portugal tem grande impacto também pela proximidade com Santiago de Compostela. De seguida iremos abordar o outro grande mote da deslocação de pessoas em peregrinação, com impacto directo no nosso território: as peregrinações ao Santuário de Fátima.

peregrinos.

75 Informações recolhidas junto de responsáveis pelos albergues, no início do mês de Novembro de 2015.

76 Só em Tui, a primeira etapa do Caminho Português em território espanhol, estão disponíveis 4 albergues destinados a peregrinos, com uma média de 28 lugares em cada. Os Albergues em Espanha distanciam-se cerca de 20 km uns dos outros e são geridos pela *Xunta de Galicia*.

5. Rotas de Peregrinação a Fátima

Quando se fala da religião cristã e das práticas de fé que lhe estão associadas, podemos falar de manifestações tão variadas como itinerários de peregrinação a lugares considerados sagrados, construções mais ou menos monumentais, edifícios de índole religiosa, elementos naturais a que se atribui um carácter sagrado, ou ainda objectos aos quais se atribui significado religioso ou sagrado, como são as imagens de santos, estátuas, relíquias, etc. (SANTOS, 2006:106)⁷⁷. A chegada ao elemento sagrado é a meta do peregrino.

A história das peregrinações em Portugal é já bastante antiga, como vimos no capítulo anterior, relativo às peregrinações a Santiago de Compostela que já marcavam caminhos em Portugal desde o século XI. Por detrás das peregrinações cristãs estão normalmente duas motivações principais: a adoração de lugares considerados sagrados e que se relacionam de alguma forma com a vida de Jesus, ou o culto de santos ou das suas relíquias. Os casos de Fátima e de Santiago de Compostela são um exemplo claro dessas duas intenções. Além disso são ainda as duas peregrinações que movimentam mais pessoas anualmente no nosso território.

No que diz respeito ao enquadramento temporal e à quantidade total de peregrinos envolvidos nas duas peregrinações, é descabido fazer uma comparação. A origem das peregrinações a Santiago recua aos primeiros séculos da nossa era, enquanto que Fátima como destino de peregrinação surge apenas no início do século XX. E se até 1917 não se ouvia falar de Fátima, muito menos na povoação de Cova de Iria. Mas esta data viria a mudar o rumo da história. Anualmente, Fátima recebe cerca de 4 milhões de visitantes e 50 mil peregrinos a pé (AMBRÓSIO, 2000:116)⁷⁸. Este número é cinco vezes maior do que os que se dirigem para Santiago. Em Portugal as devoções Marianas têm bastante relevo mas, e apesar de ter caído em desuso, os Caminhos para Santiago não desapareceram.

Independentemente da religião a que dizem respeito, as peregrinações são tidas como o auge da expressão de fé. Segundo ACOURT (1993)⁷⁹, a peregrinação é um acto relacionado com a Igreja e está definida perante quatro objectivos essenciais: o revigoramento pela fé, uma acção de conversão individual e colectiva, um tempo de oração e penitência e, por último, um tempo de fraternidade.

Particularmente quando nos referimos às peregrinações cristãs, um dos objectivos principais é a chegada ao Santuário, onde os peregrinos acreditam ser recebidos por Deus.

⁷⁷ SANTOS, M. (2006). *Espiritualidade, Turismo e Território. Estudo geográfico de Fátima*, Princípiã: S. João do Estoril.

⁷⁸ AMBRÓSIO, V. (2000). *Fátima: Território Especializado na Recepção de Turismo Religioso*. Lisboa: Instituto Nacional de Formação Turística

⁷⁹ Cf. AMBRÓSIO, 2000: 13



36 | *Cova de Iria, 1918: primeira construção no local da aparição de N. Sra. do Rosário, onde actualmente existe o Santuário.*

Segundo MALHERBE (1992)⁸⁰ a procura e a ida ao local onde houve manifestações divinas é um acto perfeitamente natural. É um reflexo da procura do ser humano por respostas num local distante que não encontra perto de si.

As expressões de fé e as referências espirituais de cada indivíduo foram deixando, pouco a pouco, de se reflectir apenas em actos como as idas à missa aos Domingos. Há cada vez mais procura por outros rituais e outras experiências, muitas vezes longe do local de residência, como é exemplo a peregrinação. Não só a peregrinação efectiva mas a visita a centros religiosos ou santuários onde procuram encontrar a espiritualidade perdida, individualmente ou de forma colectiva. Estes actos e estas escolhas são o que também difere o peregrino do praticante. Enquanto a actividade religiosa do praticante é tida como habitual, rotineira, obrigatória, a actividade do peregrino insere-se num espírito mais livre e voluntário (HERVIEU-LÉGER, 1999).⁸¹

O acto de peregrinar foi, durante muitos séculos, nomeadamente no período da Idade Média, a única viagem que as pessoas que se deslocavam para fora do país de origem faziam. Com o Renascimento, esta deslocação começa a perder o carácter exclusivamente religioso para ser também cultural. Era vista como uma maneira de conhecer o mundo para lá das fronteiras do próprio país. Se prestarmos atenção a este tema vemos aqui o início da relação entre a peregrinação e o turismo. No entanto, Robi Ronza (1992)⁸² tem uma visão de afastamento entre esses dois temas. Para o autor a peregrinação relaciona-se com a intenção de introspecção, de avaliação do interior e o reencontro pessoal. Por seu lado, o turismo está embuído num espírito consumista e num modo de distração. *“A imagem do turismo está ligada às noções de banalidade, frivolidade e consumo, enquanto à imagem do peregrino se associam noções de seriedade e empenhamento.”* Já na opinião de RINSCHÉDE (1992)⁸³ há uma possibilidade de entendimento entre os dois temas ou, por outras palavras, podem existir *“formas de transição”*, como é o caso do Turismo Religioso. Para o autor, este é um tipo de turismo em que os participantes têm como motivações primordiais razões religiosas. É frequente que, no planeamento da peregrinação, os peregrinos reservem um ou dois dias para conhecer a área adjacente ao local de destino. Exemplo disso são as viagens de Lourdes a Andorra ou de Fátima à Nazaré⁸⁴.

Fátima, e particularmente Cova de Iria, eram localidades que não estavam originalmente preparadas para o impacto que viriam a sofrer a partir de 1917⁸⁵ (*imagem 36*).

80 Cf. AMBRÓSIO, 2000:39

81 Cf. SANTOS, 2006: 75

82 Cf. AMBRÓSIO, 2000:17

83 *idem*, p.18

84 AMBRÓSIO, 2000:19

85 Até 1917 as construções mais perto de Cova de Iria localizavam-se a mais de 1 km de distância.



Fotografia original do «Milagre do Sol», registada em Outubro de 1917 e publicada no *Osservatore Roman*



37 | “Milagre do Sol”: aparição de N. Sra, na Cova de Iria em 13 de Outubro de 1917
 38 | Peregrinações em 1927, no espaço onde hoje se ergue o Santuário (em baixo, à esquerda)

A evolução para a cidade que conhecemos hoje foi fruto de projectos de planeamento e urbanização, que acabaram por transformar Fátima numa cidade-santuário, que vive da religião e do turismo. É por isso, a meu ver, um exemplo da possibilidade de coabitação dos dois temas.

O dia 13 de Maio de 1917 viria a alterar por completo o rumo daquela povoação, com a aparição de Nossa Senhora a três pastorinhos. O acontecimento repetiu-se desse dia em diante, em todos os dias treze de cada mês, no mesmo local, excepto em Agosto em que a aparição se deu no dia 19, em Valinhos. A notícia percorreu a região e no dia 13 de Outubro estavam mais 70 000 pessoas com os três meninos, a aguardar a chegada da Virgem, naquele que foi descrito como o “Milagre do Sol” (*imagem 37*). Foi nesse dia que a Senhora se proclamou “Senhora do Rosário” e pediu que naquele local se erguesse uma capela em sua honra.

Apesar de os acontecimentos marcantes terem ocorrido em 1917, só passados 23 anos, a 13 de Outubro de 1930⁸⁶, o Bispo de Leiria declara “dignas de fé” as aparições e dá autorização para que ali possa ser prestado o culto à Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

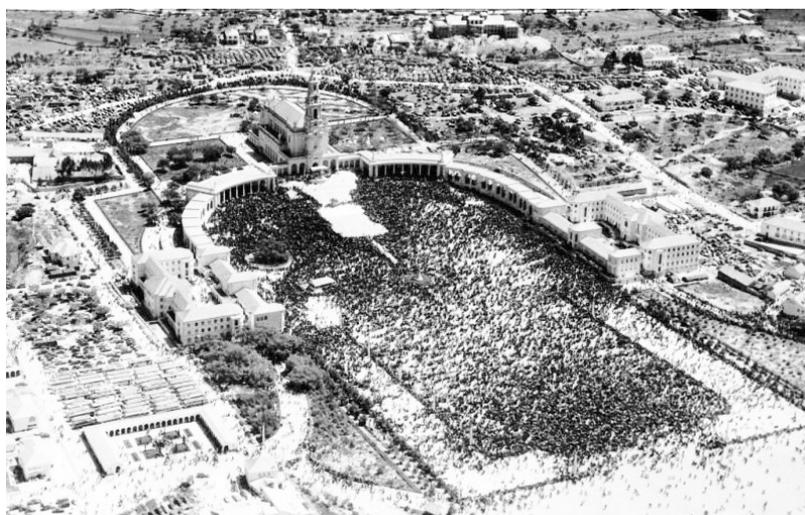
Foi o despoletar das romarias e das peregrinações que juntavam cada vez mais pessoas vindas não só de todos os pontos do país mas também do outro lado das fronteiras. Começaram a afluir a Fátima milhares de peregrinos e o número aumentava de ano para ano (*imagem 38*). Estava iniciado o processo de transformação em cidade. Com a afluência de pessoas ao local, logo apareceram os primeiros vendedores ambulantes e as barracas de venda de bebidas, as primeiras oportunidades de negócio. Com estes vieram os primeiros investimentos para a construção de um local apropriado à dimensão que se previa que o local atingisse: compraram-se os primeiros terrenos para a construção do Santuário. É em 1944 que surge o primeiro Antepiano de Urbanização de Fátima⁸⁷, dada a procura elevada pelo local, tido agora como centro de peregrinação consagrado. É necessário obter um ambiente de imponência religiosa, de mística e de dignidade. Como centro de atenção é o templo de Nossa Senhora de Fátima, e é à sua volta que o Plano de Urbanização deve ser concebido (AMBRÓSIO, 2000: 79).

Dois anos depois, em 1946, decorrem no Santuário as Cerimónias de Coroação de Nossa Senhora⁸⁸, evento este que levou a Fátima milhares de peregrinos. As tais “barracas” de venda ambulante multiplicaram-se e gerou-se um grave problema: o abastecimento de água. Este e outros problemas de deficientes infraestruturas eram tidos como questões por resolver por parte das autoridades locais, pois a imagem da cidade que os peregrinos levavam

86 Segundo a elaboração da Carta Pastoral da Divina Providência. Em 1929 tinha sido elaborado um Antepiano de Urbanização para o Santuário, da autoria de Luís Cristino da Silva e Ernesto Korrodi.

87 Autoria do Arquitecto Cottinelli Telmo.

88 Como forma de agradecimento pelo facto de Portugal não ter sofrido directamente com a II Grande Guerra, as mulheres portuguesas ofereceram à Virgem a coroa que foi colocada na imagem.



39 | *“Recinto da Oração” nas peregrinações em 1951*

40 | *Praceta de S. José, com as lojas de venda de produtos religiosos*

não era positiva. A procura e a compra de mais terrenos para a expansão e regularização do recinto não tardou, tal era a afluência de pessoas (*imagem 39*). A grande esplanada que caracteriza o espaço do Santuário começava a ser construída. Em 1950, por ordem da tutela do Santuário, as barracas ambulantes são substituídas por um conjunto de 45 lojas, de carácter fixo, destinadas à venda de produtos religiosos (mais uma vez aqui entra em questão os factores que dizem respeito ao turismo) (*imagem 40*).

Dada a evolução a que se assistia, o antigo Anteplano de Urbanização já não passava disso mesmo: antigo. Sentia-se a necessidade de alargar a área de actuação para lá das fronteiras do Santuário⁸⁹. Deste modo, em 1957, elaborado pelo arquitecto Luís Xavier, surge um novo Anteplano de Urbanização. Este projecto englobava aspectos essenciais como a instalação de peregrinos, estacionamento e circulação de veículos, construções religiosas, zonas de habitação destinadas à população flutuante e residente, e ainda a construção de outros edifícios públicos. *“Foram estabelecidas as zonas de acampamento, para um total de 154 000 peregrinos; as zonas de parque de estacionamento, com capacidade para 17 500 veículos; a zona de reserva e a zona rural de protecção, que em caso de movimento excepcional poderão também ser ocupadas por peregrinos e veículos.”* (RODRIGUES, 1974:67)⁹⁰ Este planeamento deixava antever a quantidade de pessoas que se esperava que se dirigissem ao Santuário nos anos consequentes, tendo em conta o que até ali acontecera a tendência era manter aqueles números ou até aumentá-los. A criação destas condições favoreceu não só a vinda de pessoas de outras localidades e de outros países como também ajudou a atrair habitantes da região a fixarem-se na “nova Cova de Iria”, com as novas condições de vida que tinha para oferecer. Começava-se a assistir a um “êxodo comercial”, proveniente da troca da actividade agrícola pela comercial (AMBRÓSIO, 2000:85-88).

Com toda a expansão que Fátima assistiu desde 1917, estruturada com base no elemento Santuário, e a dimensão que atingiu a nível nacional e até internacional, fez com que em 1977 fosse elevada à categoria de vila⁹¹. Foram feitos estudos e projectos de urbanização mas que, por demorarem tempo de mais e serem alvo de reclamações, acabaram por não prosseguir desenvolvimento⁹².

Acontecimentos importantes como a vinda do Papa João Paulo II⁹³ ao Santuário,

89 Já em 1948 tinha sido definida, por Decreto, a zona de protecção do Santuário, conferindo às construções realizadas dali em diante o carácter de permanência. Foi a partir desta data que as “barracas” de comércio provisório começaram a desaparecer para dar lugar a novos edifícios, moradias e hotéis, e à passagem de novas vias.

90 Cf. AMBRÓSIO, 2000: 85

91 Da nova vila faziam parte as povoações de Cova de Iria, Aljustrel, Lomba d'Égua e Moita Redonda.

92 O Gabinete de Estudos e Arquitectura Carlos Ramos é o responsável pelo Plano de Urbanização da “nova vila”.

93 João Paulo II deslocou-se em peregrinação a Fátima, em 1982, para agradecer o facto de ter escapado com vida ao atentado que sofreu no ano anterior.



41 | *Peregrinos no recinto do Santuário, com a Basílica em construção, em 1938*

em 1982, foram determinantes para mais desenvolvimentos. Em 1985 existiam já 10 hotéis, 1 estalagem, 14 pensões e 13 residenciais, num total de 1 584 quartos e 3 213 camas. Nas 50 comunidades religiosas que ali se estabeleciam, juntamente com o próprio Santuário, estavam disponíveis mais 4 000 camas. No conjunto estamos a falar de mais de 8 000 lugares para dormir. (AMBRÓSIO, 2000:93) O passar dos anos e o conseqüente desgaste de infraestruturas não tardou em fazer-se sentir. Os Planos de Urbanização de então revelam-se inadequados e insuficientes para o número de pessoas que se dirigia a Fátima. Assim sendo, em 1987, por decisão da Presidência do Conselho de Ministros, é criado o Gabinete Coordenador Urbanístico de Fátima. As primeiras preocupações recaíram sobre o problema do abastecimento de água e na modernização das condutas. Em 1995 é apresentado um novo Plano de Urbanização⁹⁴, onde se prevê *“uma vasta área de meditação, recolhimento e oração, única no mundo, e capaz de constituir o pulmão adequado para as multidões da Cova de Iria”*, através da união entre Valinhos e o Santuário. Mas nem tudo se desenvolveu como esperado, com erros cometidos que comprometeram o desenvolvimento *“lógico e ordenado de Fátima”*, como consequência da expansão não equitativa de todas as povoações, da discrepância do tipo de construções, quer se trate de habitações ou equipamentos hoteleiros e comerciais, quer em termos de volumetrias quer em termos de materialidade. (AMBRÓSIO, 2000:96)

Como até agora vimos, Fátima e Cova de Iria eram antes de 1917 territórios despovoados, caracterizados pela ruralidade. Os acontecimentos marcantes desse ano vieram trazer mudança, em todos os aspectos. O Santuário passou a ser o centro das atenções, atraíndo anualmente milhares de pessoas, entre peregrinos, turistas ou apenas curiosos (*imagem 41*). Esta afluência motivou a necessidade de ordenar o território como resposta ao progresso. A antiga ruralidade foi substituída pelo comércio, e o Turismo Religioso tornou-se na principal fonte de rendimento. Contudo, as estratégias adoptadas revelaram-se infrutíferas e foram cometidos vários erros, particularmente no crescimento descontrolado das unidades turísticas. *“Em Fátima, a ausência de estratégias globais levou a que o crescimento turístico não tivesse sido desencadeado por qualquer planeamento da oferta turística (...) assumindo-se a procura como o ‘motor’ fundamental desse crescimento. A oferta foi precedendo a procura e cresceu com base em esforços descoordenados, causa directa da inoperacionalidade do processo de planeamento.”* (GONÇALVES, 1996:187)⁹⁵

Este crescimento exponencial do turismo⁹⁶, dando lugar a um “novo” território, fez

94 Autoria de Ana Simões & Morais, Arquitectos e Engenheiros Associados, Lda.

95 Cf. AMBRÓSIO, 2000:97

96 No que respeita à oferta de alojamento verifica-se um aumento de 8% do crescimento médio anual, no período correspondente ao início do desenvolvimento do turismo em Fátima (entre 1931 e 1940). Na década seguinte (1940 - 1950) regista-se uma descida para os 2,6%, motivada pelos acontecimentos da II Guerra Mundial. Nos anos 50, e particularmente devido ao Ano Santo de 1951, Fátima usufruiu da sua projecção internacional e a taxa de procura aumentou para os 6,6%. Dois grandes eventos na década de 60 (a entrega

de Fátima, em 1998, o maior centro hoteleiro da zona Centro, com capacidade para albergar cerca de 10 000 pessoas⁹⁷.

De entre as pessoas que visitam o Santuário é comum encontrar-se vários tipos de visitantes. Há aqueles que vão “*só vero ambiente*”, há os que vão “*participar nos grandes actos*”, os que vão “*cumprir uma promessa*” e há ainda os que são “*profundamente empenhados em movimentos da Igreja, sendo exigentes quanto à possibilidade de participação e ávidos de aprofundamento da sua fé*”. (AMBRÓSIO, 2000:97) Independentemente do modo como experienciam a ida ao Santuário ou do modo como expressam a sua devoção, Fátima recebe anualmente, entre nacionais e estrangeiros, cerca de 4 milhões de pessoas⁹⁸. Nos dias dos aniversários das aparições admite-se que o número ultrapasse o meio milhão de pessoas. Tem-se verificado uma diminuição no número de multidões nos dias de festejos, mas em contrapartida, regista-se um aumento de procura aos fins-de-semana, especialmente entre o período da Páscoa e final de Outubro.⁹⁹

O universo das peregrinações é vasto. Há muitos peregrinos, peregrinos velhos, peregrinos do agora, tradições antigas, hábitos modernos. Em Fátima, como noutra local de culto, encontram-se várias formas de manifestar a devoção ou apenas a curiosidade. Grande parte das pessoas, não se incluindo no grupo dos “praticantes”, procura ali encontrar a serenidade e as respostas que no seu ambiente habitual não conseguem alcançar. Segundo ANTUNES (1993)¹⁰⁰ “*tem vindo a aumentar a heterogeneidade dos visitantes da Cova de Iria (...) desde o peregrino mais tradicional, o turista religioso, o católico que encontra aqui o espaço em que revela a sua pertença eclesial, ou o crente que redescobre o valor do lugar sagrado como quadro espacial de expressão da sua espiritualidade*”. No caso de Fátima, a ida ao Santuário vem substituir a tradicional ida à eucaristia dominical na igreja da paróquia, e traz consigo a ideia de liberdade ou de não-obrigatoriedade. Por outro lado, o Santuário é frequentemente local de visita por famílias em programas de fim-de-semana ou domingo. Por estas razões, pela sua função unificadora e pela localização centralizada no território nacional, o Santuário de Fátima pode ser considerado a Igreja Matriz de Portugal. (SANTOS,

da Rosa de Ouro, em 1965, e a visita do Papa Paulo VI em 1967), fizeram com que a procura disparasse para os 20,7%. Depois deste pico seguiu-se um período de estagnação, situado entre os 2,2% e os 2,4%, a partir dos anos 70, só interrompido pela visita do Papa João Paulo II em 1982 que fez subir a taxa para os 4,5%.

97 Além de ser importante na dimensão hoteleira, Fátima é também o maior núcleo de comércio a retalho, particularmente de artigos religiosos, no concelho de Ourém (cerca de 400 unidades) (AMBRÓSIO, 2000:98)

98 De entre os 4 milhões de pessoas, cerca de 10% são estrangeiros. Estes são os principais responsáveis por 80% da ocupação dos serviços de alojamento, o que demonstra a dependência que a economia de Fátima tem em relação ao turismo e peregrinação.

99 Normalmente os visitantes nacionais ficam em Fátima durante algumas horas. Os peregrinos que se deslocam de localidades mais distantes, normalmente em peregrinações organizadas por associações, alojam-se em Fátima por alguns dias. Quanto aos estrangeiros, estes também se dividem em peregrinos e turistas. Os peregrinos vêm normalmente através de associações/organizações e ficam alguns dias na região, acabando por conhecer outros locais como Batalha, Nazaré, Alcobaça e Coimbra; os turistas normalmente vêm com intenção de permanecer em Fátima durante cerca de uma hora e depois dirigem-se para outros locais.

100 Cf. SANTOS, 2006:84



42 | *Basílica da Santíssima Trindade*

43 | *Basílica de Nossa Senhora do Rosário*

44 | *Maqueta do projecto para o novo presbitério*

2006:86)

De facto, o próprio Santuário foi o elemento que deu origem à cidade que hoje se apresenta. A sua presença forte, marcante no território e no tecido urbano, gera a dinâmica de toda a cidade, “*é um espaço disjuntivo no tecido urbano de Fátima*” (SANTOS, 2006:106), marcando o limite, pelas suas fronteiras de elementos construídos e vegetais, entre o sagrado e o profano.

A evolução do Santuário não estagnou. Mais recentemente, em 2007 e por ocasião da celebração dos 90 anos das aparições, foi inaugurada a Basílica da Santíssima Trindade (*imagem 42*), localizada ao fundo do “Recinto da Oração”, no lado oposto à Basílica de Nossa Senhora do Rosário (*imagem 43*). A obra, da autoria do arquitecto Alexandro Tombazis, tem uma área de 8 700 m² e capacidade para 8 633 lugares sentados. Inclusivamente está em fase de projecto um novo presbitério para o “Recinto da Oração”, obra do mesmo arquitecto, que se prevê inaugurar aquando da comemoração do centenário das aparições¹⁰¹ (*imagem 44*).

A evolução de que Fátima foi alvo desde 1917 aos nossos dias foi fruto da procura e da crença na sacralidade daquele lugar. Os investimentos que foram feitos em prol do “bem receber”, do bom acolhimento, da resposta à procura de visitantes ou peregrinos, têm conseguido obter o seu retorno. A dificuldade presente nestas acções, passados tantos anos, será conseguir manter uma imagem apelativa e culturalmente atractiva. A promoção e a publicidade são essenciais para que o nome seja conhecido ou, pelo menos, não seja esquecido. Quando se trata da identidade de um território, o reconhecimento do nome do local é um factor extremamente importante, pois é o que permite a identificação imediata do local a que nos referimos. A importância de Fátima no panorama nacional foi de tal ordem evidenciada que em 1998 a região que antes era denominada por Região de Turismo Leiria- Rota do Sol passa a designar-se por Região de Turismo de Leiria/Fátima. “*O território religioso é resultado de sucessivos actos religiosos praticados pelos fiéis e das imagens que se vão construindo desses mesmos lugares.*” (SANTOS, 2006:100)

A envolvência entre os temas Peregrinação e Turismo Religioso tem vindo a fazer cada vez mais sentido. As pessoas que antes apenas se deslocavam aos lugares de culto em peregrinação, hoje fazem-no também integrado numa viagem de domingo, de fim-de-semana ou de férias. O Turismo Religioso, caracterizado pela mobilidade a locais de culto ou considerados sagrados, é um fenómeno relativamente recente, com início na Europa do pós-guerra, como resultado da “*diminuição das práticas religiosas institucionalizadas, da popularidade do automóvel e do autocarro e da diminuição dos fluxos de peregrinação tradicional*” (SANTOS, 2006:240). É, por isso, um fenómeno contemporâneo do aparecimento dos meios de transporte modernos. No entanto, só podemos falar em Turismo Religioso

101 Retirado de <http://www.santuario-fatima.pt/portal/index.php?id=89282>, acedido em Novembro de 2015.

quando o número de pessoas envolvidas é suficientemente elevado para dinamizar a área turística a nível económico de modo sustentável. Esse investimento é uma realidade completamente alheada da Igreja, ao contrário do que acontece com as peregrinações¹⁰². Não obstante, as agências de turismo devem ter sempre em consideração as instituições religiosas e a compreensão e respeito pelas crenças dos turistas em causa.

Segundo COHEN (1974)¹⁰³, “*o peregrino é uma espécie de turista em part-time e o turismo religioso combina elementos de peregrinação e turismo comum*”. Independentemente da religião em causa ou das motivações, quando se refere a deslocação a um determinado local sagrado há que ter em conta a existência de serviços de apoio e infraestruturas próprias, como são os serviços de alojamento, de alimentação e redes viárias. É por estes aspectos que, como no caso de Fátima, se estabelece em redor do centro de peregrinação (neste caso o Santuário) uma intensa actividade turística e comercial que justifica a relação entre o turismo e a peregrinação. No entanto, há que ter em consideração, além da dimensão económica, a dimensão espiritual subjacente ao Turismo Religioso. “*O turista religioso procura o sobrenatural, num modo individual de agir e de pensar, num curto espaço de tempo, realizando experiências mais intensas e curtas.*” (SANTOS, 2006:255) A semelhança entre as duas entidades, peregrino e turista, revela-se também na procura por respostas e na fidelização a um crença religiosa, que por vezes não sabem identificar qual é e onde se manifesta. A principal motivação da deslocação é sem dúvida de carácter religioso. De algum modo a ida ao local sagrado sossega-os. De resto, agem como verdadeiros turistas. Procuram locais para as refeições, procuram locais para dormir, procuram conhecer a história e a cultura daquele e de outros lugares próximos, procuram recordações. Contudo, é certo que as relações afectivas que se criam durante as deslocações de turismo não são tão intensas nem marcantes como as que se estabelecem durante as peregrinações, quer se tratem das relações entre as pessoas intervenientes quer das pessoas com os locais que visitam. As peregrinações são muito mais imergidas num espírito sagrado e de aprofundamento interior do que as deslocações turísticas, mais superficiais.

Em jeito de resumo, e suportado no que defende SANTOS (2006:264), deixamos as principais características da peregrinação e do turismo, tendo sempre na base o local de culto presente em Fátima. Se analisarmos o turismo sob o ponto de vista de uma jornada sagrada, como modernização da religião, e tendo em conta que as actividades turísticas são essenciais à peregrinação dos nossos dias, podemos facilmente convergir o Turismo e a Peregrinação a um mesmo patamar. Se, por outro lado, realizarmos outro tipo de análise, afastando completamente o turismo de todo o espiritualismo, os caminhos divergem. O

102 Apesar de não serem regidas pela Igreja na sua totalidade, as peregrinações são frequentemente organizadas por instituições relacionadas com a Igreja. Cada vez mais as peregrinações são fenómenos de iniciativa individual e livre.

103 Cf. SANTOS, 2006:249



45 | Sinalização do Caminho para Fátima, com setas azuis

46 | Mapa dos Caminhos de Fátima e de Santiago, de acordo com a Associação de Amigos dos Caminhos de Fátima.

turismo pode, de facto, ser considerado um movimento de massas, sem qualquer significado religioso, objectivado apenas pela deslocação livre de viajar pelo prazer de conhecer outros lugares.

Para alcançar Fátima, foram estabelecidos vários caminhos, grande parte deles sinalizados com setas azuis (*imagem 45*) indicando a direcção a seguir e, nos meses de particular intensidade na peregrinação¹⁰⁴, é nesses caminhos que se estabelecem pontos de apoio com serviços de enfermagem e alimentação. A Associação de Amigos dos Caminhos de Fátima (AACF), à semelhança do que acontece com as Associações de Amigos dos Caminhos de Santiago, tem feito várias intervenções ao nível da definição desses caminhos e da sua manutenção. As intervenções desta Associação vêm no sentido de proporcionar aos peregrinos um melhor Caminho. Chamamos a atenção para a preocupação em relacionar os Caminhos de Fátima e de Santiago estabelecendo um itinerário que permite o cruzamento entre eles (*imagem 46*). À semelhança da AACF, existe também o projecto Rota do Peregrino¹⁰⁵ que tem as mesmas preocupações e que pretende aproximar-se mais do indivíduo que se desloca a Fátima e a Compostela. O papel da AACF remete para a parte “física” dos caminhos (como a sinalização e a manutenção), a Rota do Peregrino é um projecto de aproximação ao indivíduo servindo como guia das peregrinações. Assim, ambas as entidades definiram os caminhos que levam a Fátima.

No nosso caso de estudo interessa efectivamente a análise do Caminho que provém do Norte em direcção ao Santuário de Fátima, passando pela nossa área de intervenção, Condeixa-a-Nova. Segundo o Caminho definido pela AACF esse percurso (Valença - Fátima) é feito em 15 etapas¹⁰⁶, num total de 349,5 km. Ao longo do caminho estão assinalados locais para pernoita, de entre Bombeiros Voluntários, albergues, hotéis/pensões ou outras instituições. No entanto, este itinerário construído com base na segurança¹⁰⁷ dos peregrinos, tem uma diferença de cerca de 89 km, quando comparado com a Rota Azul¹⁰⁸, desde Viana do Castelo até Fátima. Essa diferença é distância suficiente para que os peregrinos continuem, na sua maioria, a optar pelos caminhos que sempre usaram e que conhecem, e por aqui

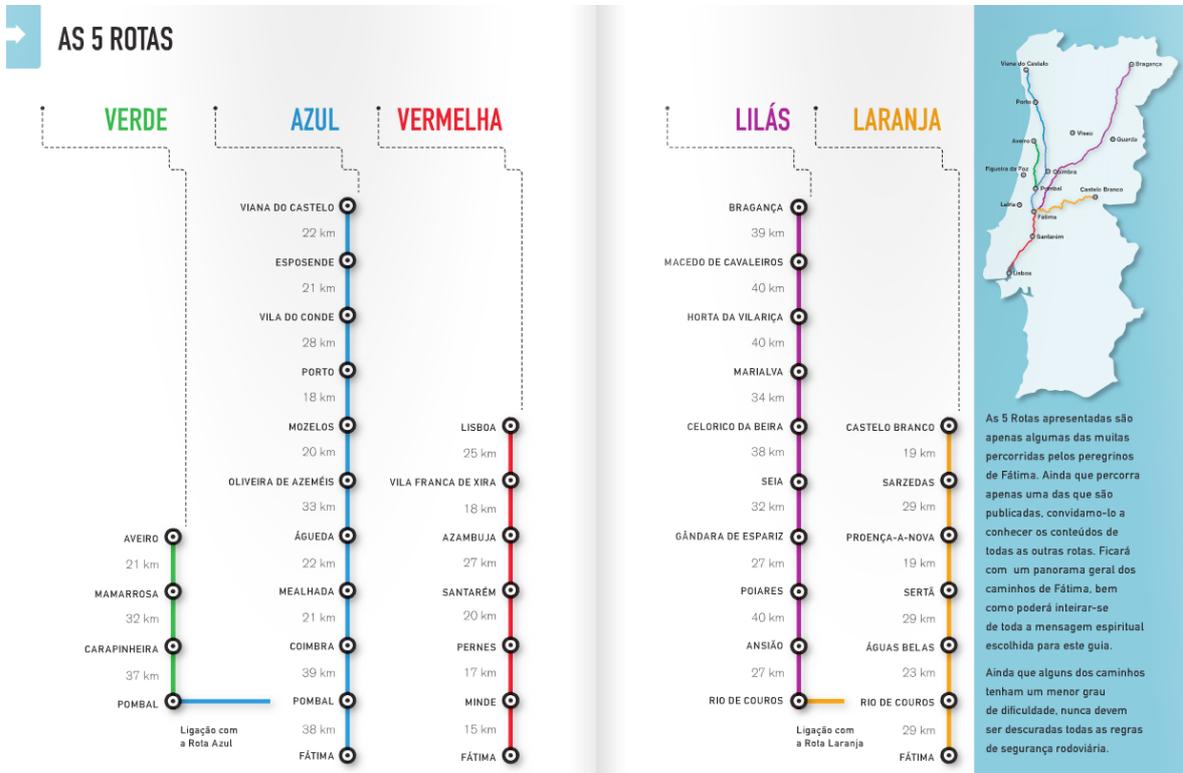
104 Nos meses de Maio e Outubro regista-se grande afluência ao Santuário de Fátima por peregrinos a pé, por serem os meses das aparições mais marcantes; em Agosto regista-se ainda a vinda de emigrantes que aproveitam as férias para “pagar as suas promessas”.

105 “O projecto Rota do Peregrino teve origem na observação e consequente preocupação, pela inexistência de um suporte organizado e contínuo de informação agregada dos diversos caminhos para Fátima.” Para colmatar esta falha foram elaborados guias do Caminho, através da definição de várias Rotas, tendo em conta os lugares de origem do peregrino.

106 Valença - Rubiães; Rubiães - Ponte de Lima; Ponte de Lima - Tamel; Tamel - S. Pedro de Rates; S. Pedro de Rates - Vairão; Vairão - Porto; Porto - Lourosa; Lourosa - Pinheiro da Bemposta; Pinheiro da Bemposta - Águeda; Águeda - Mealhada; Mealhada - Coimbra; Coimbra - Rabaçal; Rabaçal - Ansião; Ansião - Caxarias; Caxarias - Fátima

107 O objectivo principal é retirar os peregrinos das estradas nacionais, recolocando-os nos caminhos interiores e mais antigos. É uma meta estabelecida pelo Santuário, com vista a ser atingida até 2017.

108 Itinerário definido pelo Guia do Caminho, da plataforma Rota do Peregrino.



47 | Rotas de Peregrinação a Fátima definidas pela “Rota do Peregrino”

“chegam mais rápido ao destino”.

De facto, o itinerário definido pela Rota do Peregrino, particularmente a Rota Azul, é aquele que nos interessa abordar, pois o percurso passa por Condeixa. No caso do itinerário definido pela AACF, depois de Coimbra os peregrinos são levados pelo Rabaçal e Ansião, fugindo ao itinerário do IC2 e procurando caminhos mais interiores e calmos. Este itinerário tem uma mais-valia que é a aproximação ou até mesmo coincidência com o Caminho Central Português a Santiago. Segundo, então, a Rota Azul, o percurso é estabelecido em 14 etapas¹⁰⁹ num total de 261 km (*imagem 47*).

No fundamento desta dissertação, pretendemos valorizar o facto de a peregrinação ser também um modo de conhecer outros locais e outras culturas, e despertar para quem passa (os peregrinos) o interesse em voltar ao local com o intuito de o conhecer. Pretendemos abordar os caminhos da peregrinação não como caminhos turísticos por si só, mas como um meio de despertar o interesse turístico do local onde se inserem. No caso específico que estudamos, esses “caminhos” reportam-se aos caminhos usados pelos peregrinos no município de Condeixa-a-Nova, com especial destaque para quem toma como destino Fátima, mas pensando também nos que circulam no sentido oposto, em direcção a Santiago de Compostela. No próximo capítulo serão abordados especificamente esses caminhos, no território de Condeixa.

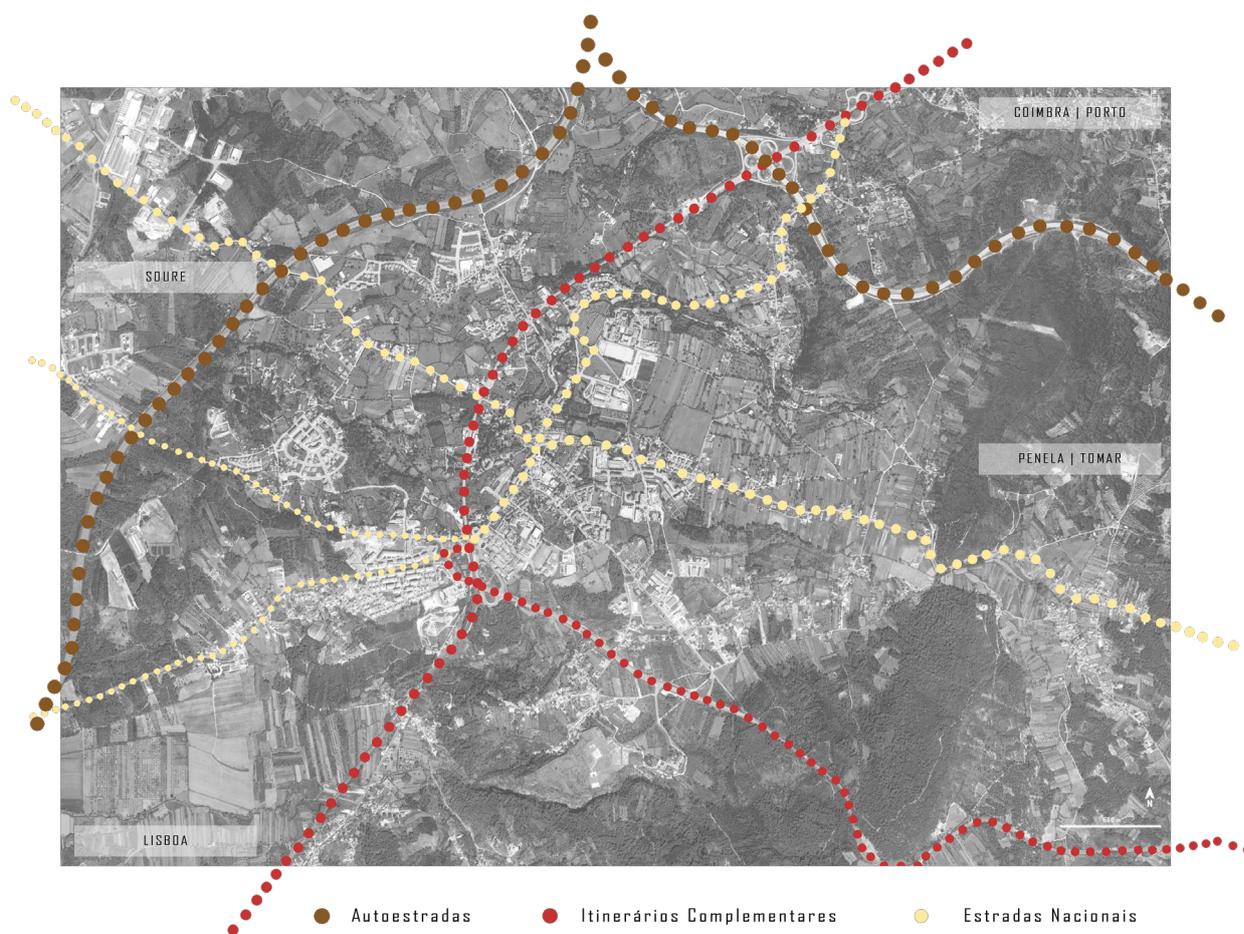
6. Os caminhos por Condeixa

Condeixa-a-Nova, pelas suas condições e localização geográfica, é amplamente favorecida. Como já vimos anteriormente, factores como o clima, o património, os acessos, as paisagens, as pessoas e os caminhos são razões suficientes para atrair visitantes. De uma forma simples, mais não era preciso do que aquilo que naturalmente existe. Contudo, a nossa intenção é chamar a atenção para as suas valências e potenciar ao máximo o território.

A facilidade com que se chega a Condeixa é, desde há remotos anos, um factor de favorecimento à passagem de pessoas e à troca de conhecimentos, bens, mercadorias, ideias e culturas. “*As terras planas*” que constituem o território de Condeixa foram uma das razões que levaram a que por ali passasse o traçado da grande via rodoviária que faz a ligação entre Lisboa, Leiria, Pombal e Coimbra¹¹⁰. Além deste importante acesso, que nos nossos dias se

109 Viana do Castelo - Esposende; Esposende - Vila do Conde; Vila do Conde - Porto; Porto - Fiães/Mozelos ; Fiães/Mozelos - Oliveira de Azeméis; Oliveira de Azeméis - Albergaria a Velha; Albergaria a Velha - Águeda; Águeda - Mealhada; Mealhada - Coimbra; Coimbra - Condeixa a Nova; Condeixa a Nova - Pombal; Pombal - Barracão; Barracão - Olivais; Olivais - Fátima

110 ALMEIDA, F. (2014). *Condeixa, lugar de grande estrada. Quadros para a sua história*. Câmara Municipal de



48 | *Principal rede viária no território de Condeixa-a-Nova*

mantém, o cruzamento de outras estradas veio potenciar o território, ainda mais, facilitando nele a circulação de mercadorias, bens, comunicações e transportes; “(...) com a abertura do primeiro grande eixo rodoviário contemporâneo (estrada Lisboa-Coimbra), criaram-se as condições para lançar as medidas para as comunicações e transportes.” (MARTINS, 2014:566)¹¹¹ A centralidade de Condeixa permite-lhe ser cruzada por estradas e vias, em diferentes direcções. Sabe-se, inclusivamente, que estes eixos viários “acabam por retomar velhos itinerários romanos” (ALMEIDA, 2014:46).

“Condeixa tem assento na meia encosta de um monte que olha para poente”, é o que nos diz o Dicionário Geográfico¹¹² acerca do território de Condeixa-a-Nova. O que é facto é que as suas planícies férteis, servindo de base ao conjunto de montanhas que fazem o fundo da paisagem, são características há muito reconhecidas. A quantidade de água e a capacidade de produção agrícola ressaltam. Ainda no século XVIII, escreve José de Almeida (representante do Concelho em 1721)¹¹³ que Condeixa “é um lugar ameno, situado em bom sítio, fértil de tudo e composto de muitas águas”, ou ainda, segundo a “Corografia” de 1706¹¹⁴, “é um dos melhores lugares, mais frescos e aprazíveis do Reino não havendo casa nem pomar que não seja abundantemente provido de água; pelo que é mimoso de todas as frutas e mantimentos e de tudo o necessário, assim do que produzem as próprias terras, como também de que concorre a ele de várias partes”. A juntar a este reconhecimento do território como importante para o comércio de origem viária, há ainda referência a uma estalagem e albergaria na localidade com o objectivo de acolher viajantes, comerciantes e peregrinos. Segundo um documento¹¹⁵ datado de 1334, houve um pedido ao rei D. Afonso IV por parte de um tal Rui Domingues, de Coimbra, para a instalação de uma estalagem numa das casas que tinha em Condeixa. Esta localização prende-se, mais uma vez, com a passagem de um importante eixo viário que era, já desde o século XII, a Estrada que ligava Coimbra, Tomar e Santarém.¹¹⁶

Tomando como provada a importância de Condeixa no panorama das circulações no passado, remetemos a nossa análise para a actualidade, verificando que a relevância deste território se mantém, pese embora a dimensão seja bastante diferente (*imagem 48*).

Condeixa

111 MARTINS, Carlos (2014). *O Programa de Obras Públicas para o Território de Portugal Continental, 1789-1809. Intenção Política e Razão Técnica – o Porto do Douro e a Cidade do Porto*. Volume I, Coimbra: Tese de Doutoramento em Arquitectura, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

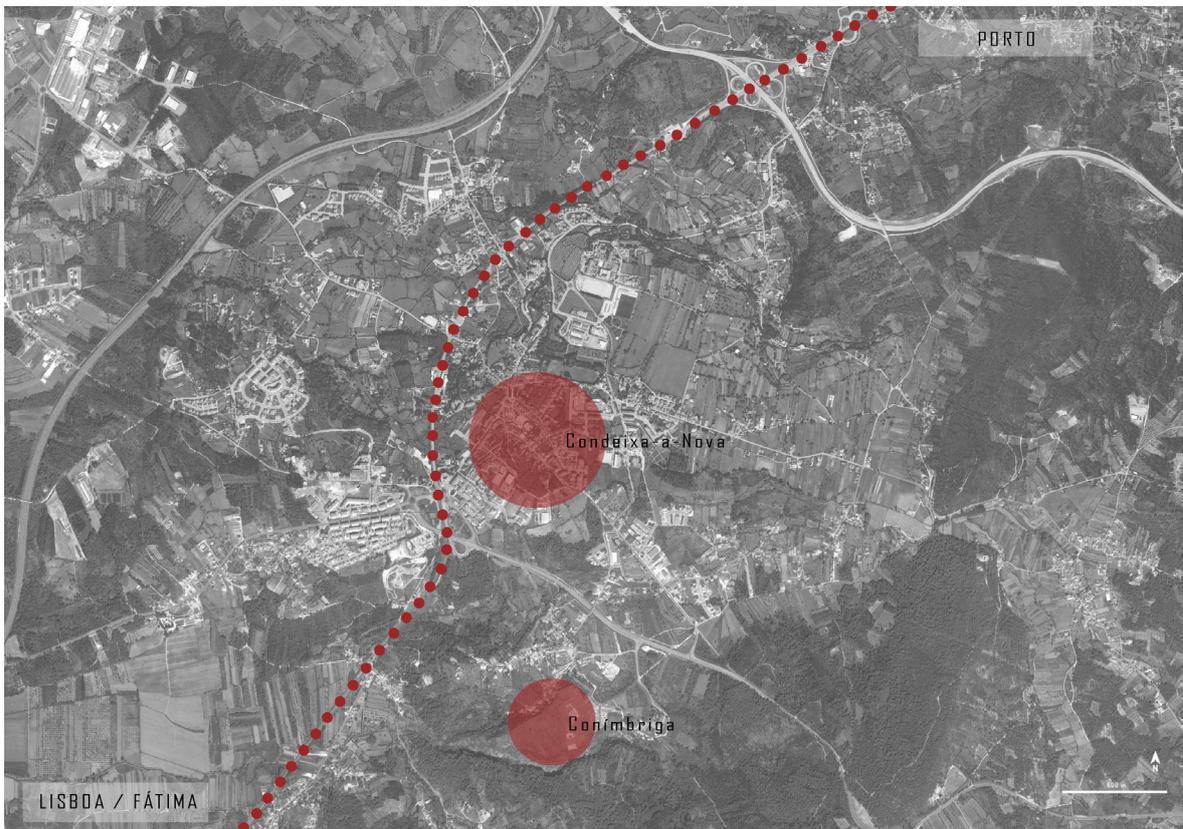
112 ALMEIDA, 2014:333

113 *idem*

114 *ibidem*

115 “Trata-se de um documento que, para além do significado que tem para Condeixa, também vale por si mesmo, enquanto testemunho de uma forma de actividade, de um ofício muito particular, que nos ajuda a perceber o modo de circulação de pessoas (e naturalmente de mercadorias, trocas comerciais...)”. (ALMEIDA, 2014:242)

116 Caminho este utilizado por reis, como foi o caso de Afonso Henriques, em 1147 para a reconquista de Santarém, ou ainda, já no final do século XIV, Henrique II de Castela para a alcançar Lisboa. (ALMEIDA, 2014:243)



49 | Itinerário actual para Fátima, por Condeixa, via IC2

Começando pela situação geográfica da vila, faremos uma análise sob o ponto de vista das peregrinações em Portugal, um tema particular desta dissertação. Tendo em conta o panorama das peregrinações nacionais, daremos um maior destaque à que envolve maior número de indivíduos, portanto falaremos mais especificamente da peregrinação a Fátima.¹¹⁷

Os peregrinos que todos os anos se dirigem ao Santuário põem-se a caminho pelas estradas que os levam ao destino. A maior parte deles planeia a sua viagem atempadamente, com todos os pontos de paragem, os quilómetros a andar por dia, os dias que pretendem ocupar e, particularmente, o dia em que pretendem chegar a Fátima. Aqui, com todos os rituais que se prestam a fazer, tomam como cumpridas as suas promessas¹¹⁸.

Embora já sejam notórias algumas mudanças no modo de pensar a peregrinação por parte dos peregrinos de Fátima, particularmente no que respeita a medidas de segurança¹¹⁹, grande parte dos peregrinos continuam a tomar os itinerários mais antigos e que os levam mais rápido ao destino que, no caso, é o itinerário junto ao IC2, uma das estradas mais movimentadas do país (*imagem 49*). Segundo o reitor do Santuário, Pe. Carlos Cabecinhas, por ocasião do lançamento da Peregrinação Internacional que assinala os 98 anos das aparições, em Maio de 2015, *“O peregrino de Fátima procura sempre o caminho mais curto, o caminho mais breve que o conduza do seu ponto de partida até Fátima.”* Se os ajustes a fazer *“significarem mais quilómetros, há uma dificuldade enorme em que os peregrinos que se dirigem a pé a Fátima os aceitem.”*¹²⁰

Foram várias as entidades envolvidas na gestão destes novos percursos que pretendem implementar. Para além dos 14 Municípios (Vila Nova de Gaia, Santa Maria da Feira, São João da Madeira, Oliveira de Azeméis, Albergaria a Velha, Águeda, Anadia, Mealhada, Coimbra, Condeixa, Soure, Pombal, Leiria e Ourém), entraram também a Associação de Municípios das Terras de Santa Maria, as 3 Comunidades Intermunicipais do território abrangido (Aveiro, Coimbra e Leiria), as Estradas de Portugal e a REFER, o Instituto para a Mobilidades e os Transportes, o Santuário de Fátima, os Guias acreditados pelo próprio Santuário, as forças de Segurança, a Cruz Vermelha e ainda o Corpo de Voluntários da Ordem de Malta. Este projecto, *“Caminhos de Fátima”*, foi apresentado no dia 1 de Outubro e *“pretende estruturar, tornar mais seguro, certificar, interpretar e gerir todas as etapas deste percurso cultural e religioso”* até Maio de 2017, data em que se assinalam os 100 anos das aparições e conta com

117 Quando comparado com as peregrinações a Santiago de Compostela, Fátima recebe cinco vezes mais peregrinos de origem nacional.

118 A maioria dos peregrinos desloca-se ao Santuário de Fátima “para agradecer” ou “para pedir”.

119 No dia 2 de Maio de 2015, um acidente no IC2, em Cernache - Coimbra, do qual resultou a morte de cinco peregrinos veio despertar de novo as questões da insegurança. Era um grupo de cerca de 80 peregrinos que seguia em direcção a Fátima quando, pelas 4h da madrugada, um carro em despiste abalroou o grupo, provocando a morte a cinco pessoas.

120 Retirado de <http://portocanal.sapo.pt/noticia/58887/>, acedido em Novembro de 2015.

a visita do Papa Francisco ao Santuário¹²¹. Uma das responsáveis por este projecto, Cristina Azevedo, ressalva a importância que os Caminhos de Fátima têm ao nível do Turismo Cultural e Religioso, o que vai no sentido da nossa intervenção: *“Não esquecendo que Portugal é um estado laico, este fenómeno ultrapassa claramente a questão religiosa e é profundamente interessante e mobilizador na perspectiva do Turismo Cultural e Religioso, até porque o projeto Fátima está incluído no Plano Estratégico de Turismo de Portugal”*.¹²²

O número de peregrinos que cruzam anualmente as estradas nacionais chega perto dos cinco milhões. Os dados referentes a 2015 indicam que o Santuário de Fátima recebeu no total 6,7 milhões de pessoas. Com mais 55 mil pessoas do que em 2014, deslocaram-se em peregrinações organizadas cerca de 587 mil pessoas, das quais 83% são de nacionalidade portuguesa. De entre as várias nacionalidades, os portugueses são efectivamente o maior número. Ainda assim, entre os estrangeiros, os espanhóis ocupam o primeiro lugar com quase 31 mil peregrinos, o que corresponde a 6% dos fiéis que visitaram a Cova da Iria em grupo. Logo a seguir surgem os italianos, com 15 112 peregrinos, os polacos (13 017), os dos EUA (9 450) e da Coreia do Sul (3 776).

As alterações que o projecto “Caminhos de Fátima” tem tentado implementar, particularmente na região afectada ao nosso estudo, vão no sentido de passar o itinerário por Coimbra- Rabaçal- Ansião- Caxarias- Fátima ao invés de Coimbra - Condeixa - Pombal - Leiria - Fátima. Estas propostas¹²³ não têm aliciado muitos peregrinos pelo desvio que provocam em termos de distância, apesar de os estudos indicarem que essa diferença não é assim tão significativa. Efectivamente, o *“estudo efectuado permitiu estabilizar um itinerário alternativo que se desenrola em 96% da sua distância fora das Estradas Nacionais (N1), com apenas um acréscimo de 8% na distância total do percurso”*.¹²⁴

A finalização destas propostas, e um dos objectivos principais, é a certificação dos Caminhos de Fátima como Itinerário Cultural Europeu, pelo Instituto Europeu dos Itinerários Culturais. *“Esta instituição da União Europeia certifica um conjunto de itinerários considerados fundamentais para a construção da identidade europeia. O Caminho de Santiago foi o primeiro a ser certificado e entendemos que não há uma diferença fundamental do ponto de vista cultural entre os Caminhos de Santiago e o de Fátima, portanto, obter essa certificação é um passo absolutamente necessário”*.¹²⁵

121 Retirado de <http://www.tintafresca.net/News/newsdetail.aspx?news=6309222e-0cc1-43f7-954a-c836701c4804&edition=180>, acedido em Novembro de 2015.

122 *idem*

123 *“A proposta de traçado oficial (...) foi pensada entre Gaia e Fátima, por ser o troço que congrega o maior número de peregrinos”, esclareceu na ocasião a instituição, assinalando que o objetivo é “melhorar as condições de peregrinação a pé até ao Santuário de Fátima, em termos de segurança, conforto e apoio”*. Retirado de <http://portocanal.sapo.pt/noticia/58887/>, acedido em Novembro de 2015.

124 Retirado de <http://www.santuario-fatima.pt/portal/index.php?id=89301>, acedido em Novembro de 2015.

125 *idem*



50 | Proposta de novo itinerário para Fátima, por Condeixa-a-Nova via Ruínas de Conímbriga

Voltando ao tema essencial, destacamos que a nossa intervenção é de facto uma proposta para um percurso alternativo ao mais utilizado pelos peregrinos actualmente, ainda que, por limitação gráfica, nesta dissertação trabalhamos apenas o troço do percurso que passa em Condeixa-a-Nova, (sabendo, no entanto, que existe a franca possibilidade de este percurso ter continuidade por caminhos secundários que não a grande via que é o IC2¹²⁶) (*imagem 50*). Existem duas possibilidades de itinerário neste troço. As pessoas que não conhecem os caminhos secundários optam por seguir sempre a Estrada N1 (ou IC2), em linha recta, praticamente na sua totalidade, numa extensão de 4,3 km; os peregrinos que já conhecem outras alternativas optam por entrar nas estradas municipais na saída do IC2 para a localidade de Orelhudo, passando posteriormente por Eira Pedrinha e daqui chegar a Condeixa-a-Nova. Passam por dentro da vila e entram de novo no IC2, à saída desta. A nossa proposta projectual inicia, exactamente, na entrada da vila, levando os peregrinos por outros caminhos que lhes permitam andar afastados da estrada nacional sem implicar um grande desvio em termos de distância, e ainda assim estimular o ‘turista que há no peregrino’ (propõe-se um desvio de 3,4 km).

Em termos de alojamento disponível para os peregrinos, Condeixa-a-Nova é, na nossa opinião, limitada. Segundo a AACF não há indicação de nenhum local “onde ficar” em Condeixa-a-Nova, apenas a indicação de acolhimento nas proximidades (no caso Cernache, Coimbra e Rabaçal). No entanto, e segundo a plataforma “Rota do Peregrino”, existem dois locais disponíveis para alojamento, sendo que apenas um deles dá indicação de “tratamento especial a peregrinos”¹²⁷.

Debrucemo-nos agora sobre os Caminhos de Santiago em Condeixa. O itinerário parece estar mais consolidado e mais seguro, como é característica dos Caminhos de Santiago. Seguem na sua maioria itinerários rurais, de grande contacto com a natureza, fugindo ao reboliço viário das grandes estradas. E em Condeixa não é excepção. Seguindo a direcção contrária à de Fátima, os peregrinos de Santiago alcançam o território de Condeixa para percorrer um troço de cerca de 12km (*imagem 51 - página seguinte*). Vindos do Rabaçal, o itinerário em território ‘condeixense’ inicia-se na freguesia do Zambujal seguindo depois para a Fonte Coberta e Poço das Casas. Por aqui o caminho segue por trilhos paralelos ao Rio dos Mouros até chegar ao Complexo Museológico das Ruínas de Conímbriga (onde têm um posto para carimbo da Credencial). Passando por baixo do IC3, o percurso segue depois para a Atadoa e Avessada, saindo do concelho em direcção ao Orelhudo (como já referido, apenas iremos trabalhar o território do concelho de Condeixa-a-Nova).

Nos últimos anos a autarquia tem investido neste assunto, muito devido às parcerias

126 Tomando como ponto de partida que grande parte dos peregrinos continuam a utilizar o IC2 como linha condutora da sua deslocação.

127 Retirado de http://www.rotadoperegrino.com/?multi_city=211, acedido em Novembro de 2015.



51 | *Itinerário actual do Caminho para Santiago, em Condeixa*

com os municípios vizinhos. A sinalização do Caminho, por exemplo, foi um trabalho relativamente recente. Remete para Novembro de 2013 a colocação de 22 marcos de pedra onde está inserido o azulejo com a vieira e a direcção a seguir.¹²⁸ Foi um trabalho executado ao abrigo de um protocolo entre a Câmara Municipal de Condeixa (à semelhança de outros municípios vizinhos¹²⁹) e o Turismo Centro de Portugal, seguindo as normas do Conselho da Europa para o Itinerário Cultural Europeu – Caminho de Santiago. *“Ao abrigo desta parceria serão colocados, para sinalizar os 145 quilómetros do Caminho Português de Santiago na região, um milhar de azulejos: 500 terão a ilustração de uma vieira, o símbolo do caminho, e outros tantos o desenho de uma seta, que indica o sentido.”*¹³⁰ A gestão de todo o processo de sinalização ficou a cargo da Associação Via Lusitana.¹³¹ Este foi um passo importante para o Caminho no concelho, uma vez que, pela sua universalidade, facilita a interpretação pelos peregrinos das mais diversas nacionalidades.

Durante a cerimónia que envolveu a assinatura do referido protocolo, ficou clara a preocupação com o Caminho de Santiago. O aumento do número de peregrinos na primeira década do novo milénio¹³² chamaram a atenção para a necessidade de tomar o Turismo Religioso como um potencial factor de desenvolvimento. Pedro Machado, presidente da Entidade Regional de Turismo do Centro, revela que os números que se apresentam são suficientes para *“posicionar o turismo religioso como um dos eixos de intervenção e de promoção de produtos turísticos no Centro de Portugal, complementando o turismo cultural e patrimonial”*.

Ora, a intenção desta dissertação vem também no sentido de colmatar algumas das ‘falhas’ que se têm sentido ao nível do turismo em Condeixa. Estas falhas, ou dificuldades, já tinham sido referidas pelo próprio Presidente do Turismo do Centro, estrapuladas, obviamente, para um território mais amplo: *“A aposta no turismo religioso, diversificando os produtos turísticos, poderá aumentar a capacidade de atração do Centro.”*; *“Na região existem várias manifestações complementares de cariz religioso que sustentam este projeto. O objetivo é também, acentuou, aliar o Caminho Português ao Espanhol, potenciando o mercado ibérico para o turismo religioso”*.¹³³

As intervenções que aqui apresentamos são superficiais. Trata-se da homogeneização

128 Retirado de <http://www.cm-condeixa.pt/noticias/noticia.php?id=1287>, acedido em Novembro de 2014.

129 Alvaiázere, Ansião, Penela, Coimbra, Mealhada, Anadia, Águeda e Albergaria-a-Velha

130 Retirado de <http://www.cm-condeixa.pt/noticias/noticia.php?id=1130>, acedido em Julho de 2015.

131 A Via Lusitana é uma associação criada para facilitar o processo de realização do Caminho a Santiago. Tem a seu cargo toda a logística do Caminho, desde a preparação das peregrinações, a rede de albergues, a sinalização e manutenção do Caminho. Retirado de <http://www.vialusitana.org/sobre/fazemos/>, acedido em Maio de 2015.

132 Em 2001 registavam-se cerca de 11 mil peregrinos. Já em 2013 o número aumentou para cerca de 22 mil, fazendo do Caminho Português o segundo Caminho de Santiago mais procurado, a seguir ao Francês.

133 Retirado de <http://www.cm-condeixa.pt/noticias/noticia.php?id=1130>, acedido em Julho de 2015.



52 | Proposta de alteração ao Caminho de Santiago, em Condeixa

dos caminhos, em termos de materialização, melhorias na sinalização e, para o caso de quem pretender usufruir dos serviços do albergue (outra parte também da nossa proposta), faremos um percurso alternativo mas que possibilita a retoma do original com grande facilidade (*imagem 52*).

Fica claro que as preocupações e as intenções de potenciar o território em termos de Turismo Religioso têm estado presentes ao longo dos anos. De facto, existe um protocolo de cooperação assinado, o Caminho para Santiago está sinalizado, os peregrinos para Fátima atravessam Condeixa, o Complexo Museológico de Conímbriga existe e tem portas abertas. Contudo, será que tudo funciona harmoniosamente? Porque não a convergência num mesmo sentido? A nossa intenção fundamental é alcançar o funcionamento em quase unidade de todos os factores (território, Caminho de Santiago, Caminho de Fátima e Ruínas de Conímbriga) como motores necessários ao desenvolvimento do turismo local.

Nos próximos capítulos serão descritas e apresentadas particularmente cada uma das propostas: os caminhos turísticos e de peregrinação e um albergue destinado a receber peregrinos e turistas. Ressalvamos a intenção primordial e que é a base de todo o nosso estudo: a relação efectiva entre as Ruínas de Conímbriga e a vila de Condeixa-a-Nova.

PARTE III

Parte III – HABITANTE – PEREGRINO – TURISTA

7. Peregrino, turista ou peregrino-turista?

“(...) a peregrinação «reproduz a condição do Homem, que gosta de descrever a sua própria existência como caminho. Do nascimento até à morte, cada um vive na condição peculiar de homo viator [viajante]. »”

*Papa João Paulo II*¹³⁴

Para se perceber as realidades a tratar e de que modo estas se relacionam, é necessário proceder à análise de cada uma delas, perceber a sua definição, esclarecendo o seu propósito e as suas influências. Se aparentemente nada aproxima os conceitos de turismo e de peregrinação, numa análise mais aprofundada verificamos que têm de facto muito em comum e até se complementam. Nos capítulos anteriores já fizemos algumas referências a estes temas, mas iremos agora especificar, começando por definir cada conceito numa tentativa de perceber por onde convergem e o que os distingue.

A definição do conceito de peregrinação pode ser assistida pela análise da sua origem etimológica. Deriva do latim *“per agros”* que significa *“caminhar pelos campos”*. É através desta simples pesquisa que entendemos o que constitui a peregrinação e quão complexo pode ser, efectivamente, o conceito. Por sua vez, analisando etimologicamente a palavra turismo, sabe-se que deriva do latim *“tornus”* (torno), como substantivo, ou como verbo *“tornare”* (tornear, circundar, girar). Já o sufixo *“ismo”* remete para uma acção realizada por um determinado grupo de pessoas. O termo turismo revela uma intenção de deslocamento em sentido circular, como que de uma viagem de ida e volta se trate, no sentido em que o indivíduo parte de um ponto (residência) para a ele retornar, após um determinado período de tempo, não superior a um ano.

Quando pensamos em peregrinações desde logo associamos facilmente motivos espirituais ou de culto religioso. As motivações são, de facto, uma característica fundamental para se avaliar se estamos perante um turista ou um peregrino. PORCAL, referido por MAAK(2009:155)¹³⁵ defende que *“Nem todos os peregrinos são turistas, nem todos os turistas são peregrinos”*. NADAIS (2010) refere que *“A distinção entre os dois baseia-se na intensidade das vivências e nas motivações da viagem”*. Posto isto, faz sentido falar-se distintivamente de peregrinos e de turistas ou é possível uma aproximação tal que nos permite falar de peregrinos-turistas?

Segundo a OMT (Organização Mundial do Turismo), o turismo circunscreve o

134 Cf. SILVA, 2004:340

135 Cf. NADAIS, 2010:10

“conjunto de actividades realizadas por indivíduos, os turistas, que se deslocam para outro lugar que não a sua residência habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, com motivações variadas (lazer, saúde, negócios, ou outros)”¹³⁶.

No que remete para o turismo como actividade, a OMT considera o tempo máximo de permanência que o indivíduo está afastado da residência habitual assim como as actividades por ele realizadas durante esse tempo e, por conseguinte, as suas motivações como factores de grande relevância¹³⁷.

Ainda a OMT, por ocasião da Conferência Internacional de Estatísticas de Turismo e Viagens, decorrida em Ottawa em 1991¹³⁸ define como turista *“qualquer pessoa que passe, pelo menos, 24 horas fora da residência habitual ou pernoite noutra local, no próprio país ou no estrangeiro, num alojamento privado ou colectivo, por motivos que não o exercício de uma actividade remunerada permanente no destino visitado.”*¹³⁹

Segundo BARROS (2004)¹⁴⁰ independentemente do tipo de turismo em causa, há um conjunto de características que é comum a todos eles. São elas a deslocação física do indivíduo, numa ou mais vezes, em curta ou longa distância; a viagem planeada, ou não, e as actividades realizadas durante a viagem ou no destino; e ainda os serviços e estruturas que se encontram à disposição dos turistas e utilizadores dos espaços.

Iremos agora proceder à análise dos factores que aproximam e que distanciam os dois conceitos (turista e peregrino) e ainda reforçar a possibilidade de existir o termo turista-peregrino. Quando falamos das motivações que levam o indivíduo a realizar a deslocação, no turismo refere-se o lazer e o desejo de conhecer novos lugares e aprofundar os conhecimentos. Por seu lado, o peregrino vai com intenção definida de cumprir uma promessa pré-estabelecida ou uma intenção espiritual. Também o modo como fazem a deslocação é diferente, sendo que o peregrino se desloca a maior parte das vezes a pé e o turista utiliza o automóvel ou outro meio de transporte. O modo como agem e se comportam durante a deslocação, os locais de alojamento e o tempo que passam em cada local são também motivos de diferenciação entre o peregrino e o turista. Este último perde, normalmente, mais tempo a conhecer e a descobrir do que o peregrino.

Mas se é certo que muitos são os fatores que desvinculam os conceitos, também é certo que têm muito em comum, por exemplo, o afastamento da rotina habitual diária por um determinado período de tempo e de espaço para a realização de outras experiências, sejam

136 NADAIS, 2010:10

137 MARICATO, N. (2012). *O Turismo em Portugal. Tendências e perspectivas*. Coimbra, Disertação de Mestrado em Gestão, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, p.6

138 OMT, 1998:44

139 MARICATO, 2012:5

140 Cf. MARICATO, 2012:6

elas espirituais ou de puro lazer, contribuindo em ambas as situações para o enriquecimento cultural do indivíduo. Seja durante o percurso da deslocação seja já no lugar de destino, há gastos que remetem para o universo turístico. São, a título de exemplo, despesas com dormidas, alimentação ou *souvenirs* que à partida são circunscritos ao turismo mas que também fazem parte das peregrinações. Individualmente ou em grupos organizados e com viagens previamente delineadas, as peregrinações são viagens culturais como o turismo, pois seja durante o caminho ou na chegada ao destino adquirem-se conhecimentos que enriquecem o espírito e a cultura de cada um que se predispõe a fazer a viagem.

Posto isto, e dadas as aproximações que as duas vertentes da viagem apresentam, é viável a introdução do conceito peregrino-turista tendo em conta que as experiências que cada um deles tem nas suas jornadas e deslocações são em muito semelhantes e podem com facilidade relacionar-se de uma forma proveitosa para ambos os sectores.

O peregrino, durante as suas caminhadas, adota comportamentos típicos de turista, uma vez que consome bens e serviços e acaba por estar alerta com os novos lugares e caminhos por onde passa. A peregrinação, além das motivações espirituais que possa ter, acaba por enriquecer as experiências cognitivas e culturais de quem faz a deslocação. O turista, por seu lado, pode, nas suas viagens de lazer, deslocar-se a locais de culto religioso, com prévia intenção ou por um acaso. É um exemplo deste caso o que se define como Turismo Espiritual. Segundo CUNHA (2003:49)¹⁴¹ trata-se do conjunto de “*viagens provocadas pelo desejo de ver coisas novas, de aumentar conhecimentos, conhecer as particularidades e os hábitos doutros povos (...) ou ainda a satisfação das necessidades espirituais (religião). Os centros culturais (...) grandes monumentos religiosos (catedrais, mesquitas, templos budistas), os locais onde se desenvolveram no passado grandes civilizações do mundo, os grandes centros de peregrinação (...) constituem as preferências dos turistas*”. É um exemplo claro deste tipo de procura o Santuário de Fátima. Ainda neste contexto, refere SILVA (2004:335) que “*Um lugar sagrado convertido numa meta de peregrinação dá, inevitavelmente, origem a caminhos não só de âmbito geográfico, mas também de contornos espirituais*”.

Segundo NADAIS (2010:16), o turismo, qualquer que seja a sua vertente, vantagens, desvantagens e até consequências, “*é também um factor de solidariedade, envolvendo questões como a hospitalidade, uma vez que permite o contacto directo do homem com a natureza e com culturas diferentes. (...) Contribui francamente para a promoção dos valores dos recursos naturais e culturais*”. É também esta a ideia que defendemos e que queremos transpor para a realidade que nos é próxima, o município de Condeixa.

Definidos que estão os conceitos e explicada a proposta de introdução do conceito de peregrino-turista, o que se propõe agora é estabelecer a sua relação com o habitante da

141 Cf. NADAIS, 2010:II, nota 11

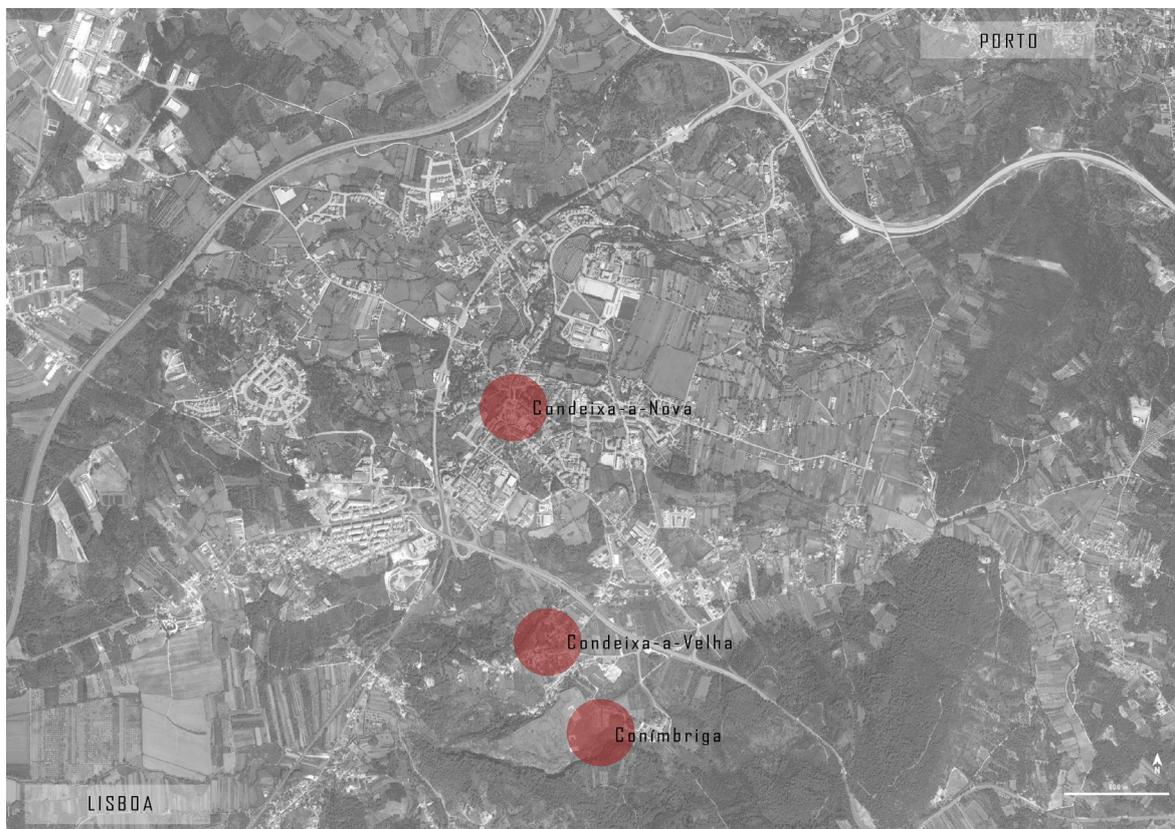
área envolvente ao caso em estudo, isto é, a área circundante ao perímetro das Ruínas de Conímbriga e até mesmo de todo o concelho de Condeixa-a-Nova.

Há duas formas de abordar a questão, duas perspectivas para a mesma realidade. Uma delas é do ponto de vista de quem chega ao território desconhecido ou passa por lá num fugaz período de tempo. A outra é a de quem habita o território e que, com certeza, o conhece (mesmo que vagamente), e que poderá ter a oportunidade de amplificar esse conhecimento e disfrutar do “seu” território de um modo mais aprofundado.

As populações circundantes à área em estudo, seja na pequena aldeia de Condeixa-a-Velha onde se inserem as Ruínas de Conímbriga, seja na vila de Condeixa-a-Nova, onde as atracções turísticas são também de grande riqueza cultural, estão socialmente preparadas para receber intervenções que levem ao acolhimento de mais turistas ou pelo menos de aperfeiçoamento da oferta que já existe nesse sentido.

As Ruínas Romanas de Conímbriga são um ponto importante no panorama turístico nacional, ainda que tal não seja totalmente demonstrado pelo Plano Estratégico Nacional de Turismo. No entanto, e não será arriscado afirmar, grande parte da população do concelho não tem conhecimento do real valor patrimonial, cultural e até arquitectónico que as Ruínas representam. Num estudo feito por Ana Paula Ferreira (2013) onde foi avaliado o grau de conhecimento das crianças do ensino básico sobre as Ruínas de Conímbriga e do Rabaçal, foi possível observar que poucas são as que de facto conhecem o complexo ou até o tenham visitado em família. As que conhecem é devido às visitas de estudo escolares que continuam a ter como destino as Ruínas Romanas, apesar de a frequência ter diminuído quando comparado com as décadas anteriores.

Nos capítulos que se seguem serão apresentadas as propostas projectuais para as intervenções equacionadas. Delas fazem parte um conjunto de percursos pedonais com ciclovia que facilitam o acesso e a circulação entre a vila de Condeixa-a-Nova e o complexo do Museu Monográfico e Ruínas Romanas de Conímbriga, sendo também parte do trajecto de peregrinação que passa em Condeixa. Além disso estes percursos irão funcionar como rotas turísticas de circulação entre Condeixa-a-Nova e Condeixa-a-Velha, podendo ser utilizados pelos turistas que visitam a região e pelos habitantes das referidas localidades e das áreas que as envolvem. Além dos percursos propõem-se ainda a construção de um albergue para acolhimento tanto de peregrinos como de turistas que passam pelo município, aproveitando um esqueleto da construção de um edifício que não progrediu.



53 | *Relação espacial entre a vila de Condeixa-a-Nova, a aldeia de Condeixa-a-Velha e as Ruínas de Conímbriga*

8. Proposta de Caminhos de Peregrinação como Rotas Turísticas

Depois de efectuada uma pesquisa sobre as valências do território em estudo, e tendo em consideração as características já expressadas anteriormente, a intervenção no Município de Condeixa-a-Nova é, aos nossos olhos, uma oportunidade além de uma necessidade. Dado o panorama actual do turismo no Município e tendo em conta que o número de peregrinos não tende a diminuir, a criação de dinâmicas e de atractivos é algo fundamental. Assim, e no sentido de avanço e desenvolvimento regional, propomos a inserção de uma rede de percursos que facilitem e propiciem a passagem pelas Ruínas Romanas de Conímbriga e a ligação entre estas e a vila propriamente dita (*imagem 53*).

Anualmente são muitos os peregrinos que passam por Condeixa, sejam eles peregrinos com destino ao Santuário de Fátima ou a Santiago de Compostela. É certo que a maior parte dos indivíduos provém do Norte em direcção ao Sul, mas nos seus trajectos muitas vezes cruzam-se com Caminhantes de Santiago. Se em anos que já lá vão havia passividade nos trajectos, devido à reduzida movimentação viária e até ao ritmo de vida menos acelerado, nos nossos dias as estradas municipais são autênticos corredores de circulação com tráfego viário bastante elevado. Para juntar a isto, o tempo é agora bastante mais valioso e quanto mais rápido o destino for alcançado, melhor.

Analisando a situação específica do peregrino actual que se dirige para Fátima, sabemos que o seu objectivo é chegar ao destino num curto espaço de tempo, tomando como itinerário o caminho mais rápido. Com estas decisões acaba por correr riscos desnecessários, particularmente no que respeita à sua segurança. Já relativamente ao peregrino que circula em sentido oposto, em direcção ao Norte, tem outra maneira de experienciar a viagem da peregrinação. A disposição com que experiencia e vive o Caminho, o modo como apreende tudo o que o rodeia, apreciando tudo com todos os sentidos. Estas diferenças revelam-se também no tipo de caminho e trajecto que tomam, na atitude que revelam a cada passo e no modo como disfrutam dos lugares por onde passam.

Na situação específica de Condeixa-a-Nova, os peregrinos que se dirigem para Fátima optam, na sua grande maioria, por seguir sempre a Estrada N1 / IC2. Há, no entanto, uma quantidade considerável de peregrinos que, conhecendo a região, optam por fugir do reboliço da estrada nacional e tomam caminhos municipais que passam por dentro da vila. Já no caso do Caminho para Santiago, a proposta por nós apresentada não é uma novidade, uma vez que o caminho já se encontra sinalizado, mais ou menos confuso numas partes que noutras, mas sinalizada. Propomos assim uma acção de melhoramento de estruturas, acessos e condições que de facto já existem para facilitar e reforçar o acolhimento deste tipo de peregrinos na vila.



54 | *Casa da Quinta de S. Tomé antes da intervenção*

55 | *Museu PO.RO.S (Casa da Quinta de S. Tomé após a intervenção)*

O património cultural do município de Condeixa é vasto e carece de estruturas que suportem o seu aproveitamento como potencial instrumento turístico que na realidade é. Desde as várias casas palácio que em tempos foram marca da imponência e da importância social das gentes de Condeixa até às marcas mais antigas que os romanos nos deixaram, passando pelos encantos das paisagens naturais, há uma série de recursos que favorecem o desenvolvimento turístico como ferramenta do desenvolvimento regional.

Do conjunto de bens patrimoniais do município, é inegável o grande impacto que as Ruínas de Conímbriga têm na região centro e, como tal, têm sido alvo de investimento por parte da sua tutela e da própria autarquia. Deste modo, e numa tentativa de aproximar a vila à antiga cidade romana, a construção do Museu PO.RO.S (Portugal Romano em Sicó) foi um importante passo. O PO.RO.S transportará para os nossos dias o quotidiano dos antepassados romanos em formato de imagens digitais. Nas palavras do autarca percursor do projecto, Eng. Jorge Bento, na altura do lançamento (2011), o objectivo *“é criar uma estrutura cultural e museológica que permita fazer o interface entre estes dois pólos”*, referindo-se a Condeixa-a-Nova e a Conímbriga¹⁴². A autarquia, ainda no seu mandato, assume reconhecer o impacto que Conímbriga gera em Condeixa, mas que *“o fluxo de visitantes ‘passa ao lado’”*, considerando ser *“importante criar essa ligação”*. O Museu PO.RO.S *“pretende recriar a cidade romana de Conímbriga, de uma forma lúdica e pedagógica, recorrendo às novas tecnologias e fiel a um programa de rigor científico.”* Trata-se de *“um espaço multimédia e virtual, onde será possível, por exemplo, conhecer o Fórum Romano de Conímbriga, mas animado, com vida, de forma a permitir uma percepção o mais aproximada possível relativamente ao que era, no tempo dos romanos, a vivência efectiva daquele espaço.”*¹⁴³

O Museu nasce num local muito estimado pela população, por se tratar de uma antiga casa senhorial (o Palácio da Quinta de S. Tomé) que há muito faz parte daquele território e que estava em fase de degradação avançada quando passou para as mãos da autarquia (*imagens 54 e 55*). A sua localização é estratégica por se encontrar num ponto de expansão da vila: perto do mercado, do núcleo de escolas, da biblioteca e até do centro de saúde. A primeira fase da obra está finalizada, tendo sido inaugurada no ano de 2014. Estava prevista a inauguração da segunda e última fase do projecto para o primeiro trimestre de 2015, o que até ao momento da realização deste trabalho não sucedeu, apesar de concluída a fase de obras. Desta segunda fase faz parte um auditório (com capacidade de 75 lugares sentados), salas de exposição, instalações sanitárias de apoio ao Parque Verde, uma cafetaria e uma sala multiusos que servirá para a colocação de Oficinas de Indústrias Criativas.¹⁴⁴

Efectivamente, a ideia de dinamizar e melhorar a relação da vila com Conímbriga

142 Retirado de <http://www.cm-condeixa.pt/noticias/noticia.php?id=890>, acedido em Maio de 2015.

143 Retirado de <http://www.cm-condeixa.pt/noticias/noticia.php?id=939>, acedido em Maio de 2015.

144 Retirado de <http://www.cm-condeixa.pt/noticias/noticia.php?id=1448>, acedido em Dezembro de 2015.



(A) Museu PO.RO.S



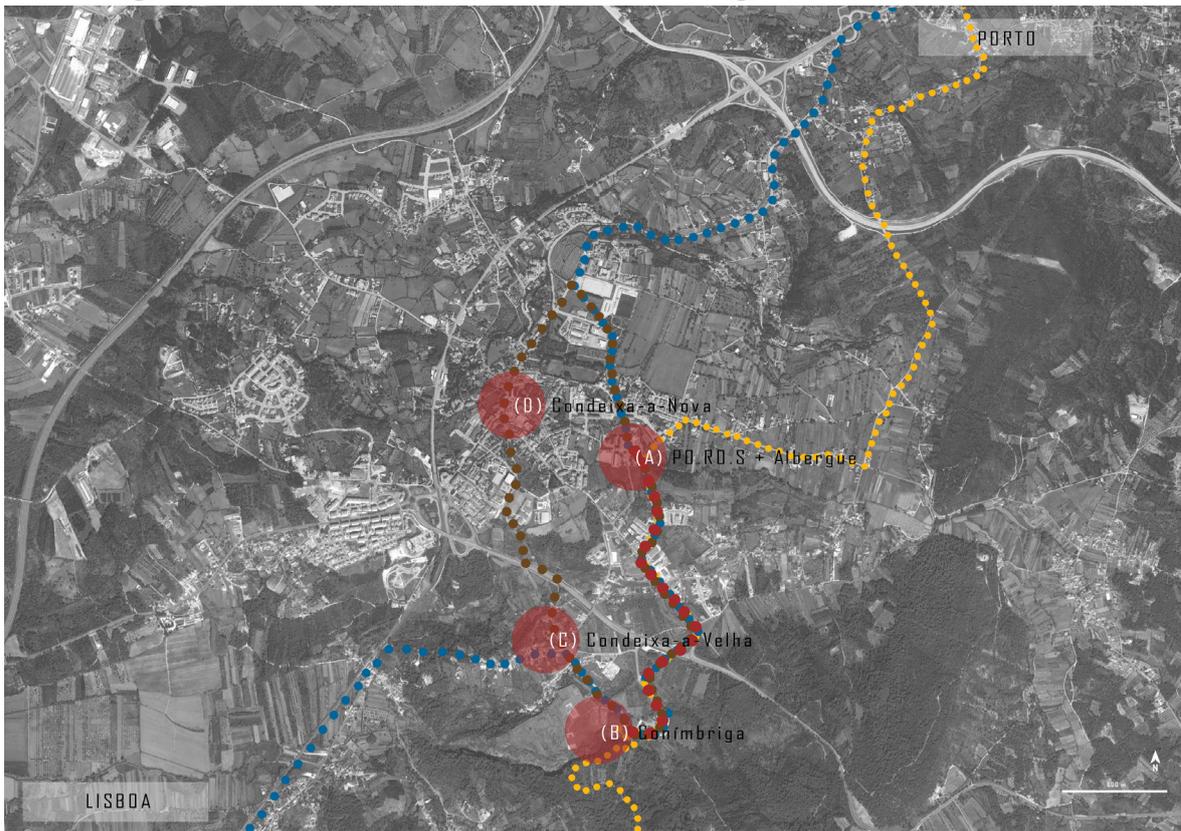
(B) Ruínas Romanas de Conímbriga



(C) Condeixa-a-Velha



(D) Condeixa-a-Nova



●●●● Ligação (a): PO.RO.S - Conímbriga

●●●● Ligação (c): IC2 - PO.RO.S -
Conímbriga - Condeixa-a-Velha - IC2

●●●● Ligação (b): PO.RO.S - Conímbriga -
Condeixa-a-Velha - Condeixa-a-Nova -
PO.RO.S

●●●● Ligação (d): Poço das Casas -
Conímbriga - PO.RO.S - Senhora das
Dores - Atadóa

56 | Esquema geral da proposta

não se verifica na prática diária, uma vez que o Museu não foi ainda inaugurado e só agora começa a ser mais clara a sua função para a maioria do público. Nas nossas conversas junto da autarquia foi-nos possível apurar que o Museu estará aberto impreterivelmente no primeiro trimestre do corrente ano.

O Museu PO.RO.S, juntamente com as Ruínas de Conímbriga, são o ponto de ancoragem da nossa proposta exercendo enorme relevância na justificação do que propomos para o território.

A circulação de pessoas entre um determinado ponto de origem e outro de destino é o principal objectivo da existência de um percurso, de um caminho. No caso concreto, pretende-se um caminho destinado a peregrinos, turistas e residentes que promova o livre acesso entre as localidades de Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Velha e Conímbriga, estabelecendo o contacto entre elas e a sua integração no mercado turístico do município.

De forma a ser perceptível para o leitor o modo como funcionam os percursos, estabelecemos uma relação entre *lugares* e *ligações* (imagem 56). Temos assim os lugares A, B, C e D, respectivamente, o Museu PO.RO.S, as Ruínas de Conímbriga, a aldeia de Condeixa-a-Velha e a vila de Condeixa-a-Nova. As ligações nomeadas por (a), (b), (c) e (d) referem-se aos percursos que relacionam os pontos anteriores. São, respectivamente, a ligação (a) que se estabelece entre o Museu PO.RO.S (A) e as Ruínas de Conímbriga (B); a ligação (b) refere-se ao circuito de formato circular que relaciona todos os pontos (A, B, C e D); a ligação (c) é o percurso de integração na Rota de Peregrinação Coimbra-Fátima; e, finalmente, a ligação (d) remete para o Caminho de Santiago.

Um dos objectivos desta estruturação do território é criar uma imagem homogeneizada dos percursos intervencionados, de modo a facilitar a sua leitura e a compreensão da intervenção. De facto, os trajectos propriamente ditos já existem, requerem apenas melhoramentos em termos de pavimentação e sinalização. O carácter multifuncional destes caminhos permite a aproximação entre os indivíduos peregrino – turista – residente, uma vez que não se tratam de estruturas exclusivas para qualquer um deles.

Iremos de seguida fazer uma pequena descrição de cada um dos lugares que escolhemos como pontos de ancoragem para a nossa proposta.

O **Museu PO.RO.S (A)**, como já vimos anteriormente, nasce de uma intervenção camarária no sentido de recuperar um património importante para a história do concelho, salvaguardando a memória do espaço. Trata-se do antigo Solar do Visconde de Valdemouro (ou Casa da Quinta de S. Tomé), classificado como Imóvel de Interesse Municipal. Trata-se de um edifício de arquitectura civil do século XVI (pelas molduras manuelinas das janelas), de planta em “U”. Foi intervencionado em 1705 e em 1859. A Casa integrava uma Quinta agrícola de dimensões e riqueza consideráveis. Da Quinta faziam parte um solar de habitação (a tal Casa da Quinta), uma capela (dedicada a S. Tomé), a casa dos caseiros,



57 | Museu PO.R.O.S

58 | Localização do PO.R.O.S e de Conímbriga

59 | Ruínas de Conímbriga

celeiros, arrumos, azenhas, eirados, pomares e hortas. Com o passar dos anos foi deixada ao abandono até ser tomada pela autarquia (em 1999) para a transformar num espaço destinado ao estudo e promoção do legado Romano nas terras de Sicó. O PO.RO.S será “*um espaço tecnológico, didático e interpretativo, com recurso a soluções multimédia, permitindo ao visitante a interação com a História e com o espaço (...)*”¹⁴⁵ Acrescentamos ainda “*Ali (...) vai haver espaço para se conhecer a história da moeda romana, da língua e da escrita. Mas haverá também espaço para conhecer toda a componente política da época, a vida privada dos romanos e mesmo a ocupação de território. Dá-se a conhecer a época e os diversos aspectos da vida romana e ambientes tratados e controlados*”, explica a arquitecta Patrícia Ribeiro, responsável pelo projecto, que refere a aposta na interactividade e no virtual que funcionará “*em paralelo com as Ruínas de Conímbriga*”. Na verdade, frisa, “**um e outro museu – o PO.RO.S e o de Conímbriga – não serão rivais, mas antes parceiros. Essa é, de resto, a estratégia da Câmara de Condeixa que, desta forma, pretende que os milhares de clientes de Conímbriga passem também por Condeixa e conheçam, neste museu, novas perspectivas da vida romana.**”¹⁴⁶.

O local de implantação do Museu insere-se no Parque Verde da Ribeira de Bruscos, uma área de cerca de 45 000 m², com espaços de lazer, desportivos e naturais. Este parque tem um papel fundamental na transição entre os ambientes que constroem a área, faz a passagem entre a ruralidade dos campos de cultivo e florestais (a nascente) para a urbanidade da vila (a poente). A sua implantação é favorecida também pelo facto de se encontrar muito perto do centro urbano, servindo de rótula de articulação para a nossa proposta (*imagens 57 e 58*). Do Museu às **Ruínas de Conímbriga (B)** (*imagem 59*) são cerca de 2 km de ambientes tão distintos como campos de cultivo, zonas de vegetação, passando por zonas urbanizadas de habitação e equipamentos comerciais. O conjunto do Museu Monográfico e das Ruínas de Conímbriga constituem o maior e mais importante aglomerado arqueológico em Portugal. A “*fundação de Conímbriga e da maioria das construções nela erigidas remonta ao tempo do Imperador Augusto (sécs. I a.C. — I d.C.)*”¹⁴⁷.

A área que envolve a antiga cidade romana é tida como Monumento Nacional, por decreto, desde 1910. Não só, mas também por esse motivo, a antiga cidade romana é, incontestavelmente, a maior potência a nível de turismo e cultura que o Município e a região dispõem. O Museu Monográfico, criado em 1962, é desde então a entidade que tutela as visitas ao conjunto, tendo como principais responsabilidades a promoção da sua exposição ao público e prosseguir a investigação arqueológica. O seu acervo é exclusivamente dedicado aos achados arqueológicos que se encontraram no local desde as primeiras escavações

145 SILVA, Sofia (2013). *Projecto PO.RO.S (Portugal Romano em Sicó)*. Actas do 1.º Encontro Regional de Técnicos de Turismo. Condeixa: Agrupamento de Escolas de Condeixa-a-Nova, 71.

146 Retirado de <http://www.cm-condeixa.pt/noticias/noticia.php?id=891>, acedido em Dezembro de 2014.

147 Retirado de <http://www.cm-condeixa.pt/menu/turismo/conimbriga.html>, acedido em Junho de 2015.



60 | *Condeixa-a-Velha: Igreja de S. Pedro vista da entrada de Conímbriga*

61 | *Condeixa-a-Nova: Ribeira do Parque Verde*

(1898).

As Ruínas de Conímbriga desde muito cedo fazem parte dos roteiros turísticos e dos guias de viagem, como por exemplo o Guia Ilustrado do Viajante em Portugal que, em 1905, já continha uma referência a Conímbriga: “*Castro Romano – (Condeixa a Velha) que os archeologos mais entendidos dizem ter sido a antiga Conimbrica, que a avaliar pela extensão e fortaleza dos destroços devia ser um vasto centro populoso*”. (Júnior e Morgado, 1905: preâmbulo)¹⁴⁸

Não obstante de se tratar de um importante marco na História de Portugal e do Homem, estamos nesta dissertação a avaliar o impacto turístico num meio bem mais reduzido, como é o Município de Condeixa-a-Nova. A sua localização afastada da urbe é talvez o maior obstáculo que as Ruínas atravessam, sendo mais difícil a atracção das populações locais do que propriamente de público exterior, pois o Museu Monográfico e as Ruínas são actualmente o sítio arqueológico mais visitado em Portugal¹⁴⁹. Ainda recentemente o jornal inglês “*The Guardian*”¹⁵⁰ destaca o local como uma das dez maravilhas arqueológicas mais belas e menos conhecidas. Talvez por isso seja também as que se encontram em melhor estado de preservação.

O núcleo populacional mais próximo das Ruínas em termos geográficos é a aldeia de **Condeixa-a-Velha (C)**. De facto, a origem deste povoado está precisamente relacionada com a antiga civilização romana, como já explicado anteriormente (*imagem 60*). O pequeno povoado cresceu e, actualmente, Condeixa-a-Velha estabelece-se numa área de cerca de 22,6 km² e tem uma população de cerca de 3 320 habitantes. Caracteriza-a a ruralidade dos campos agrícolas e de pastorícia, envolvidos pelas paisagens deslumbrantes das serras de Sicó.

No contexto da nossa intervenção, a localização de Condeixa-a-Velha permite duas abordagens. Uma delas, e fazendo parte da ligação (b) que à frente explicaremos, é a ligação para **Condeixa-a-Nova (D)** integrando um itinerário de formato circular. A segunda opção é seguir em direcção à EN1/IC2, tendo como objectivo integrar a rota de peregrinação que vem de Coimbra e segue para Fátima (ligação (c)).

A proximidade do núcleo arqueológico de Conímbriga com a vila de Condeixa-a-Nova (*imagem 61*) não é, ao contrário do que se possa acreditar, motivo para grandes transacções socioeconómicas, uma vez que a maioria do público que visita a estação arqueológica abandona o local no final do dia de visita. “*Mais que o seu valor Arqueológico, Cultural, Científico e Educacional, Conímbriga apresenta um grande potencial por ser um importante*

148 Cf. FERREIRA, 2013:108

149 Em 2015 recebeu 87 075 visitantes.

150 Retirado de <http://www.theguardian.com/travel/2015/apr/06/10-best-ancient-ruins-cambodia-peru-china-italy>, acedido em Setembro de 2015.



Troço 1



62 | Ligação (a): PO.ROS (A) - Conímbriga (B)

centro polarizador e dinamizador turístico-cultural regional (...) (RELVAS, 2014:87).¹⁵¹

A vila de Condeixa-a-Nova é um aglomerado urbano de média dimensão. Por dispor de uma localização privilegiada, numa posição periurbana relativamente à cidade de Coimbra e por dispor de uma rede viária desenvolvida, Condeixa-a-Nova tem registado um assinalável crescimento demográfico¹⁵² desde há vários anos.

Neste contexto, apresentam-se de seguida as quatro ligações que consideramos essenciais e que são a base da nossa proposta. A primeira delas é a que julgamos essencial é a ligação entre **Conímbriga (B) e o Museu PO.RO.S (A)**. Como já tivemos oportunidade de referir, a criação do *museu da vida romana* veio na tentativa de colmatar a falha que existia na relação entre a vila e a vetusta cidade de Conímbriga. No entanto, a “falha” permanece e, na nossa opinião só será resolvida quando se efectivar a ligação fisicamente. É deste modo que apresentamos a **ligação (a)**.

Com uma extensão de cerca de 1,9 km¹⁵³, o itinerário estabelece-se com o ponto de partida no Museu PO.RO.S (ou no futuro albergue que apresentaremos no próximo capítulo) e segue para o Museu Monográfico de Conímbriga, podendo ser realizado no sentido oposto, claramente. O principal objectivo deste itinerário vai ao encontro do objectivo primário desta dissertação, que é o *vínculo efectivo entre Conímbriga e Condeixa-a-Nova*. Atravessa ambientes rurais, com campos agrícolas e arborizados, e ambientes urbanos, com habitações e comércio. É nosso propósito que ao longo do itinerário existam zonas de descanso e de informação sobre a área visitada, essencialmente destinadas aos peregrinos (para Fátima e para Santiago de Compostela) e aos turistas. Trata-se de um percurso para uso pedestre e ciclável, essencialmente, sendo que, em alguns troços, acompanha a via automóvel. No caso da via pedestre, propomos pavimento em saibro estabilizado, nos troços em que há necessidade de gerar pavimento, como é o caso das fracções mais rurais próximas do Museu PO.RO.S e das Ruínas¹⁵⁴. Em todo o trajecto será criada uma ciclovia com pavimentação em betuminoso colorido, da cor do saibro, para que tenha uma aparência natural. A iluminação dos espaços será uma questão fundamental, para que seja possível a utilização tranquila dos espaços mesmo durante o período nocturno.

A ligação (a) que agora expusemos é exemplo de um itinerário que pode ser tomado por qualquer uma das entidades que têm papel relevante nesta dissertação, como são o peregrino, o turista e o residente. O que realmente é importante é a dinamização do território

151 RELVAS, J. (2014). *Rotas interpretativas - Condeixa-a-Nova. Transição entre o Baixo-Mondego e os Vales do Maciço de Sicó*, Coimbra: Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, p.87

152 Segundo os últimos registos, dos Censos 2011, a população do concelho de Condeixa é cerca de 17 078 habitantes. Em 1991 tinha 13 027 e uma década depois registavam-se 15 340.

153 Prevê-se que demore uma média de 23 minutos a percorrer, a pé.

154 No caso destes troços, o acesso automóvel é possível mas em casos pontuais de acesso às propriedades agrícolas na área em questão, É possível o convívio entre peregrinos, pois o acesso automóvel é pouco frequente.



 Troço 2



63 | Ligação (b): PO.ROS (A) - Conímbriga (B) - Condeixa-a-Velha (C) - Condeixa-a-Nova (D) - PO.ROS (A)

e a redefinição do turismo municipal, valorizando os seus recursos. Partindo do pressuposto que um turista chega ao PO.RO.S e tem contacto com a realidade da civilização romana no território de Condeixa-a-Nova, tem agora a oportunidade de se deslocar de um modo mais cómodo até ao destino (Conímbriga), com toda a informação que necessita para partir à descoberta e simultaneamente disfrutar de todas as paisagens e imagens que Condeixa tem para oferecer. O mesmo acontece no sentido oposto, se o ponto de partida for Conímbriga e o destino for o PO.RO.S.

Tendo em linha de conta o objectivo primeiro desta dissertação, temos noção de que a valorização efectiva do território e a sua dinâmica enquanto unidade só é alcançada se os núcleos urbanos de proximidade se relacionarem dessa forma, próximos. Neste contexto, além do itinerário principal já apresentado, que apesar de poder ser utilizado por todos é mais direccionado ao indivíduo externo, propomos a definição de um itinerário de formato circular que viabiliza o conhecimento e exploração de mais elementos e mais área. Como o próprio nome indica, sendo circular implica que o ponto de partida e de chegada seja um mesmo lugar. No entanto, este itinerário permite que esse lugar seja qualquer um dos quatro lugares que apresentámos, perfazendo um total de 5,9 km possíveis de percorrer num tempo estimado de 1h 13min.

Tal como na explicação da ligação anterior, partimos da pressuposição que a nossa deslocação se inicia no lugar (A), com destino a Conímbriga, lugar (B). No fim da visita à *civitas* a nossa proposta é que o visitante possa conhecer presencialmente a evolução histórica da urbe e chegue ao ponto de origem passando pelos núcleos populacionais que lhes estão próximos. Referimo-nos a Condeixa-a-Velha (C) e Condeixa-a-Nova (D). Este itinerário insere-se em ambientes essencialmente urbanos, por ter a maior parte do seu trajecto a transpor dois núcleos residenciais (Condeixa-a-Velha e Condeixa-a-Nova). Propomos a inserção de caminho pedonal e de ciclovia, tal como no itinerário anterior. Esta **ligação (b)**, pela sua distância e duração, é adequada para integrar o circuito de visita das Ruínas de Conímbriga, facilitando a exploração da área que as envolve. O visitante ou utilizador do espaço terá ao seu dispor áreas de descanso pontuais e placas informativas da história e patrimónios locais. Quem visitar Conímbriga já não terá razões incontestáveis para não conhecer Condeixa, os seus produtos endógenos e objectos culturais. Por outro lado, e numa altura em que a cultura desportiva e de bem-estar físico alcança tanta notoriedade, este itinerário torna-se numa alternativa também aos circuitos de manutenção e de caminhadas ao ar livre para a população residente. É de notar que todos os percursos serão dotados de iluminação artificial e devidamente sinalizados para proporcionar ao utilizador do espaço todas as condições de segurança e comodidade.

A **ligação (c)** direcciona-se aos peregrinos com destino ao Santuário de Fátima, uma vez que se propõe a integração desta ligação na rota de peregrinação que provém de Coimbra. Há em execução um projecto de revitalização dos caminhos provenientes da Rota das



● Troço 3



64 | Ligação (c): IC2 - PO.R.O.S (A) - Conímbriga (B) - Condeixa-a-Velha (C) - IC2 e Ligação (d): Caminhos de Santiago - Conímbriga (B) - PO.R.O.S (A) - Caminho de Santiago

Carmelitas, particularmente de Coimbra a Fátima, o Projecto HODOS¹⁵⁵. No entanto, e mais uma vez, a nossa proposta visa a introdução efectiva do itinerário para Fátima em território de Condeixa e de Conímbriga. Nos últimos anos, e desde há muito, que os peregrinos que fazem anualmente o trajecto para Fátima, provenientes de terras nortenhas e já conhecem a região sobre a qual estudamos. Deste modo, alguns tomam caminhos secundários para saírem do reboiço que é a estrada nacional. No entanto, são muitos também os que por falta de conhecimentos e informação, ou por falta de investigação nesse sentido, chegam a colocar em risco a sua segurança e até a própria vida por fazer as suas deslocações pela Estrada N1/ IC2, muitas vezes durante o período noturno.

Neste sentido, a ligação (c) tem como origem a saída do IC2 junto à povoação de Ponte de Soure – concelho de Coimbra – entra depois no concelho de Condeixa-a-Nova pela aldeia de Eira Pedrinha, chegando posteriormente à vila, onde integra o percurso apresentado anteriormente (ligação (b)). No entanto, este itinerário difere do anterior depois de chegar ao lugar (C), Condeixa-a-Velha. Neste ponto o itinerário irá dirigir o peregrino para a localidade de Arrifana de modo a prosseguir de novo para a IC2. Este trajecto, não incluindo a paragem para dormidas (tema que abordaremos no capítulo seguinte, quando apresentarmos a proposta para a construção do albergue junto ao Museu PO.RO.S), tem a distância total de 7 km e pode ser realizado em 1 hora e 27 minutos.

Sabemos, ainda assim, que o trajecto ideal para deslocação pedestre não será de todo o que passa por uma via tão movimentada como é o IC2. No entanto, dada a restrição temática para a realização desta dissertação não exploraremos o percurso de peregrinação para além das fronteiras do Município de Condeixa e da região em estudo. Aproveitamos a ocasião para deixar em aberto esta possibilidade de exploração temática para estudos e investigações futuras.

Este itinerário permite o acompanhamento na quase totalidade do trajecto por veículos automóveis de apoio à peregrinação. Nas porções de caminho em que tal não é possível, existem outros pontos de proximidade que permitem este encontro entre os peregrinos e os seus apoios. Por se tratar de um itinerário direccionado a peregrinos, sugerimos a implementação de dispositivos de apoio, quer sejam áreas de descanso quer sejam pequenos espaços que permitam a sua utilização, possivelmente sazonal, como espaços de apoio em termos de saúde e bem-estar.

Finalmente, a **ligação (d)** é também direccionada aos peregrinos mas desta feita peregrinos a Santiago de Compostela. De facto, o traçado do Caminho passa por Conímbriga (lugar B), proveniente de sul, do Poço das Casas e Zambujal. Depois das Ruínas segue para

155 Este projecto “pretende introduzir nas paisagens percorridas pelos viajantes construções, ou instalações, que convidem a uma paragem para a contemplação da natureza ou da própria obra em si e que, ao mesmo tempo, permitam criar um roteiro de arquitectura contemporânea que marque e atraia novos públicos aos caminhos.” Retirado de www.publico.pt/local/noticia/hodos-ou-a-arquitectura-no-caminho-das-rotas-de-peregrinacao-1678579, acedido em Outubro de 2015.



65 | *Símbolo de Condeixa como Vila de Sicó*

Atadoa e Avestada até alcançar o concelho de Coimbra, pelo Orelhudo. Tendo em conta a intenção de construir o albergue para peregrinos junto do Museu PO.RO.S, o percurso que propomos como ligação (d) é um pequeno desvio de 800 m do traçado actual do Caminho de Santiago para que possa passar junto do Museu, retomando depois pela localidade de Senhora das Dores para chegar a Atadoa. Em suma, a ligação (d) é uma alternativa do Caminho de Santiago para quem pretende passar a noite na vila de Condeixa-a-Nova.

Estes caminhos que sugerimos como proposta de intervenção no território são, como foi possível depreender pelas nossas apresentações, “**Caminhos de Peregrinação e de Turismo**”, uma vez que, tendo como rede a mesma estrutura física e a mesma materialidade, permitem alcançar objectivos diferentes e ao mesmo tempo comuns: o reconhecimento do município de Condeixa como um território potencialmente turístico e com imensas oportunidades de exploração. É nosso objectivo que quem passe por Condeixa, seja em peregrinação, seja em viagem de fim-de-semana, seja em férias com a família, tenha à sua disposição um território unificado e direccionado para quem o visita. Pretende-se que Condeixa deixe de ser a passagem entre Coimbra e Lisboa e seja ela por si um destino de viagem, com tudo o que tem para oferecer, desde o património arquitectónico, histórico e cultural até aos produtos endógenos. Ambicionamos que o volume de visitas ao complexo das Ruínas de Conímbriga e do seu Museu Monográfico possa ser transposto para Condeixa-a-Nova e, essencialmente, que a própria população residente, quer em Condeixa-a-Velha quer em Condeixa-a-Nova, ou mesmo em todo o concelho, tenha um conhecimento alargado do seu património e perceba o potencial turístico da região que habita.

9. Proposta de um Albergue para Condeixa-a-Nova

A vinda de público exterior ao território, para conhecer, explorar e experimentar, é sem dúvida um dos factores impulsionadores do turismo em termos de desenvolvimento regional. Ora, como temos vindo a apresentar, os “objectos” culturais enquanto focos atractivos de pessoas provenientes de outros lugares, estão presentes no território sobre o qual intervencionamos. A problemática cinge-se, no nosso ponto de vista, à relação entre os vários elementos, ou à falta dela, e à inexistência de incentivos para a permanência neste espaço.

Quando comparada, por exemplo, com os outros municípios que integram a iniciativa “Terras de Sicó”¹⁵⁶ (imagem 65), Condeixa-a-Nova fica nos últimos lugares quanto ao alojamento disponível para quem queira visitar o território por mais do que um dia consecutivo ou



66 | Localização do Albergue

156 Ansião, Alvaiázere, Condeixa, Pombal, Soure e Tomar



1 Entrada; 2 Recepção; 3 Administração; 4 Arrumos; 5 Instalações Sanitárias; 6 Acessos verticais; 7 Gabinetes de tratamento; 8 Quartos Duplos (ou Individuais); 9 Quartos colectivos; 10 Duches; 21 Rampa de Acesso; 22 Escadas de acesso; 23 Bebedouro



67 | Planta Piso 0 (à esquerda)

68 | Planta Piso -1 (à direita)



4 Arrumos; 5 Instalações Sanitárias; 6 Acessos verticais; 11 Bar; 12 Refeitório; 13 Loja; 14 Sala de Orações; 15 Sala Multiusos; 16 Blaneários; 17 Lavandaria; 18 Arrumos para bicicletas; 19 Boxes / Cavalariças; 20 Apoio de cavaliças; 21 Rampa de Acesso; 22 Escadas exteriores; 23 Bebedouro

simplesmente queira pernoitar na vila. Com todo o conjunto de iniciativas que propomos, a juntar àquelas que a autarquia tem vindo a promover e a divulgar, juntamente com todo o trabalho da Associação de Desenvolvimento e Associação de Municípios da Serra do Sicó (ADSICO)¹⁵⁷, estão criadas as condições para que as visitas a Condeixa-a-Nova aumentem significativamente. Actualmente, no concelho, a oferta de alojamento não vai além de uma pousada, considerada no panorama nacional, que é a Pousada de Santa Cristina (como referimos já, transformada a partir do antigo Palácio dos Almadas); um hotel rural que se localiza fora da vila, na freguesia de Ega; e três pensões sem dimensão relevante para a resolução das problemáticas que apresentamos.

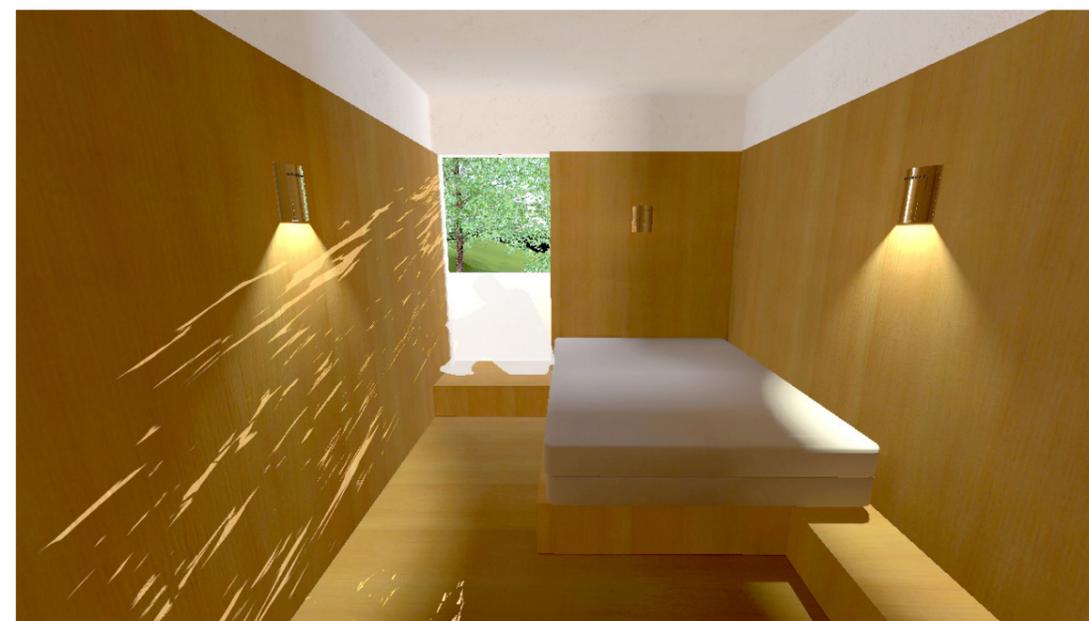
Como já tivemos oportunidade de referir anteriormente, a nossa proposta vai além da implementação da exposta rede de percursos turísticos e de peregrinação. Procuramos que as pessoas permaneçam na vila e a tenham como destino, mesmo que temporário, e não como apenas um local de passagem. É com base neste princípio que propomos a construção de um albergue, primordialmente destinado a peregrinos, mas que se permite, simultaneamente, funcionar como alojamento de baixo custo para outro tipo de utilizadores, como são os turistas um exemplo.

A localização que propomos para o Albergue é a Sul do Museu PO.RO.S, integrado no mesmo ambiente urbano, ou seja, junto do Parque Verde da Ribeira de Bruscos (imagem 66). Este posicionamento justifica-se não só por no local existir uma estrutura de uma construção que não avançou (ver Anexo 6) (o que coloca aquele lugar numa circunstância de desistência de habitabilidade, sem vida, sem motivos para ser frequentado), como também o facto de estar muito próximo do Museu PO.RO.S é um factor extremamente valorizador do nosso propósito de relacionar este investimento com o património cultural do lugar e com os percursos turísticos de que já falámos.

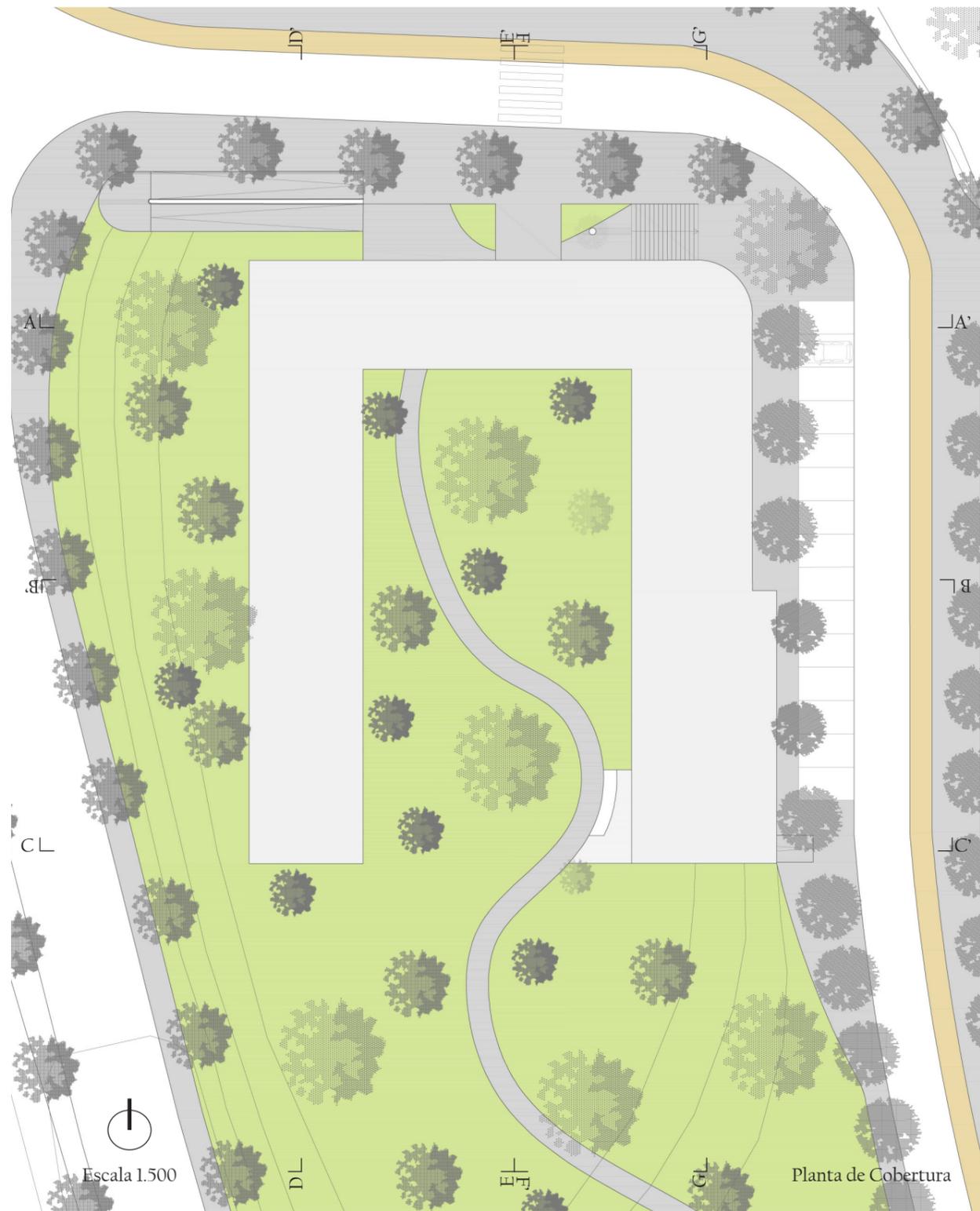
O albergue desenha-se em “U”, com dois pisos, sendo que um está ao nível dos acessos (Piso 0) e o outro a uma cota inferior (Piso-1). A forma do edifício é explicada não só pela proximidade com o PO.RO.S, como que se de um espelho se tratasse, mas também pelo programa que serve. O pátio central funciona como um átrio de recepção aos peregrinos, particularmente os que se dirigem para Norte. Favorece-o a presença do Parque Verde da Ribeira de Bruscos e os acessos que lhe estão disponíveis.

A entrada no edifício é feita à cota da estrada, paralelamente ao museu, acedendo directamente ao Piso 0 (imagem 67). O edifício dispõe de 24 quartos individuais ou duplos, com

157 A “Terras de Sicó - Associação de Desenvolvimento” foi criada em 1995 para dar resposta à expansão do território de Sicó e às solicitações que já não eram possíveis de resolver apenas com a ADSICO, criada em 1988. A “Terras de Sicó” é um “projecto plural a favor do desenvolvimento local e das suas populações, concentrando esforços no marketing global, no estudo e promoção de produtos turísticos, na organização de espaços e novas oportunidades de mercado, na generalização e diversificação de pequenos investimentos nos vários sectores da economia, do social e da cultura.” Retirado de <http://www.terrasdesico.pt/associacao.php>, acedido em Setembro de 2015.



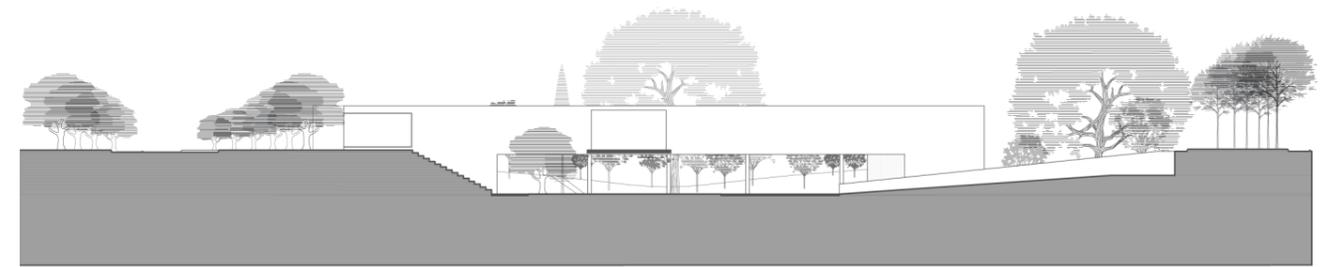
69 | Vista do pátio
70 | Interior dos quartos



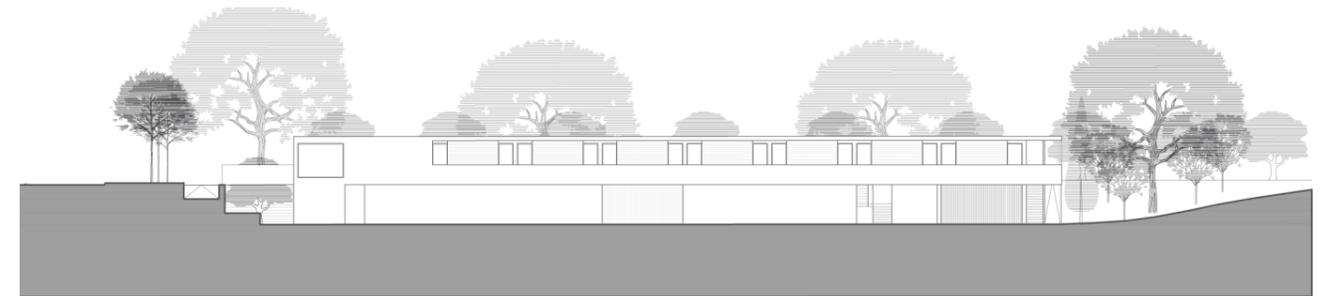
- Relvado
- Passeios/Caminhos
- Ciclovia
- Espaços exteriores
- Terreno em corte

71 | Planta de Cobertura

72 | Alçados Norte e Poente, Corte Transversal e Corte Longitudinal



Alçado Norte / Entrada



Alçado Poente / Quartos



Corte Transversal CC



Corte Longitudinal DD

Escala 1.500

instalações de banho privativas, e de 2 quartos colectivos com capacidade para 14 camas. Os quartos, todos com acesso a duche, situam-se no piso da entrada, assim como a recepção e administração e ainda dois gabinetes de cuidados médicos e de enfermagem. No piso inferior (*imagem 68*) é onde se localizam as áreas de serviço e zonas comuns, que além de serem destinadas aos utilizadores dos alojamentos servem também o público exterior. Falamos de bar, refeitório, uma sala de orações, uma sala multiusos, para eventos ou orações de grupos maiores, por exemplo, lavandaria, balneários (masculino e feminino), cavalariças (para os cavalos dos peregrinos de Santiago que realizam o Caminho a cavalo¹⁵⁸), arrumos para bicicletas (para os peregrinos que realizam o Caminho de bicicleta¹⁵⁹) e, além dos acessos ao piso superior (interiores e exteriores) tem ainda uma loja de produtos endógenos e um grande pátio pelo qual se estende o Parque Verde.

Por se tratar de um edifício com uma forma específica, a circulação faz-se em galeria valorizando a grande permeabilidade visual. Remetendo-nos mais uma vez ao tema da peregrinação, dá-se grande destaque à relação interpessoal. O edifício, por ter algumas áreas ‘levantadas do chão’, deixa que o Parque Verde se apodere dele como se dele fizesse parte (*imagem 69*). As árvores que ali propomos colocar são espécies comuns na região, características particularmente no concelho. São elas oliveiras, laranjeiras, carvalhos e um cipreste.

Particularmente quando nos referimos às peregrinações a Santiago de Compostela, os motivos naturais e o contacto com a natureza têm grande relevância para quem realiza o Caminho. Assim, é nossa intenção que o edifício se integre de algum modo nesse ambiente. O funcionamento interno também permite que haja uma relação quase directa entre todos os utilizadores dos espaços. O indivíduo tem o seu momento de reflexão interior a partir do momento em que entra no quarto, que funciona quase como uma cela, com dimensões reduzidas mas bastante confortáveis (*imagem 70*). A própria materialidade remete para a rusticidade e desprendimento, pela simplicidade dos acabamentos e materiais utilizados, como são o betão aparente e a madeira de pinho. Os quartos são revestidos quase na totalidade por painéis de madeira, remetendo para um ambiente natural, onde não há perturbações decorativas. Pretende-se um ambiente calmo, tranquilo e humilde, de recolhimento interior.

Não nos podemos esquecer que as peregrinações são acontecimentos quase sazonais. “Quase” pois apesar de ser possível definir alturas no ano em que a adesão a estas manifestações é bastante relevante, é possível que as peregrinações se realizem em qualquer altura, dia ou hora. Como vimos inicialmente, para haver peregrinações só são precisos o corpo, a mente e as motivações. Neste contexto, o funcionamento do albergue

158 Apesar de ser cada vez menos frequente a realização da peregrinação a Santiago a cavalo, essa situação é possível acontecer. De acordo com as estatísticas referentes ao período de Janeiro a Outubro de 2015, chegaram a Santiago de cavalo 762 peregrinos de um total de 255 167 peregrinos.

159 De bicicleta chegaram 24 895 peregrinos.

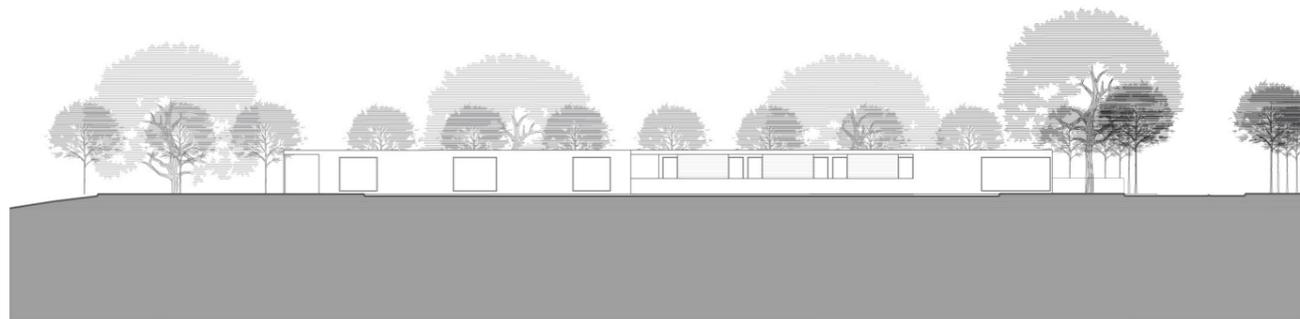


73 | Vista para o pátio

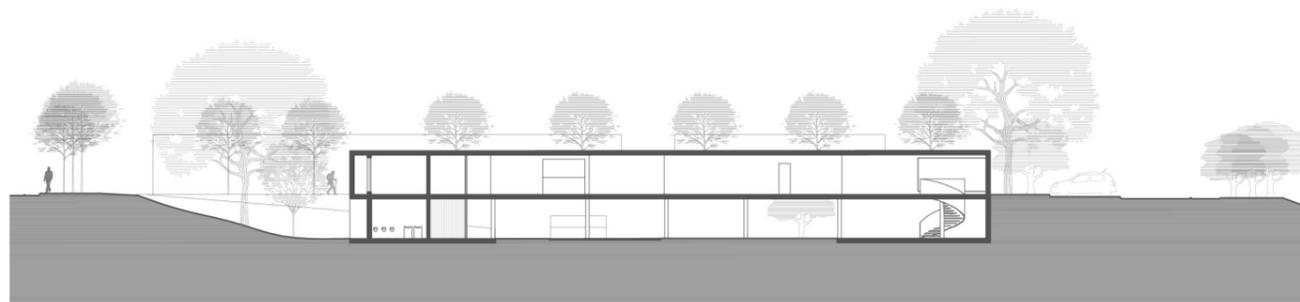
74 | Vista da entrada e rampa de acesso



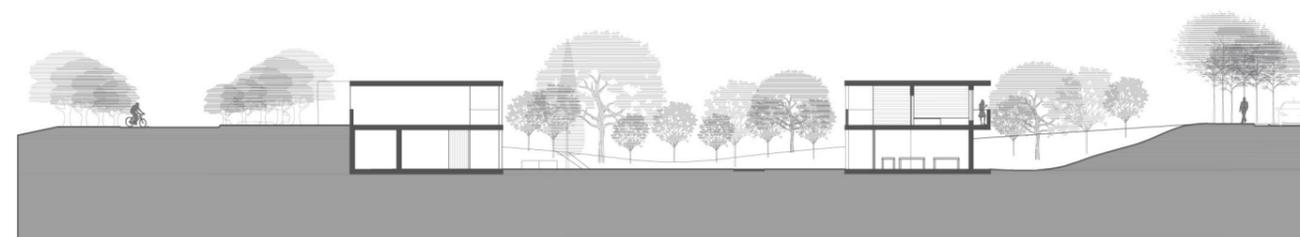
Alçado Sul / Pátio



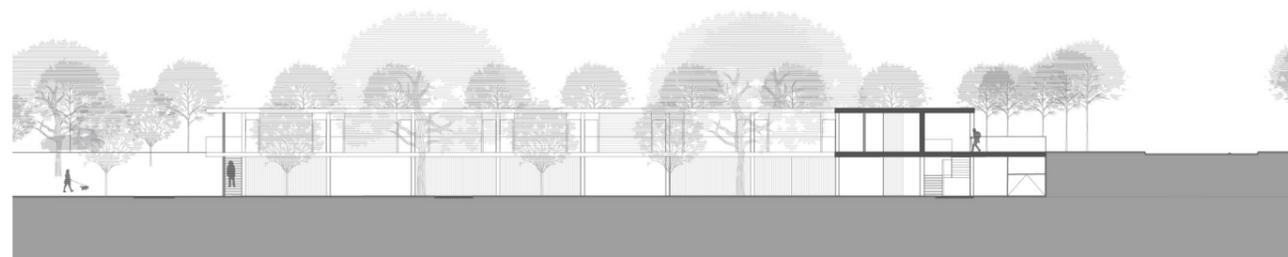
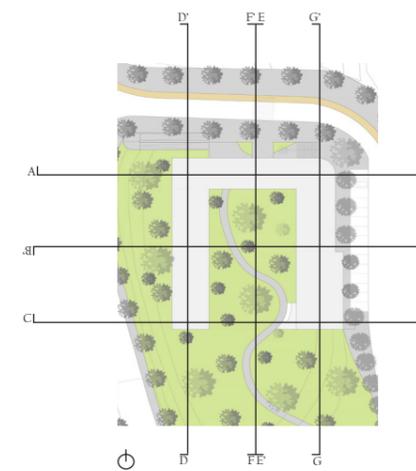
Alçado Nascente / Quartos



Corte Transversal AA'



Corte Transversal BB'



Corte Longitudinal EE'



Corte Longitudinal FF'



Corte Longitudinal GG'

Escala 1.500

75 | Alçados Sul e Nascente, Cortes Transversais (à esquerda)

76 | Cortes Longitudinais (à direita)

está preparado para receber turistas ou visitantes que se desloquem à região e que queiram permanecer na vila. Numa fase em que os *hostels* estão muito em voga, é essa a ideia que queremos trazer para Condeixa. A estrutura do albergue e o seu programa está também direccionado para um tipo de turistas que procuram alojamentos de custo menos elevado, com menos formalidades mas com conforto, qualidade e comodidade (*imagens 71 e 72*).

Habitualmente os albergues de peregrinos, como já descrevemos em capítulos anteriores, funcionam em regime de voluntariado e essa é também uma experiência enriquecedora para quem oferece, de forma gratuita os seus serviços para acolher caminhantes. Na maioria dos albergues que estudámos não há uma taxa fixa, ou quando há, é um valor simbólico (normalmente entre 5€ a 8€ por peregrino). O peregrino fica com a decisão de querer dar mais alguma coisa para a ajuda da manutenção dos espaços, para que continuem a servir e a acolher de forma digna outras pessoas. Além disso, os albergues são também quase sempre tutelados por entidades associadas à Igreja ou às autarquias. No nosso caso, a proposta é para que o Albergue Conímbriga (como propomos chamar-lhe, por todos os conteúdos que nesta dissertação apresentámos) possa ser tido como um serviço do Município, gerador de emprego e dinamizador do turismo da região, podendo ser uma fonte de receita e uma mais-valia para a economia do concelho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como até agora vimos, o território de Condeixa-a-Nova é amplamente vasto e revela grandes potencialidades, desde as paisagens naturais do maciço calcário de Sicó, seu pano de fundo, à antiga cidade romana, seu museu monográfico e futuro museu multimédia, aos palácios e museus que se erguem na vila, aos trilhos pedestres e ao Rio dos Mouros, aos queijos e ao mel de Sicó e outros produtos endógenos, entre muitos outros bens. A riqueza patrimonial de Condeixa é deveras vasta para permanecer intacta e estagnada, sem um aproveitamento condigno dos seus recursos de uma forma sustentável.

A intervenção que nos propusemos apresentar vem no sentido de dar continuidade aos esforços que têm sido tomados nos últimos anos, particularmente em termos autárquicos, e especificamente os que recaem sobre o património arqueológico.¹⁶⁰ O objectivo fundamental é proporcionar uma relação mais estreita entre as Ruínas de Conímbriga e a vila de Condeixa-a-Nova, de forma a que funcionem como dois pólos de atração mútuos. Por outras palavras, é nossa intenção que num futuro próximo o número de pessoas que visita Condeixa seja semelhante ao número de pessoas que visita Conímbriga e vice-versa, de modo a que o interesse nos dois pontos seja equiparado.

No culminar deste estudo e de toda a análise feita ao território em causa, as nossas opiniões prévias acabaram por ser confirmadas. As potencialidades de Condeixa são efectivamente conhecidas e tidas em consideração, pois têm sido alvo de vários estudos nos últimos anos, como é o caso de alguma bibliografia que estudámos¹⁶¹.

Os estudos e as pesquisas que efectuámos sobre os temas *turismo e peregrinação* revelaram-se fundamentais para percebermos a dimensão e o impacto que a nossa proposta terá no desenvolvimento do município. As questões relativas ao desenvolvimento turístico e à criação de uma imagem de marca de um determinado destino é, na nossa opinião, o tema fundamental. O impacto que património como as Ruínas Romanas de Conímbriga tem no contexto em que se inserem foi, sem dúvida, a principal ferramenta de trabalho.

Estudámos os vários tipos de turismo e em qual tipologia se insere a nossa intervenção; percebemos que o desenvolvimento regional começa, grande parte das vezes, com pequenos investimentos em estruturas dinamizadoras do turismo; analisámos as várias possibilidades de criar uma rede de percursos que cheguem à maior parte das pessoas; apresentamos percursos possíveis de albergar várias valências, desde o passeio turístico ao

¹⁶⁰ Uma das propostas do último executivo camarário é elevar Conímbriga ao reconhecimento como Património Mundial da UNESCO. Retirado de <http://www.cm-condeixa.pt/noticias/noticia.php?id=1340>, acedido em Setembro de 2015.

¹⁶¹ SILVA (2011), RELVAS (2014), RODRIGUES (2011), AMARAL (2015), ALMEIDA (2014)

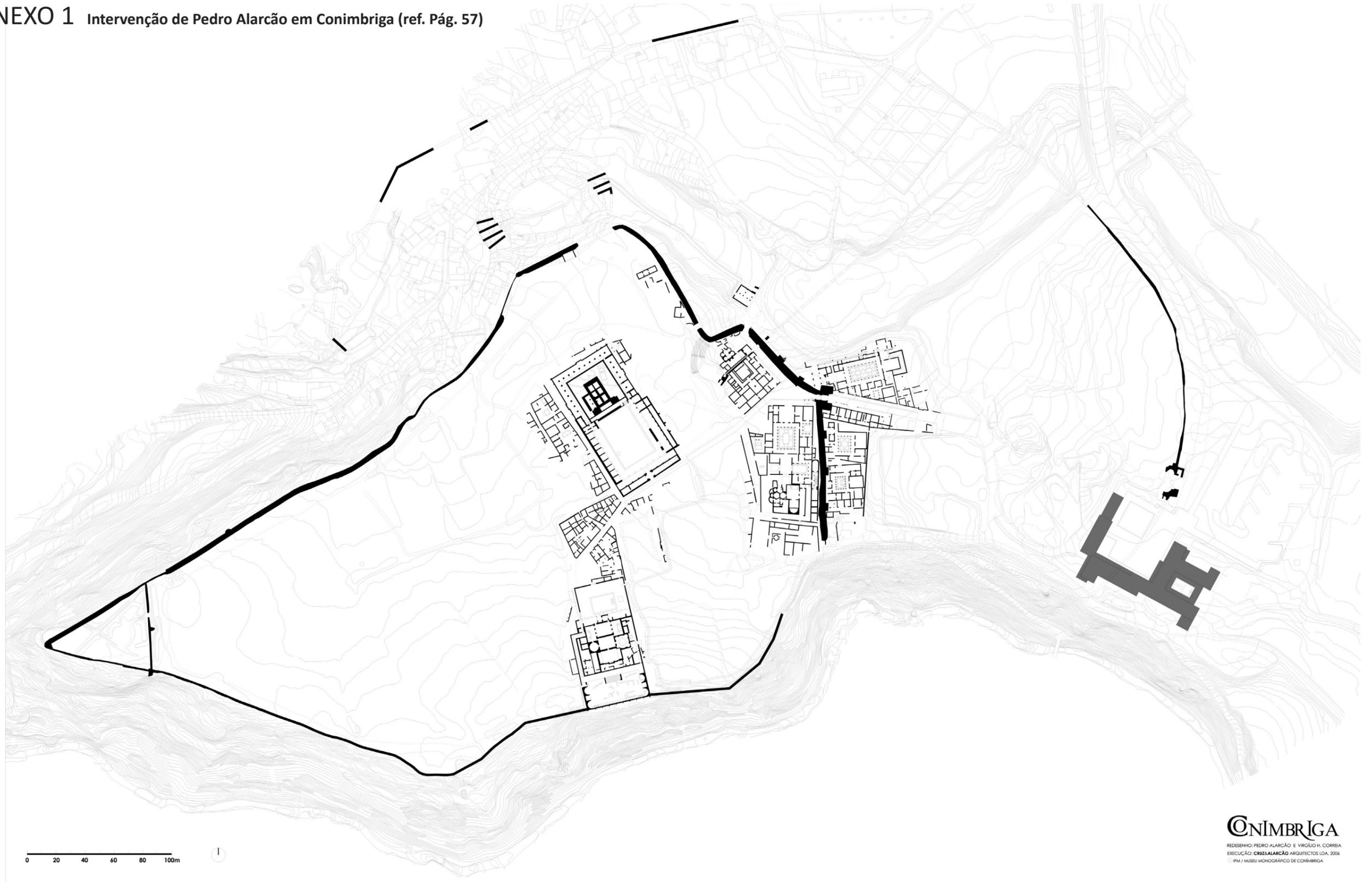
caminho de peregrinação, passando pelo caminho de manutenção física e de exploração da natureza, com a possibilidade de se percorrer também de bicicleta.

Especificamente sobre a temática do turismo, foi realizada uma análise da estrutura física referente às Ruínas de Conímbriga, nomeadamente a sua localização, os seus acessos, o parque de estacionamento, as indicações de entrada e percurso a seguir, e ainda a envolvência dos próprios espaços. A conclusão que retirámos desta análise é que as fragilidades estão, efectivamente, num patamar muito equilibrado com as suas potencialidades. A antiguidade relativa da estrutura que é o Museu Monográfico e os poucos investimentos que tem sido alvo fê-lo “estagnar” e não acompanhar o ritmo da evolução dos tempos. Ressalvamos o facto de se tratar apenas de uma opinião pessoal tendo em conta a análise *in loco* da estrutura em causa.

Ao chegar a este ponto do trabalho verifica-se o cumprimento dos objectivos a que nos propusemos inicialmente. As propostas que apresentamos, os caminhos e o albergue, chegaram a um ponto de desenvolvimento passível de ser trabalhado numa realidade próxima e efectiva. Em conversa com a arquitecta responsável pelo Museu PO.RO.S e com a equipa responsável pela sua exploração turística, verificou-se a viabilidade e pertinência deste estudo, com a eventual possibilidade de trabalhar em parceria com o município. A proposta sobre a qual aborda esta dissertação tem em comum o objectivo primordial do PO.RO.S: a ligação entre Condeixa e Conímbriga.

PARTE IV - ANEXOS

ANEXO 1 Intervenção de Pedro Alarcão em Conímbriga (ref. Pág. 57)



VIRAR A PÁGINA, S.F.F.

ANEXO 2 CARTA DE GRIJÓ (ref. pág. 77)

Os participantes no Fórum Sinalização - Princípios Básicos a adoptar na abertura e sinalização dos itinerários de peregrinação “Caminho de Santiago” e “Caminho de Fátima”, reunidos no Mosteiro de Grijó, a 13 de Dezembro de 2009,

Considerando,

1. Que o Conselho da Europa recomendou em 1984 (Recomendação 987) “Uma cooperação entre os Estados-membros destinada a preservar conjuntamente os itinerários internacionais de peregrinação - por exemplo uma acção concertada tendo em vista fazer figurar os itinerários mais significativos e os seus monumentos no repertório do património mundial da UNESCO”.

2. Que o Conselho da Europa apresentou a Declaração de Santiago de Compostela (23 de Outubro 1987), apelando as autoridades, instituições e cidadãos para (entre outros):

a) Perseguir o trabalho de identificação dos caminhos de Santiago sobre o conjunto do território europeu;

7. Que existem em Portugal diversos itinerários históricos de peregrinação, seja a Santiago de Compostela, seja a outros santuários nacionais que, em certas épocas da História, convocaram milhares de peregrinos.

8. Que os itinerários portugueses de peregrinação a Santiago de Compostela registaram, desde do século IX até aos dias de hoje um contínuo fluxo de peregrinos, mesmo quando o mesmo não acontecia em outros itinerários, hoje classificados como património mundial.

9. Que na actualidade, os Caminhos Portugueses são o segundo itinerário mais percorrido dos Caminhos de Santiago.

10. Que os itinerários de peregrinação são itinerários religiosos e de manifestação de fé de quem os percorre com esse intuito, mas que permitem ainda o contacto com o património cultural, artístico, arquitectónico e da natureza, promovendo o desenvolvimento sustentável e contribuindo para o desenvolvimento socioeconómico das regiões que atravessam.

Declaram,

1. Que é urgente que o Estado português se consciencialize do património cultural e paisagístico que constituem os itinerários de peregrinação em Portugal;

2. Que é urgente a classificação dos Caminhos Portugueses de Santiago como património cultural e natural nacional, promovendo medidas para o seu estudo, protecção e conservação.

3. Que importa iniciar o processo de candidatura para a inscrição dos Caminhos

Portugueses de Santiago na lista do património mundial da UNESCO.

4. Que para este efeito, seja constituído o Conselho Jacobeu, organismo interministerial de gestão e coordenação para os itinerários de peregrinação em Portugal. O Conselho Jacobeu deverá ainda integrar as Câmaras Municipais e outras instituições públicas regionais. Devem ter assento no Conselho Jacobeu as associações jacobeias e as demais relacionadas com estes itinerários.

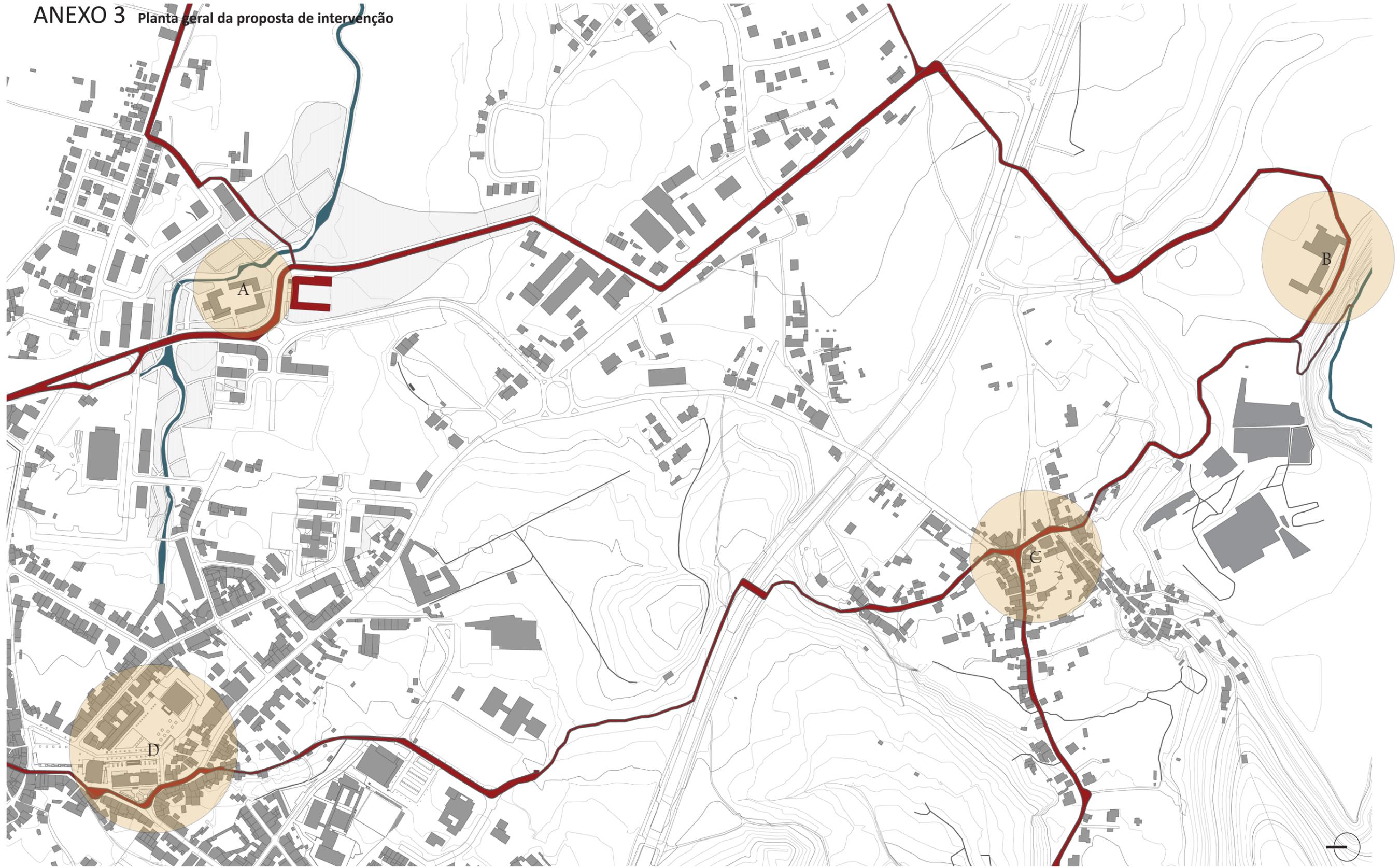
5. Que neste âmbito, seja nomeada ou criada, pelo Governo da República Portuguesa, uma entidade responsável pela regulamentação e homologação da sinalização dos itinerários de peregrinação em Portugal, em especial para os Caminhos de Santiago e os Caminhos de Fátima. Esta mesma entidade deverá ser responsável pela elaboração de um manual técnico para a execução da sinalização destes itinerários específicos.

Os participantes no Fórum Sinalização - Princípios Básicos a adoptar na abertura e sinalização dos itinerários de peregrinação “Caminho de Santiago” e “Caminho de Fátima”, em vésperas do Ano Jubilar Compostelano de 2010, manifestam ainda o seu desejo de que os Caminhos Portugueses de Santiago possam vir a ser inscritos na lista do património da humanidade da UNESCO por ocasião do Ano Santo de 2021.

Grijó, 13 de Dezembro de 2009¹

¹ Retirado de <http://ncastelacanjilho.blogspot.pt/2009/12/895-no-camino.html>, acedido em Maio de 2015.

ANEXO 3 Planta geral da proposta de intervenção



-  Caminhos intervencionados
 -  Edifícios envolventes
 -  Espaços Verdes
 -  Linhas de água
 -  Principais pontos da proposta
- A) Museu PO.RO.S B) Museu Monográfico de Conímbriga C) Condeixa-a-Velha D) Condeixa-a-Nova

Escala 1.5000

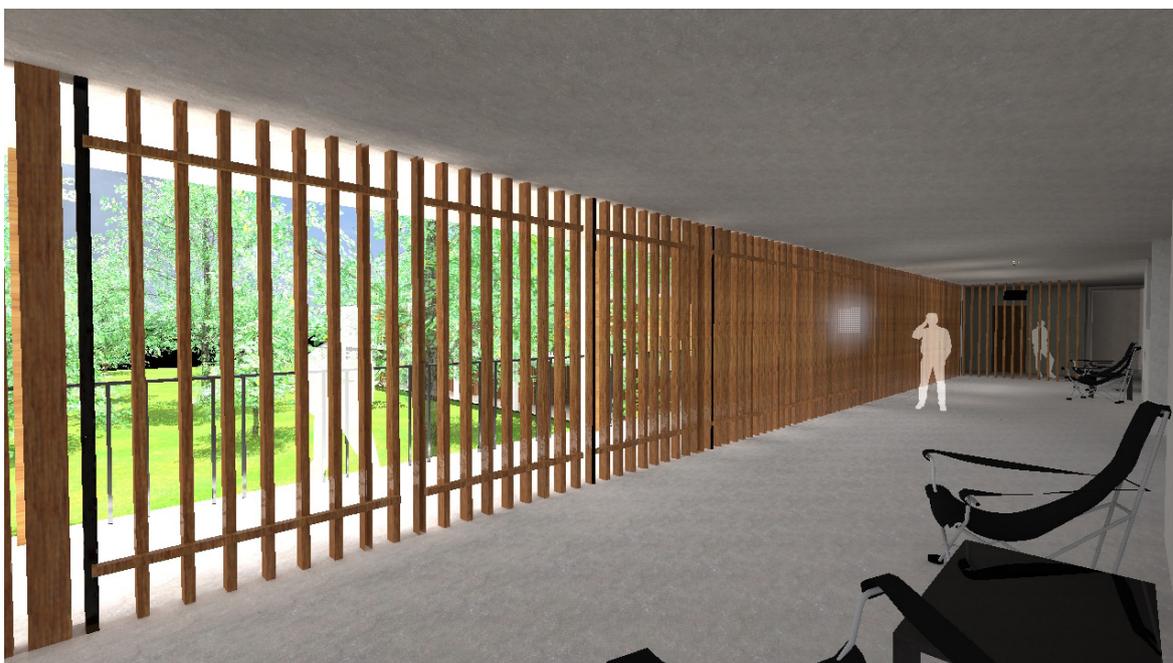
ANEXO 4 Projecto do Albergue Conimbriga: planta de localização



- Intervenções
- Edifícios envolventes
- Espaços Verdes
- Linhas de água
- A) Museu PO.RO.S
- B) Parque Verde da Ribeira de Bruscos
- C) Centro de Saúde
- D) Mercado Municipal

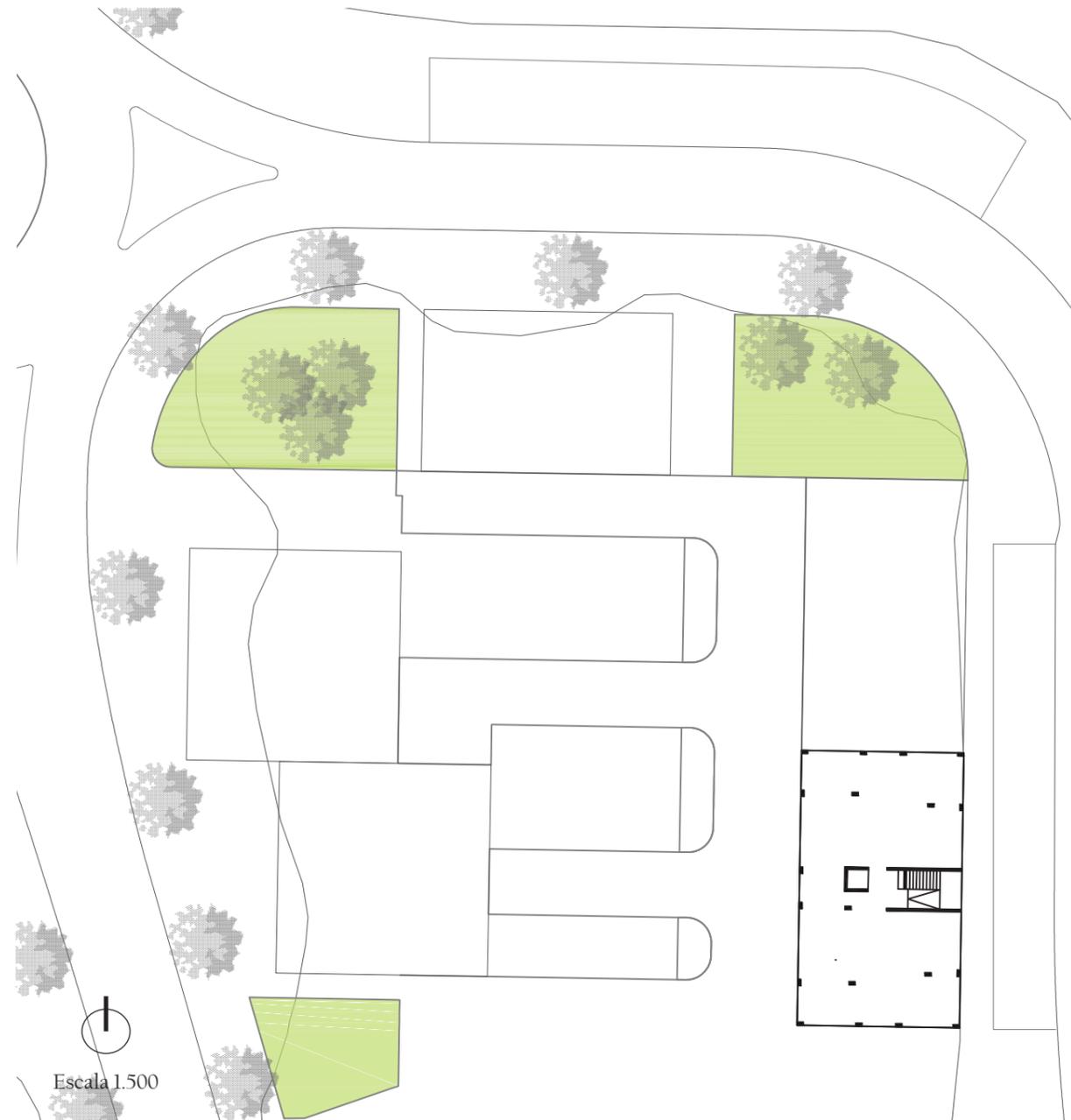
VIRAR A PÁGINA, S.F.F.

ANEXO 5 Projecto do Albergue Conímbriga: fotomontagens



- 1) Vista do pátio do Albergue Conímbriga, para Sul
- 2) Vista da entrada do Albergue Conímbriga

ANEXO 6 Projecto do Albergue Conímbriga: preexistência e proposta

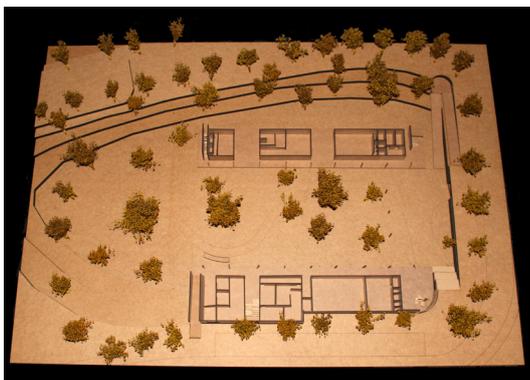
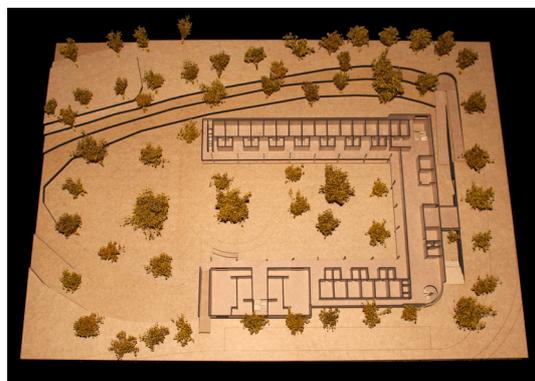
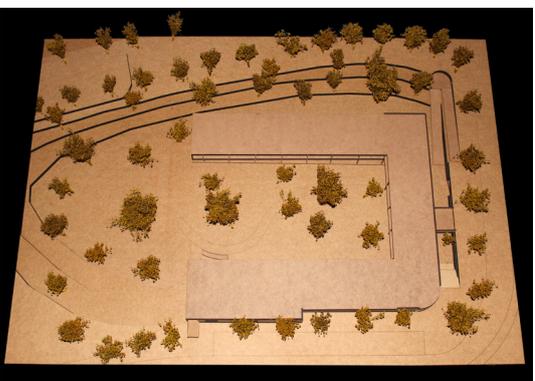
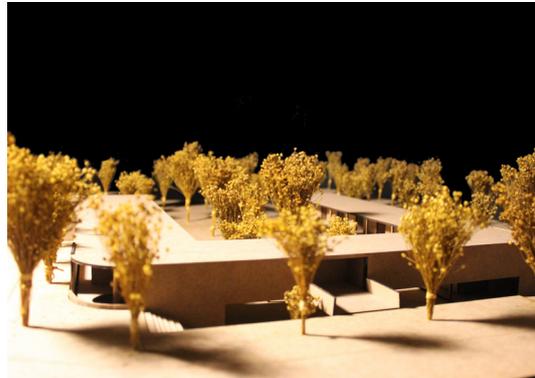


- 3) Planta do Piso 0 da estrutura existente no local e envolvente
- 4) Planta do Piso 0 da proposta do Albergue Conímbriga

ANEXO 7 Projecto do Albergue Conímbriga: estado actual do terreno onde se propõe a sua implantação



ANEXO 8 Projecto do Albergue Conímbriga: fotografias da maqueta à escala 1:100



ANEXO 9 Fotografias da autora: Ruínas de Conímbriga e Museu Monográfico



ANEXO 10 Fotografias da autora: Museu PO.RO.S



ANEXO 11 Fotografias da autora: Condeixa-a-Velha e Condeixa-a-Nova



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros, Artigos e Revistas

ABREU, Fernando (2013). História da adoração de Santiago e dos seus caminhos. Actas das I Jornadas de Valorização do Património Cultural, Material, Imaterial e Natural de Condeixa-a-Velha, 93-98

ALARCÃO, Adília (1987). *O sítio de Conímbriga*. Coimbra: Seminário de Musealização de Sítios, Instituto Português do Património Cultural- Centro de Formação e Estudos

ALARCÃO, Jorge de (1974). *Portugal Romano*. Lisboa: Editorial Verbo

ALARCÃO, Jorge de (1999). *Conímbriga: o chão escutado*. Lisboa: Edicarte

ALMEIDA, Fernando (2014). *Condeixa, lugar de grande estrada. Quadros para a sua história*. Câmara Municipal de Condeixa, Condeixa-a-Nova

ALMEIDA, Paulo (2013). *A imagem como variável preponderante na afirmação dos destinos como turísticos*. Actas das I Jornadas de Valorização do Património Cultural, Material, Imaterial e Natural de Condeixa-a-Velha, 72-77

AMARAL, Pedro (2014). *O canhão do Rio de Mouros: uma área protegida esperando visitas?*, Actas das I Jornadas de Valorização do Património Cultural, Material, Imaterial e Natural de Condeixa-a-Velha, 37-40

AMBRÓSIO, Vítor (2000). *Fátima: Território Especializado na Recepção de Turismo Religioso*. Lisboa: Instituto Nacional de Formação Turística

CORREIA, Virgílio H. (2009), *Conímbriga: Roteiro Breve das Ruínas e Museu*. Coimbra, 1ª edição

CORREIA, Virgílio H. (2011). *Conímbriga e o Turismo: um modo de olhar*. Actas do 1.º Encontro Regional de Técnicos de Turismo, Condeixa: Agrupamento de Escolas de Condeixa-a-Nova, 35-41

GASPAR, José (Ed.) (1983). *Condeixa-a-Nova*. Coimbra: 2ª edição

MAN, Adriaan de (2006). *Conímbriga: Do Baixo Império à Idade Média*. Lisboa: Edições Sílabo, 1ª edição

MENDONÇA, A. et al. (2010). *Condeixa - Paisagem, Memória e História*. Condeixa: Paróquia de Condeixa-a-Nova

MORENO, Humberto (1986). *Vias portuguesas de peregrinação a Santiago de Compostela na Idade Média*. Porto: História- Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Série II, Vol.3, p.77-89

PESSOA, Miguel (1991). *A muralha de Conímbriga: Condeixa-a-Velha: elementos de estudo*. Edição do autor

PESSOA, Miguel; **RODRIGO**, Lino (2005). *Conímbriga, Almedina de Condeixa-a-Velha. De cidade a courela, de courela a cidade*. Arquivo Coimbrão, Boletim da Biblioteca Municipal, Separata Volume XXXVIII, Coimbra

PESSOA, Miguel; **RODRIGO**, Lino (coord.) (2007). *Conímbriga e Rio dos Mouros- Sugestão de percursos museológicos de visita ao ritmo da fotografia antiga de Carlos Relvas*, Atelier Fillon / A. Bobone, Mesquita de Figueiredo, Caetano da Silva, A. Rasteiro et al., Condeixa-a-Nova: Associação Ecomuseu de Condeixa

PESSOA, Miguel; **RODRIGO**, Lino (coord.) (2015). *Actas das I Jornadas de Valorização do Património Cultural, Material, Imaterial e Natural de Condeixa-a-Velha*. Condeixa-a-Nova: Edição Associação Ecomuseu de Condeixa, Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova, União de Freguesias de Condeixa-a-Velha e Condeixa-a-Nova

PIMENTEL, Emanuelle; **PINHO**, Tânia e **VIEIRA**, Alexandra (2006). *Imagem da Marca de um Destino Turístico*. Brasil: Revista Turismo – Visão e Acção, Vol. 8, nº. 2, p.283-298

SANTOS, M. Graça (2006). *Espiritualidade, Turismo e Território. Estudo geográfico de Fátima*, S. João do Estoril: Príncipeia

SILVA, José (2004). *Caminhos de Santiago: uma Europa peregrina*. THEOLOGICA, 2.ª Série, 39, 2, 331-357

SILVA, Sofia (2013). *Projecto PO.RO.S (Portugal Romano em Sicó)*. Atas do 1.º Encontro Regional de Técnicos de Turismo. Condeixa: Agrupamento de Escolas de Condeixa-a-Nova, 68-71

VAQUERO, M., **HERNANDÉZ**, M. (1998). *Ciudades históricas: patrimonio cultural y recurso turístico*, Éria, 47, pp. 249-266

Revista Portugal Global nº. 61, retirado de <http://www.revista.portugalglobal.pt/AICEP/PortugalGlobal/Revista61/>, acedido em Setembro de 2015

Revista Monumentos, nº. 25, Setembro de 2006

Dissertações

GOMES, Leandro (2012). *Olhares Sobre o Património - Uma Etnografia do Caminho de Santiago Português*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social e Cultural, Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

FERREIRA, Ana Paula (2013). *Património e Cidadania: dos vestígios arqueológicos à acção*

pedagógica. Coimbra: Dissertação de Doutoramento em Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

MARICATO, Nuno (2012). *O turismo em Portugal: tendências e perspectivas*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em Gestão, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

MARTINS, Carlos (2014). *O Programa de Obras Públicas para o Território de Portugal Continental, 1789-1809. Intenção Política e Razão Técnica – o Porto do Douro e a Cidade do Porto*. Volume I. Coimbra: Tese de Doutoramento em Arquitectura, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

MENDES, Ana Catarina (2009). *Peregrinos a Santiago de Compostela: Uma Etnografia do Caminho Português*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social e Cultural, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

NADAIS, Catarina (2010). *O Turismo e os Territórios da Espiritualidade. Os Caminhos de Santiago em Portugal*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em Lazer, Património e Desenvolvimento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

RELVAS, João (2014). *Rotas Interpretativas – Condeixa-a-Nova. Transição entre o Baixo Mondego e Vales do Maciço de Sicó*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

RODRIGUES, Marta (2011). *Habitação nobre na vila de Condeixa*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em História de Arte, Património e Turismo Cultural, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

SILVA, Carlos (2011). *Sicó: a dimensão cultural das paisagens. Um estudo de turismo nas suas vertentes cultural e natureza*. Coimbra: Dissertação de Doutoramento em Turismo, Lazer e Cultura, no Ramo Património e Cultura, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

SILVA, Ana (2015). *À margem da identidade: contributos para a valorização da identidade de Aljustrel, Fátima. Espaços Públicos e Acessos*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Publicações em linha

OMT – Organização Mundial Turismo (1998), *Introducción al turismo*. Egraf, Madrid

INE - Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2012), *Censos 2011 - Resultados Definitivos - Potugal*, Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, em <http://observatorio-lisboa.eapn.pt/pesquisa/Censos+2011>, acedido em Julho de 2015.

LEADER II (2001) – *Guia pedagógico sobre a elaboração e execução de um projecto de*

passeio pedestre – valorização do turismo de passeio pedestre nos territórios rurais, Caderno 12, Observatório Europeu Leader

PENT - Plano Estratégico Nacional (2011), Horizonte 2010 - 2015 ,Versão 2.0 (revisão de 2011), retirado de http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/Documents/PENT_Revis%C3%A3o.pdf, acessado em Setembro de 2015

UNESCO (2003). *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural e Imaterial*, retirado de <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>, acessado em Setembro de 2015

REFERÊNCIAS EM LINHA

P. 31 - <http://www.revista.portugalglobal.pt/AICEP/PortugalGlobal/Revista61/>, acessado em Setembro de 2015

P. 33- <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ProTurismo/estat%C3%ADsticas/Pages/Estat%C3%ADsticas.aspx>, acessado em Janeiro de 2016

P. 33- http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/Documents/PENT_Revis%C3%A3o.pdf, acessado em Setembro de 2015

P. 39- <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>, acessado em Setembro de 2015

P. 39- <http://whc.unesco.org/en/statesparties/pt>, acessado em Setembro de 2015

P. 75- <http://www.caminhosantiagoviana.pt/associacoes.html>, acessado em Janeiro de 2016

P. 77- <http://ncastelacaniho.blogspot.pt/2009/12/895-no-camino.html>, acessado em Agosto de 2015

P. 83- <http://peregrinossantiago.es/eng/pilgrims-office/statistics/>, acessado em Dezembro de 2015

P. 103 - <http://www.santuاريو-fatima.pt/portal/index.php?id=89282>, acessado em Novembro de 2015

P. 107- <http://www.rotadoperegrino.com/acerca/>, acessado em Julho de 2015

P. 113- <http://portocanal.sapo.pt/noticia/58887/>, acessado em Novembro de 2015

P. 115- <http://www.tintafresca.net/News/newsdetail.aspx?news=6309222e-0cc1-43f7-954a-c836701c4804&edition=180>, acessado em Novembro de 2015

P. 115- <http://www.santuاريو-fatima.pt/portal/index.php?id=89301>, acessado em Novembro de 2015

- P. 117- http://www.rotadoperegrino.com/?multi_city=211, acessido em Novembro de 2015
- P. 119- <http://www.cm-condeixa.pt/noticias/noticia.php?id=1287>, acessido em Novembro de 2014
- P. 119- <http://www.cm-condeixa.pt/noticias/noticia.php?id=1130>, acessido em Julho de 2015
- P. 119- <http://www.vialusitana.org/sobre/fazemos/>, aedido em Novembro de 2014
- P. 137- <http://www.cm-condeixa.pt/noticias/noticia.php?id=890>, acessido em Dezembro de 2014
- P. 137- <http://www.cm-condeixa.pt/noticias/noticia.php?id=939>, acessido em Dezembro de 2014
- P. 137- <http://www.cm-condeixa.pt/noticias/noticia.php?id=1488>, acessido em Junho de 2015
- P. 141- <http://www.cm-condeixa.pt/noticias/noticia.php?id=891>, acessido em Dezembro de 2014
- P. 141- <http://www.cm-condeixa.pt/menu/turismo/conimbriga.html>, acessido em Junho de 2015
- P. 143- <http://www.theguardian.com/travel/2015/apr/06/10-best-ancient-ruins-cambodia-peru-china-italy>, acessido em Setembro de 2015
- P. 145- http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao, acessido em Julho de 2015
- P. 147- <https://www.publico.pt/local/noticia/hodos-ou-a-arquitectura-no-caminho-das-rotas-de-peregrinacao-1678579>, acessido em Outubro de 2015
- P. 151- <http://www.terrasdesico.pt/associacao.php>, acessido em Setembro de 2015
- P. 159- <http://www.cm-condeixa.pt/noticias/noticia.php?id=1340>, acessido em Setembro de 2015

REFERÊNCIAS DE IMAGENS

Imagem 1: **Localização do Albergue**, autoria própria (2015)

Imagem 2: **Localização geográfica de Condeixa-a-Nova**, adaptado de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Condeixa-a-Nova>, acessido em Junho de 2015

Imagem 3: **Principais vias de acesso a Condeixa-a-Nova**, adaptado de blackbulls.com.pt/?page_id=748, acessido em Junho de 2015

Imagem 4: **Traçado aproximado da Estrada Real Lisboa-Coimbra**, autoria própria, segundo dados recolhidos em GASPAR, 1983

Imagem 5: **Serra de Sicó**, autoria própria (2015)

Imagem 6: **Localização dos palácios na vila de Condeixa-a-Nova**, autoria própria (2015)

Imagem 7: **Ruínas do Anfiteatro romano, em Condeixa-a-Velha**, autoria própria (2015)

Imagem 8: **Castellum de Alcabideque**, autoria própria (2015)

Imagem 9: **Vista aérea das Ruínas Romanas de Conímbriga**, extraída de Google Earth, em Dezembro de 2015

Imagem 10: **Painel informativo da Rota de Conímbriga e sinalizações**, autoria própria (2015)

Imagem 11: **Fenda do Rio dos Mouros, vista das Grandes Termas do Sul, em Conímbriga**, autoria própria (2015)

Imagem 12: **Vestígio de um arco do aqueduto que transportava a água para Conímbriga, vindo de Alcabideque**, autoria própria (2015)

Imagem 13: **Planta Geral de Conímbriga**, desenho de José Luís Madeira, retirado de PESSOA, 1991:6- 7

Imagem 14: **Principais vias romanas no actual território português**, desenho de Vasco Gil Mantas, retirado de *História de Portugal dos Tempos Pré-Históricos aos nossos dias*, Vol. II, Parte II, p. 220

Imagem 15: **Reconstituição da cidade romana de Conímbriga no séc. II d.C.**, desenho de J. C. Golvin, retirado de <http://jeanclaudegolvin.com/wp-content/uploads/2015/02/greco-romain-conimbriga-vue-generale.jpg>, acedido em Janeiro de 2016

Imagem 16: **Reconstituição da Muralha Augustana**, retirado de PESSOA, 1991:39

Imagem 17: **Aspecto das escavações de Conímbriga em 1935, antes da descoberta das casas extra muros**, retirado de <https://pt.pinterest.com/pin/537687642987823238/>, acedido em Janeiro de 2016

Imagem 18: **Campanhas de escavação em 1964**, retirado de <https://pt.pinterest.com/pin/537687642987824918/>, acedido em Janeiro de 2016

Imagem 19: **Peristilo central da Casa dos Repuxos durante os primeiros restauros, entre 1939 e 1945**, retirado de <https://pt.pinterest.com/pin/537687642987823841/>, acedido em Janeiro de 2016

Imagem 20: **Casa da Cruz Suástica, uma das três casas que se encontra fora da muralha**, autoria própria (2015)

Imagem 21: **Museu Monográfico de Conímbriga no ano da sua fundação, 1962**, imagem cedida pelo Museu Monográfico de Conímbriga

Imagem 22: **Uma das salas de exposição do Museu**, imagem cedida pelo Museu Monográfico de Conímbriga

Imagem 23: **Aspecto exterior do Museu Monográfico de Conímbriga em 2015**, autoria própria (2015)

Imagem 24: **Apóstolo S. Tiago Maior, 1661**, pintura de Rembrandt, retirado de https://pt.wikipedia.org/wiki/Santiago_em_Oração, acedido em Novembro de 2015

Imagem 25: **Catedral de Santiago de Compostela**, Paulo Teodósio (2000)

Imagem 26: **A “Compostela”**, retirado de www.caminhosantiagoviana.pt/compostela.html, acedido em Dezembro de 2015

Imagem 27: **Peregrino de Santiago de Compostela**, Turismo de Santiago de Compostela, retirado de www.porto24.pt/cidade/seminario-de-vilar-ja-recebe-peregrinos-de-santiago-de-compostela/, acedido em Novembro de 2015

Imagem 28: **Vieira, símbolo da peregrinação**, retirado de www.turismoporespana.com.ar/el-camino-de-santiago/#, acedido em Novembro de 2015

Imagem 29: **Rede de Caminhos de Santiago na Europa**, retirado de www.caminhodesantiago.com.br/mapas/mapa_credencial_europa.htm, acedido em Dezembro de 2015

Imagem 30: **Caminho Português a Santiago de Compostela**, retirado de www.caminhodesantiago.com.br/mapas/mapa_credencial_portugues.htm, acedido em Dezembro de 2015

Imagem 31: **Exemplos da sinalização presente no Caminho**, autoria própria (2015)

Imagem 32: **Credencial do Peregrino**, retirado de www.caminhosantiagoviana.pt/credencial.html, acedido em Dezembro de 2015

Imagem 33: **Caminho Central Português a Santiago de Compostela**, retirado de www.joamarinho.com/2011/07/caminho-de-santiago-portugues.html, acedido em Dezembro de 2015

Imagem 34: **Albergue de São Pedro de Rates**, retirado de https://pedalopelacidade.files.wordpress.com/2014/06/img_7861-800x600.jpg, acedido em Dezembro de 2015

Imagem 35: **Albergue de Ponte de Lima**, retirado de <https://pt.pinterest.com/munpontedelima/servicos-municipais/>, acedido em Dezembro de 2015

Imagem 36: **Cova de Iria, 1918: primeira construção no local da aparição, onde actualmente existe o Santuário**, retirado de restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/05/Santuario-de-fatima.html, acedido em Dezembro de 2015

Imagem 37: **“Milagre do Sol”: aparição de Nossa Senhora na Cova de Iria a 13 de Outubro de 1917**, retirado de <https://largodoscorreios.wordpress.com/2013/10/13/uma-data-de-datas-xlvi-O-milagre-do-sol/>, acedido em Dezembro de 2015

Imagem 38: **Peregrinação em 1927**, retirado de restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/05/Santuاريو-de-fatima.html, acessido em Dezembro de 2015

Imagem 39: **"Recinto da Oração" na peregrinações de 1951**, retirado de restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/05/Santuاريو-de-fatima.html, acessido em Dezembro de 2015

Imagem 40: **Praceta de S. José**, retirado de restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/05/Santuاريو-de-fatima.html, acessido em Dezembro de 2015

Imagem 41: **Peregrinos em 1927**, retirado de restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/05/santuاريو-de-fatima.html, acessido em Dezembro de 2015

Imagem 42: **Basílica da Santíssima Trindade**, retirado de <http://diariodigitalcastelobranco.pt/detalhe.php?id=7475>, acessido em Dezembro de 2015

Imagem 43: **Basílica de Nossa Senhora do Rosário**, retirado de <http://www.mobilidade-infinita.pt/wp-content/gallery/tour-fatima-batalha/fatima-1.jpg>, acessido em Dezembro de 2015

Imagem 44: **Maqueta do projecto para o novo altar**, retirado de <http://www.fatima.pt/portal/index.php?id=89282>, acessido em Dezembro de 2015

Imagem 45: **Exemplos da sinalização do Caminho para Fátima**, autoria própria (2015)

Imagem 46: **Mapa dos Caminhos para Fátima e para Santiago de Compostela**, retirado de <http://www.caminho.com.pt/>, acessido em Outubro de 2015

Imagem 47: **Rotas de peregrinação a Fátima definidas pela "Rota do Peregrino"**, retirado de <http://issuu.com/rotaperegrino/docs/rotadoperegrino?e=4823295/3006379>, acessido em Outubro de 2015

Imagem 48: **Principal rede viária no território de Condeixa-a-Velha**, autoria própria (2015)

Imagem 49: **Itinerário actual para Fátima por Condeixa, via IC2**, autoria própria (2015)

Imagem 50: **Proposta de novo itinerário para Fátima por Condeixa, via Ruínas de Conímbriga**, autoria própria (2015)

Imagem 51: **Itinerário actual do Caminho de Santiago, por Condeixa**, autoria própria (2015)

Imagem 52: **Proposta de novo itinerário do Caminho de Santiago por Condeixa**, autoria própria (2015)

Imagem 53: **Relação espacial entre a vila de Condeixa, a aldeia de Condeixa-a-Velha e Conímbriga**, autoria própria

Imagem 54: **Casa da Quinta de S. Tomé antes da intervenção**, retirado de <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71590>, acessido em Novembro de 2015.

Imagem 55: **Museu PO.RO.S (Casa da Quinta de S. Tomé após a intervenção)**, autoria própria

(2015)

Imagem 56: **Esquema geral da proposta**, autoria própria (2015)

Imagem 57: **Museu PO.RO.S**, autoria própria (2015)

Imagem 58: **Localização do Museu PO.RO.S e das Ruínas de Conímbriga**, autoria própria (2015)

Imagem 59: **Ruínas de Conímbriga**, autoria própria (2015)

Imagem 60: **Condeixa-a-Velha: Igreja de S.Pedro vista da entrada de Conímbriga**, autoria própria (2015)

Imagem 61: **Condeixa-a-Nova: Ribeira do Parque Verde**, autoria própria (2015)

Imagem 62: **Proposta de Ligação a), entre Museu PO.RO.S e Conímbriga**, autoria própria (2015)

Imagem 63: **Proposta de Ligação b), entre Museu PO.RO.S, Conímbriga, Condeixa-a-Velha e Condeixa-a-Nova**, autoria própria (2015)

Imagem 64: **Proposta de Ligação c), referente à rota de peregrinação a Fátima**, autoria própria (2015); e **Proposta de Ligação d), referente ao Caminho de Santiago**, autoria própria (2015)

Imagem 65: **Símbolo de Condeixa como Vila Sicó**, autoria própria (2015)

Imagem 66: **Proposta de localização do Albergue**, autoria própria

Imagem 67: **Planta Piso 0**, autoria própria

Imagem 68: **Planta Piso -1**, autoria própria

Imagem 69: **Vista do interior do pátio do albergue**, autoria própria

Imagem 70: **Vista do interior dos quartos do albergue**, autoria própria

Imagem 71: **Planta de Cobertura**, autoria própria

Imagem 72: **Alçados Norte e Poente, Corte Transversal CC' e Corte Longitudinal DD'**, autoria própria

Imagem 73: **Vista para o interior do pátio do albergue**, autoria própria

Imagem 74: **Vista para a entrada e rampa de acesso ao albergue**, autoria própria

Imagem 75: **Alçados Sul e Nascente e Cortes Transversais AA' e BB'**, autoria própria

Imagem 76: **Cortes Longitudinais EE', FF' e GG'**, autoria própria

Sob orientação do Professor Doutor Carlos Moura Martins.

